



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PAULA ADRIANA VIEIRA DA CUNHA

Histórias, Olhares e Vozes, em Diálogos sobre tempos de ensino remoto na Educação Básica no IFTM Campus Uberlândia

UBERLÂNDIA – MG

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PAULA ADRIANA VIEIRA DA CUNHA

Histórias, Olhares e Vozes, em Diálogos sobre tempos de ensino remoto na Educação Básica no IFTM Campus Uberlândia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Saberes e Práticas Educativas
Orientador: Dr. Astrogildo Fernandes da Silva Júnior

UBERLÂNDIA – MG

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

C972h Cunha, Paula Adriana Vieira da, 1977-
2022 Histórias, Olhares e Vozes, em Diálogos sobre tempos de ensino remoto na Educação Básica no IFTM Campus Uberlândia [recurso eletrônico] / Paula Adriana Vieira da Cunha. - 2022.

Orientador: Astrogildo Fernandes da Silva Júnior.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.6005>

Inclui bibliografia.

1. Educação. I. Silva Júnior, Astrogildo Fernandes da, 1966-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU:37

Rejâne Maria da Silva – CRB6/1925
Bibliotecário Documentalista


UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 156 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: (34) 3239-4212 - www.ppged.faced.ufu.br - ppged@faced.ufu.br


ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Educação				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 29/2022/818, PPGED				
Data:	Dezessete de novembro de dois mil e vinte e dois	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	16:10
Matrícula do Discente:	12012EDU040				
Nome do Discente:	PAULA ADRIANA VIEIRA DA CUNHA				
Título do Trabalho:	"Histórias, Olhares e Vozes, em diálogos sobre tempos de ensino remoto na Educação Básica no IFTM Campus Uberlândia"				
Área de concentração:	Educação				
Linha de pesquisa:	Saberes e Práticas Educativas				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"Observatório do Ensino de História e Geografia: formação permanente de professores e pesquisadores em ambiente digital"				

Reuniu-se, através do serviço de Conferência Web da Rede Nacional de Pesquisa - RNP, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Valeska Guimarães Rezende da Cunha - UNIUBE; Fernanda Duarte Araújo Silva - UFU e Astrogildo Fernandes da Silva Júnior - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Astrogildo Fernandes da Silva Júnior, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

[Aprovado(a)].

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Astrogildo Fernandes da Silva Junior, Professor(a) do Magistério Superior**, em 18/11/2022, às 10:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Duarte Araujo Silva, Professor(a) do Magistério Superior**, em 18/11/2022, às 14:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **VALESKA GUIMARAES REZENDE DA CUNHA, Usuário Externo**, em 01/12/2022, às 16:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4063422** e o código CRC **A99CC0E2**.

DEDICATÓRIA

Se minha mãe tem/teve orgulho nesta terra, se chama: As filhas de Santina!

São cinco filhas, as quais herdaram tudo dela.

Da loucura à completa sanidade.

Do amor platônico ao desapego.

Da total resiliência...

Infinitas características que só quem é filha dessa mulher incrível, sabe o que é possuir.

Santina, mulher guerreira, professora normalista, que retornou aos estudos em 1972 aos 34 anos com mais uma filha no ventre (Núbia), quando foi para o Normal (colegial integrado ao curso técnico para professor) estudou com sua filha mais velha (Vera). Santina, essa que ensinou durante 23 (vinte e três) na mesma escola, que nunca assumiu a coordenação ou direção, não por falta de convites ou indicações, dizia que o que fazia melhor era ensinar. Muitos anos depois, em 1993, quando eu comecei a lecionar fomos colegas na mesma escola.

Não chegava atrasada (mesmo sendo a que morava mais longe), ia à pé para a escola, trabalhava por três turnos, não tirava LIP e nem licença prêmio, amava o que fazia e ao se aposentar tornou-se voluntária na escola (grupo escolar da periferia) que lecionam por toda uma vida.

Não cursou faculdade e dizia ser seu sonho, eu a chamei para fazer pedagogia comigo, mas ela se dizia envergonhada pelos cabelos brancos e rugas, ou seja, se achava velha demais e que não queria ocupar a vaga de um jovem. Eu dizia a ela que cada um ocupa na faculdade e no mundo somente o seu lugar, e que o conhecimento nos renova.

Ela sempre nos dizia que o conhecimento ninguém nos rouba, não se perde, e que esse era o nosso único patrimônio.

Nunca havia visto tão bem-vestida como na minha graduação em pedagogia, não estava mais aqui quando me graduei bacharela em Direito, não estará aqui quando eu receber meu título de Mestre em Educação, mas estou certa que onde estiver, se houver um onde, estará com sua roupa de festa se alegrando por saber que a honrei como uma das filhas de Santina.

*homenagem póstuma

AGRADECIMENTOS

Aos meus (minhas) mestres com Carinho

Os *pseudônimos* foram escolhidos como uma homenagem aos *mestres* da minha vida pessoal e/ou profissional, sem os quais eu não seria quem sou e não teria trilhado os caminhos que percorri. Com eles (elas), aprendi as primeiras letras, as primeiras sílabas, aprendi que o aprender e ensinar não se limitam aos muros da escola, pois há um mundo de possibilidades e que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” mestre Paulo Freire. Aprendi que a pedagogia pode ser libertadora, nos inquietar e nos desacomodar, aprendi a lutar por meu lugar no mundo. Descobri que antes de ensinar era preciso aprender a aprender, pois só sendo aprendiz eu seria capaz de ser ensinante.

“Cada um que passa em nossa vida, leva um pouco de nós mesmos, e deixa um pouco de si mesmo.” Antoine de Saint-Exupéry (1943)

- Pseudônimo **Maria Vieira da Cunha** – Pedagoga, Bacharela em Direito, Professora e Diretora Escolar. Minha primeira diretora, quando ainda se falava pouco em inclusão ou que a exclusão era a regra, ela me ensinou que o(a) aluno(a) de barriga vazia não consegue aprender, nas dificuldades econômicas da década de 80, ela realizava visitas domiciliares aos alunos infrequentes e ao identificar a dificuldades das famílias em alimentar as crianças, pedia doações e levava cestas de alimentos as casas. Nos orientava que era necessário ter um olhar para a Educação de Jovens e Adultos das periferias da cidade, a começar pela nossa realidade.

*In Memoriam

- Pseudônimo **Prof. Marcelo** – Mestre Sociólogo, suas aulas do sábado de manhã na Graduação em Pedagogia estão eternizadas na minha memória, parece que foi ontem, mas já se passaram 20 anos. “O professor precisa ser *encantador*, só assim o(a) aluno (a) aprende. É preciso estar encantado com o que se quer ensinar “.
- Pseudônimo **Isidorio Vieira da Cunha**- mestre com notório saber em raízes e ervas curativas (garrafadas), contador de causos, vendedor e lavrador. Grande apoiador da

continuidade dos estudos de todos(as) à sua volta, sempre usava a expressão “se formem”. Você trouxe para a minha vida o lado lúdico de Contadora de Histórias, sem o qual eu não seria a professora que me tornei.

*In Memoriam

- Pseudônimo **Tatiane Galdino** – Doutoranda em Machado de Assis, da completa loucura à sanidade absoluta, a literatura para ela é um modo de “ler” e estar no mundo. A literatura entrou em minha vida definitivamente por suas rodas de leituras compartilhadas, seu corpo se expressando para além das palavras ditas. Por incentivo dela me inscrevi no mestrado UFU- “não faça seu mestrado em outra instituição/cidade, a UFU é mais difícil, mas é a melhor. Você merece estar lá!”
- Pseudônimo Prof^a **Vilma Moraes** – Pedagoga, minha mestra no magistério, coordenadora da escola que mais tarde eu lecionei, quando eu lhe disse que o planejamento anual realizado pelo grupo de professores(as) estava errado, pois era uma “cópia” do que estava nos livros didáticos, ela me disse: “vê a importância de continuar sua formação acadêmica, é preciso desse olhar para fazermos algo diferente pela educação. Vá fazer sua licenciatura!”. Anos mais tarde fui promovida a coordenadora da S.M.E, tive a honra de ocupar o cargo que ela já havia ocupado.
- Pseudônimo Prof. Benedito Rios – Matemático, Advogado, licenciado em Letras, professor que lecionava na mesma escola que a minha mãe, juntou-se com colegas para fazerem o meu enxoval de bebê, por muitas vezes nos alimentou levando em nossa casa a merenda escolar. Foi meu professor no ensino fundamental II (8ª série), e em dias de prova sempre tentava nos tranquilizar dizendo “não se preocupem, vocês já sabem e só fazer”. Acolhe a todos(as), chamando de irmãos e irmãs.

Dedico ainda as muitas mãos que contribuíram com a escrita (direta e/ou indireta) da produção desta Dissertação e/ou da história da minha vida.

Aos amigos, que me incentivaram e ajudaram, desde o processo de inscrição até a escrita final desse projeto. Muitas vezes o incentivo de vocês foi definidor entre parar e seguir.

Ao meu orientador, professor Dr. Astrogildo Silva Júnior, por me guiar até aqui, escrevendo esta obra a quatro mãos, compreendendo meus limites e colocando luz as minhas potencialidades. Sem você não conseguiria.

Ao meu companheiro Márcio Lima, seu apoio e incentivo incondicional me fizeram acreditar na minha capacidade e força para continuar lutando por meus projetos.

Aos meus filhos Patrick Alencar e Paulo Victor, cada um de nós tem uma história e a de vocês me inspira, pela coragem de acertar e errar. A minha filha Lara Vieira, você é com certeza a minha melhor amiga, pra vida toda. E ainda por compreenderem as minhas limitações como mãe.

RESUMO

Esta pesquisa está inserida na Linha Saberes e Práticas Educativas do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). A pesquisa partiu da seguinte problemática: como se efetivou a educação escolar, durante o ensino remoto, no IFTM, Campus Uberlândia, MG? Dessa forma, o objetivo geral desta investigação consiste em compreender o processo de ensino efetivado no contexto da Pandemia do novo Covid-19, mediado pelas tecnologias digitais no Instituto Federal de Uberlândia, MG, a partir das vozes dos(as) professores(as). Partindo desse objetivo, delineou-se os objetivos específicos: I - Identificar e apresentar o cenário da investigação, ou seja, o Instituto Federal Campus Uberlândia, seus sujeitos e as plataformas digitais utilizadas no contexto da pandemia durante o ensino remoto; II - Registrar as vozes dos professores e professoras, do ensino integrado e do ensino concomitante ao ensino médio (IFTM), que atuaram na modalidade do ensino remoto, buscando refletir sobre sua formação, seus saberes e fazeres. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, inspirado no Estudo de Caso, no qual recorreu-se a diferentes estratégias para a produção de dados. A investigação qualitativa conduz a um modelo fenomenológico no qual a realidade é enraizada nas percepções dos sujeitos, sendo seu objetivo compreender e encontrar significados por meio de narrativas verbais e de observações ao invés de números. Como instrumentos metodológicos, realizou-se uma análise documental nos Projetos Políticos Pedagógicos dos Cursos, recorreu-se a revisão bibliográfica, questionários e entrevistas. Concluiu-se que as tecnologias digitais foram importantes no contexto do ensino remoto, mas as melhores respostas vieram dos fazeres e saberes dos(as) professores(as) que, por meio de sua autonomia profissional e de dinâmicas de colaboração, conseguiram avançar em propostas com sentido pedagógico e com preocupações inclusivas.

Palavras-chave: Ensino Remoto. Tecnologias Digitais. Práticas Docentes.

ABSTRACT

This research is part of the Knowledge and Educational Practices Line of the Graduate Program at the Federal University of Uberlândia (PPGED/UFU). The research started from the following problem: how was school education carried out, during remote teaching, at IFTM, Campus Uberlândia, MG? Thus, the general objective of this investigation is to understand the teaching process carried out in the context of the new Covid-19 Pandemic, mediated by digital technologies at the Federal Institute of Uberlândia, MG, based on the voices of teachers. . Based on this objective, the specific objectives were outlined: I - Identify and present the research scenario, that is, the Federal Institute Uberlândia campus, its subjects and the digital platforms used in the context of the pandemic during remote teaching; II - To record the voices of teachers, of integrated education and of teaching concomitant to high school (IFTM), who worked in the form of remote teaching, seeking to reflect on their training, their knowledge and practices. This is a qualitative study, inspired by the Case Study, in which different strategies were used to produce data. Qualitative research leads to a phenomenological model in which reality is rooted in subjects' perceptions, with the aim of understanding and finding meaning through verbal narratives and observations rather than numbers. As methodological instruments, a documental analysis was carried out in the Pedagogical Political Projects of the Courses, using a bibliographic review, questionnaires and interviews. It was concluded that digital technologies were important in the context of remote teaching, but the best answers came from the actions and knowledge of teachers who, through their professional autonomy and collaborative dynamics, managed to advance in proposals with a pedagogical sense and with inclusive concerns.

Key words: Remote Teaching. Digital Technologies. Teaching Practices.

Lista de Figuras

Figura 1- Foto da fachada frontal do prédio do Campus IFTM Uberlândia.....	38
Figura 2- Foto aérea do Campus IFTM Uberlândia	39
Figura 3- Localização Fazenda Sobradinho	41
Figura 4- Localização IFTM Campus Uberlândia.....	41
Figura 5- Foto da sala de aula do IFTM no período remoto.....	87

Lista de Gráficos

Gráfico 1- Sobre a vida acadêmica	71
Gráfico 2- Acesso a laboratório de informática ao longo da graduação	71
Gráfico 3 - Titularidade das/os docentes	72
Gráfico 4- Cursos Preparatórios.....	74
Gráfico 5- Recursos para internet	76

Lista de Siglas Abreviaturas

UEG	Universidade Estadual de Goiás
SME	Secretaria Municipal de Educação
LIP	Licença por Interesse Particular
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
SESI	Serviço Social da Indústria
FIEMIG	Fundação das Indústrias do Estado de Minas Gerais
DR	Diretoria Regional
MG	Minas Gerais
IFTM	Instituto de Educação, Ciência e tecnologia do Triângulo Mineiro
CF	Constituição Federal
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
CAU	Colégio Agrícola de Uberlândia
SETEC	Secretaria de Educação Tecnológica
MEC	Ministério da Educação
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
ESEBA	Escola de Educação Básica
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
EaD	Educação à Distância
PPP	Projeto Político Pedagógico
E.M	Ensino Médio
TI	Tecnologia de Informação
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EBTT	Ensino Básico, Técnico e Tecnológico
USP	Universidade de São Paulo
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Sumário

1.	Introdução	16
1.1	Escrita da Vida.....	17
1.2	A Aproximação e Delimitação da Temática.....	26
1.3	Itinerários da Pesquisa - A Perspectiva Metodológica	30
1.4	Construção do corpus da pesquisa	36
2.	Cenário da investigação: <i>o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM) Campus Uberlândia</i>	37
2.1	Um olhar histórico sobre o IFTM, Campus Uberlândia	39
2.2	A Educação Profissional Técnica de Nível Médio: o que dizem os PPPs?.....	43
2.3	Tornando Visível o Ensino Mediado por Tecnologias Digitais	57
3.	O que dizem os(as) professores (as) sujeitos da pesquisa: <i>formação, saberes e práticas</i> 65	
3.1	A formação de professores(as): algumas reflexões	66
3.2	Formação e atuação docente em tempos de pandemia: o que dizem as <i>vozes</i> dos(as) professoras e professores	69
	Considerações Finais	86
	Referências.....	89
	Apêndice I: roteiro do questionário para as/os professoras/es.....	93
	Apêndice II: roteiro de entrevista para os(as) docentes.....	95
	Apêndice III: textualização das entrevistas dos docentes	98
	Anexo I: parecer consubstanciado do CEP	136

1. Introdução

Até onde os sonhos podem nos levar?
Esta é a história de uma menina que tinha um vestido feito de sonhos.
Ela colecionava sonhos abandonados pela cidade
Mas, faltava algo nele...
Alexandre Rampazo (2009)

1.1 Escrita da Vida

Inspirada na epígrafe que abre essa seção, trecho da obra de Alexandre Rampazo, me proponho a apresentar aspectos da minha vida pessoal e profissional que se alinham com o interesse pela pesquisa. Acredito que os sonhos, e, a partir deles, a luta e a perseverança podem nos ajudar a conquistar grandes realizações. Considero difícil escrever sobre nós mesmos, pois a maior parte do tempo somos vista, avaliada e julgada pelas lentes dos outros. Mas, ainda que um desafio, pode ser libertador¹.

Me recordo, de quando aos sete anos eu pedi à minha mãe uma boneca professora, ainda mal pronunciava corretamente as palavras e já afirmava: mãe, quero ser professora. E ali em meu mundo imaginário, brincava, construía salas e alunos, e em um jogo de imitação simulava o espaço escolar. Aprendi nos diários de minha mãe a preenchê-los sem rasura e a caneta preta, fazendo uma letra cursiva minúscula para caber nas suas linhas estreitas, achava a melhor “brincadeira” ser ajudante da professora. Envoltos em meio às montanhas de provas, em alguns momentos ela olhava e sorria, com os olhos de gratidão à sua “pequena” ajudante.

Com tanta clareza do que queria ser “quando crescesse”, ao iniciar o ensino médio à época a nomenclatura utilizada era 2º Grau, entre a opção do curso Científico ou o Técnico em Magistério, escolhi o magistério e, assim, aos 16 anos, eu já estava na sala de aula vivenciando minhas primeiras experiências como *professora substituta*, em meio ao pó de giz que cobria a sala e meu rosto de menina, enquanto eu apagava a lousa na Escola Estadual Irani Costa em Itaberaí - Goiás nos anos de 1993 e 1994.

Como estudante do magistério no Colégio Estadual Honestino M. Guimarães, tive oportunidade de participar de um projeto de *monitoria* como bolsista em escolas estaduais, fui lotada na Escola Estadual Genoveva Cabral. Na minha chegada a porteira me barrou, pensando que se tratava de uma aluna, a partir desse encontro me apresentei a diretora Sr.^a Kátia, que demonstrou receio em receber uma jovencinha em sua escola para atuar em sala de aula. Mas, a professora Benedita me acolheu e me incentivava a cada dia em realizar algo novo com a turma de 3ª série. Com a necessidade de uma licença

¹Foi utilizada a primeira pessoa do singular nesta primeira seção por se tratar das experiências pessoais da autora, nas demais seções o texto foi redigido na primeira pessoa do plural, por considerarmos as interlocuções entre a pesquisadora e o orientador, os sujeitos da pesquisa e os referenciais teóricos.

médica para a professora regente, fui convidada pela mesma diretora a permanecer com a turma, agora como *professora pró labore*.

Desse modo, meu primeiro registro formal como professora aconteceu em 1995, estar na docência e ainda cursando o Técnico em Magistério integrado ao 2º grau, era ao mesmo tempo desafiador e instigante. Narrava com orgulho nas minhas aulas de formação, as experiências como docente na sala de aula da 3ª série da escola pública E.E. Genoveva Cabral, pois lá os conteúdos didáticos se materializaram, ganharam forma e significado.

Aos 19 anos de idade e mãe do meu primeiro filho, agora formada como professora de nível técnico, tive uma nova oportunidade de contrato como professora *pró labore* para a sala de Aceleração de Aprendizagem de Jovens e Adultos na Escola Estadual Juca Ludovico em 1996. Tudo naquela pequena escola me encantava, em algumas turmas eu tivesse a altura de meus(as) alunos(as) e em alguns casos, tivesse a mesma idade e havia ainda estudantes com um pouco mais de idade, por ser uma sala multisseriada para adequar o(a) aluno(a) idade/série. Meu filho tinha apenas três meses e eu o amamentava, algumas vezes durante as aulas, minha blusa molhava de leite materno e os(as) alunos(as) que ali estavam me diziam: “tia seu bebê deve estar com fome”, eu olhava para meus alunos(as) e ao ouvi-los tinha certeza da cumplicidade e afeto que estabelecemos em sala de aula e na relação respeitosa que construímos com nossos(as) alunos(as) na nossa trajetória docente.

Tendo minha mãe professora normalista como inspiração, segui seus passos, seus caminhos, “seus diários” e aos poucos fui construindo a escrita da minha vida como docente e ao mesmo tempo me tornava mãe de dois filhos, que motivaram ainda mais a escrever uma história permeada pelos contos, fábulas, quadrinhos, narrativas diversas dos livros infantis.

Segui por alguns anos como professora por contrato *pró-labore*, assumindo turmas na rede estadual de ensino de docentes licenciados, a cada turma um desafio, uma experiência, uma nova escola, à medida que ia vivenciando essas oportunidades foi crescendo o desejo em ter o “meu lugar na escola”, minha sala, minha turma. Afinal como contrato temporário, eu não podia por várias vezes participar da conclusão dos projetos, ver o fruto do trabalho e isso para o (a) professor (a) é frustrante.

Decidi fazer o concurso público para a rede municipal na cidade em que morava no interior do interior de Goiás- Itaberaí. Após a aprovação em concurso público em 1999,

pude escolher a turma e a escola em que lecionaria, o interessante é que mesmo podendo escolher estar em outro lugar, eu tenha escolhido permanecer na escola Genoveva Cabral, onde iniciei como monitora de sala e após como professora regente por contrato *pró labore*. De toda a equipe de profissionais, aquela menina de anos atrás, foi a única a permanecer na escola após o processo de municipalização, os demais foram realocados para a rede estadual de ensino da cidade.

Com meus alunos e alunas, que todos achavam grandes demais e atrasados por estarem em distorção idade/série, aprendi que podia fazer algo significativo, transformador, com eles aprendi que quando compartilhava o pouco que sabia eles me ensinavam muito de suas histórias de vida, com seus dedos e mãos calejados pela enxada e a pele queimada do sol da labuta diária na roça. Era uma troca, sempre foi uma troca respeitosa e afetiva. Desejava apoiá-los na leitura do mundo e das palavras, assim como nos ensina o mestre Paulo Freire. Para que lendo as palavras pudessem seguir a marcha por seus direitos à educação e a um “lugar” no mundo, para além da margem social de onde eu também viera.

Aprendi que para eles eu era especial e eles eram especiais para mim, fui me moldando aos poucos, a cada projeto, a cada turma, num constante aprendizado e descoberta do que era ensinar e aprender. Ao mesmo tempo que era ensinante, também era aprendiz da arte de ensinar e compartilhar saberes.

Mas, chega um momento em que sentimos a necessidade de nos desafiarmos, de vivenciarmos novas experiências, assim “deixei” (ainda que temporariamente) a sala de aula, ao ser promovida no segundo semestre de 2000 a coordenadora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação em Itaberaí-Goiás. Sentia as mãos trêmulas, a emoção alcançar o estômago, acredito que como todo professor que se ausenta do “chão seguro de sua sala de aula”, pensei em desistir e retornar à sala de alfabetização, mas, fui convocada a continuar o caminho que havia iniciado e a compreender que era um novo processo de aprendizado.

Em 2000, eu estava na Graduação de Pedagogia na UEG - Universidade Estadual de Goiás, após aprovação em dois vestibulares em universidade pública, decidi que a Pedagogia era o que faltava para me possibilitar apoiar outros docentes a descobrirem o encantamento de sermos aprendizes e ensinantes, era a realização de um sonho ver meu nome no edital de alunos (as) aprovados (as), comprei jornal para mostrar à toda família, a primeira a cursar uma graduação e ainda em universidade pública. Sentia que estava

seguindo o caminho certo, as escolhas certas e a cada teórico, a cada texto, eu ia me “quebrando” como pessoa e profissional, assim como a “Menina Quebrada” de Eliane Brum. Foi uma desconstrução de tudo ou quase tudo que eu acreditava, que estava nos livros didáticos, no currículo mínimo e orientações que recebíamos dos órgãos governamentais por intermédio de suas secretarias.

O professor Marcelo de Sociologia da Educação, em uma de suas aulas do sábado de manhã no curso de pedagogia- UEG nos disse, olhem para essa lousa, suas crenças estão aqui e apontou para baixo da linha divisória do quadro, ao centro está tudo o que vamos construir e discutir ao longo de um ano da disciplina, e apontando para cima ele nos disse com sua voz firme e olhos claros, lá está todo o aprendizado transformador que vocês adquirirão, talvez sua fé, seu casamento, sua família não estejam preparados para toda essa mudança de paradigma, e podem ruir. Não imaginei que aconteceria dessa forma comigo, mas meu casamento ruuiu. O curso, as descobertas, as possibilidades de formações em outros estados oportunizados pelo meu cargo na Secretaria Municipal de Educação, os diálogos em outras universidades, a segunda maternidade, fez com que a ausência de diálogo e de incentivo para eu continuar estudando por parte do meu cônjuge tornassem a relação sem propósito. Foram quatro anos de segunda a sábado que redirecionaram a escrita da minha vida, não só pelas aulas do professor Marcelo, mas por todas as aulas, todos os textos, os seminários, congressos e viagens, me fizeram rever e/ou mudar minhas crenças e concepções. A Pedagogia foi uma viagem sem volta ao “lugar” que eu estava no mundo, na sala de aula e na minha própria vida.

A cada escrita, era a escrita de mim mesma, da profissional, da mãe e da mulher que estava decidindo ganhar o mundo por meio dos livros, a universidade foi decisiva, afinal como “ler” Paulo Freire e tantos outros teóricos e não decidir fazer algo transformador? A começar por nós mesmos.

Percebi que como mulher, mãe, divorciada e provida de poucos recursos financeiros, a sociedade não considerava minha verdade, e neste contexto sofri preconceitos e assédios. Ainda nos anos de 2001, uma mulher sozinha não fosse capaz de cuidar de seus filhos, estudar, trabalhar sem que obrigatoriamente dependesse de um “provedor”. Sendo que, de fato, "o provedor" em muitos lares brasileiros - são mulheres provedoras e eu não seria a única e nem a última. Não que esse período tenha sido fácil em uma cidadezinha do interior.

Tudo isso só me deu mais força e desejo de construir uma história de vida que fosse permeada de possibilidades, de inserção no mercado de trabalho e de formação acadêmica, isso por eu não aceitar o lugar determinado socialmente para que eu ocupasse, as margens da periferia do interior de Goiás, quase como um sistema de “castas” onde cada um tem seu papel pré-estabelecido, sem planos e sonhos de uma vida diferente. Cresci ouvindo de minha mãe sobre o poder transformador da educação, de como o conhecimento é um bem que ninguém pode nos roubar, e assim como um mantra, eu me dizia e aos meus filhos diariamente, acreditem na força poderosa e transformadora da educação e na força de suas “asas”, seguiremos juntos na escola e na vida.

Um novo relacionamento, agora compartilhamos projetos, sou incentivada a seguir minha graduação em Pedagogia e a continuar os desafios como coordenadora pedagógica na SME, tudo isso com dois filhos pequenos, com olhares e dedos apontados, julgamentos, não foi tarefa simples, seguir e tudo o que me restava, com o apoio de um companheiro esse caminho ficou um pouco mais leve.

Compramos a nossa casinha na periferia da cidade, construímos um lar, compartilhamos sonhos e dificuldades, tivemos altos e baixos de uma relação construída sobre escombros. Decidimos que nosso encontro merecia a celebração com um(a) filho(a), em 2004 uma filha, com inseguranças e receios, nos consolidamos como família. Após a licença paternidade meu companheiro foi desligado, tínhamos agora três crianças, ele desempregado e eu em licença maternidade.

Com a aprovação do meu companheiro em processo seletivo para uma multinacional, decidi tirar uma LIP (Licença por Interesse Particular), desse modo em 2004 nós nos mudamos para Andradina, cidade do interior de São Paulo. Pela primeira vez estávamos sozinhos, sem o apoio de familiares nos vimos mais unidos e cada um de nós teve que enfrentar seus medos e desafios. Em Andradina na Escola Estadual Prof. Argemiro M. Filho - CEFAM em 2005, eu lecionei pela primeira vez em um curso técnico como *professora eventual* foi no Téc. em Magistério, lá eu aprendi muito com aqueles(as) aprendizes de professores (as), foi uma oportunidade de recordar e compartilhar a minha história.

Meu companheiro foi promovido e transferido para a matriz da empresa na cidade de São Paulo em 2006, eu ainda não conhecia a cidade de concreto, o pânico tomou conta de minhas emoções, em meio a esse processo de adaptação e desse caminhar ao final do

ano com o término da minha LIP, decidi voltar com as crianças para Goiás, lá eu assumi em 2007 a coordenação da EMEI Santa Clara, agora com uma “mala” cheia de histórias.

Após quase um ano em Itaberaí-Goiás, sem a possibilidade do meu companheiro retornar e ficar conosco, as crianças para eu cuidar, conciliar com o retorno ao trabalho e um acidente de carro grave com meu companheiro na marginal direita do rio Tietê, nos fizeram repensar sobre a continuidade de nossa família em locais distintos. Assim, em 2008 retornei para São Paulo, compramos um apartamento e decidimos que ficaríamos todos juntos. Posso dizer que tive meu ano sabático, para cuidar da minha família, de nossas emoções, conhecer a metrópole paulistana e viver o que ela nos possibilita de bom, estávamos felizes juntos e nos adaptamos aquele trânsito caótico, barulhento e ao caldeirão cultural que é a cidade São Paulo.

Muitas vezes me sentia como uma nômade com seus três filhos e um mala repleta de sonhos. Em 2009 tivemos no Brasil o reflexo da crise econômica ocasionada pela bolha imobiliária nos Estados Unidos em 2008, em razão do aumento dos valores imobiliários não acompanhado pela renda da população local, as empresas multinacionais foram uma das primeiras a sentirem o impacto dessa crise, que ganhou proporção mundial, gerando altos índices de desemprego, neste cenário fomos afetados, o que nos obrigou a retornar com a família para Goiás nesse mesmo ano. A princípio imaginávamos que ficaríamos domiciliados em Itaberaí- Goiás, retomei minhas atividades como docente assumindo a sala de alfabetização, o que durou menos de um ano e lá estávamos nós as margens do Rio Madeira na construção das Usinas Jirau e Santo Antônio em Porto Velho Rondônia no ano de 2010, sem medo de me equivocar, era como se tivesse atravessado a linha do horizonte e encontrado um novo mundo, com saberes e fazeres distintos do que havíamos vivido até aquele instante. Vimos e ouvimos muitas histórias, experimentamos tanto aprendizado por onde andamos, que tudo isso nos fez perder mudanças e bagagens, mas a mala de conhecimento do mundo foi ficando repleta de vivências.

Em 2012 iniciei uma nova graduação, o Direito foi um sonho adormecido que encontrou seu lugar em Uberlândia - Minas Gerais para ganhar fôlego. Seguir o curso não foi uma escolha fácil, pois no meio da graduação, minha mãe e inspiração, nos deixou. Pensei em desistir, mas não fui ensinada por ela a desistir, só a seguir em frente com a força das mulheres lavadeiras da beira do Rio das Pedras, com suas bacias de roupas e seus filhos dependurados nos colos. De lá saiu minha mãe, para a escola das letras, lá me

criei, mas decidi que podia fazer da minha vida uma escrita diferente, permeada de sonhos e realizações.

O Direito além de uma aspiração me conhecer as leis, ganhou espaço na minha vida como uma autoafirmação e para que eu diga aos meus filhos, vocês podem ser tudo o que quiserem, assim ousem sonhar e façam do mundo o seu lugar. Cada um de nós pode escolher um lugar e uma escrita, para alguns os caminhos da escolarização que acontece nos “bancos” das escolas são mais difíceis, mas em nenhum momento impossível. Na certeza de que as pessoas que não se "formam" em escolas e universidades não possuem conhecimento, ao contrário carregam o saber que a vida diária constrói.

Onde todos leem impossível eu li possível, e assim de modo meio que desprezioso, participei em 2014 de um processo seletivo para pedagoga do SENAI-Uberlândia, para minha aula prática eu construí uma narrativa sobre a Revolução Industrial e as possibilidades educacionais que a formação propicia a cada um de nós, utilizando como o pano de fundo o **tear** da obra *A moça tecelã*². Após três etapas do processo seletivo, fui contratada para acompanhar turmas no vespertino e noturno dos cursos de Qualificação, Aprendizagem e Técnicos e Qualificações do PRONATEC. Lá eu permaneci por dois anos, aprendendo, descobrindo, conhecendo trabalhadores e trabalhadoras de várias áreas, como construção civil, modelagem e costura, panificação, marcenaria, dentre outras, a cada nova turma muitas histórias de vidas, muitas possibilidades. Assim como eu, vários trabalhadores que estavam ali acreditavam que com o curso, o “estudo e o diploma” teriam acesso a novas e melhores oportunidades de vida e trabalho, como não me apaixonar pela história de vida deles(as) que em muito se assemelhava à minha? Impossível como educadora não me impactar pelas possibilidades que as formações do PRONATEC trouxeram a centenas de alunos(as) e desejar ser parte desse processo transformador na vida deles.

Em 2016, houve o processo de Impeachment da presidente Dilma Rousseff o que modificou drasticamente o cenário em relação ao PRONATEC. No SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), onde havia muitas contratações, sem as demandas do Pronatec tivemos um cenário de incertezas e demissionais. No período de instabilidade política o governo federal teve dificuldades em repassar os valores devidos às instituições

² COLASANTI, Marina. *A Moça Tecelã*. São Paulo: Global Editora. 2004.

parceiras, tornando a prestação de serviço inviável. Essa instabilidade, demissões de colegas e o sentimento que tinha dado a minha contribuição, fez com que eu começasse a olhar para além dos muros da instituição que estava.

Tive um gestor no SENAI (2015/16) que me disse que sua vida era metódica e em tons de cinza no primeiro casamento, após o divórcio ele se apaixonou por uma psicóloga e ela lhe deu uma caixa de lápis de cor e lhe disse que colorisse sua vida. Sua companheira dizia que a vida é um constante recomeçar, que quando está tudo organizado em um “lugar” é hora de mudar. Sempre gostei de ouvir suas histórias, ele me incentivava a continuar estudando e a seguir os meus projetos em nossas prosas com café. Em meio a tudo isso, crescia em mim o desejo de retornar à educação básica, ao lado do SENAI, separado por uma grade e infinitas particularidades estão o prédio do SESI, suas cores, o barulho das crianças e a possibilidade de recomeçar permanecendo na mesma instituição. O conjunto das circunstâncias e as possibilidades me fizeram participar do processo seletivo para pedagoga do SESI-FIEMG, desejando “colorir” minha vida e ainda permitir que eu pudesse colorir a vida de muitos jovens e crianças. Assim, ao final de 2016 eu concluí minha graduação em Direito pela Universidade de Uberaba, o aperfeiçoamento em Coordenação Pedagógica do SENAI em Santa Catarina e permaneci no sistema FIEMG, agora na entidade SESI.

Os últimos seis anos (de 2017 a 2022) no SESI tem sido de muito aprendizado e desafios, ser coordenadora em uma instituição que é a “casa da indústria” não é uma tarefa simples. O SESI (Serviço Social da Indústria) é uma rede de ensino particular, o I é de indústria assim como o SENAI a instituição se assemelha a uma empresa, com regras, normativas e a performance da indústria, essa particularidade exige de cada um de nós, dedicação e entregas relacionadas às metas. Mas as cores permanecem, as crianças, os projetos, afirmando-se como uma escola acolhedora, costumo chamar de meu pequeno grande mundo SESI, fazendo analogia ao clássico do Pequeno Príncipe³.

O processo de ensinar parecia posto sem grandes mudanças, foi alterado pela Pandemia do COVID-19 nos obrigando a aprendermos e aprofundarmos sobre as novas tecnologias e suas possibilidades de uso aplicados à educação. Situação vivência em maior ou menor escala por todos(as) educadores(as) e educandos(as), na instituição que atuo não foi diferente, o Ensino Remoto e na sequência o Ensino Híbrido na Educação

³ SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. O Pequeno Príncipe. 51ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 2015.

Básica, nos conduziu a uma mudança de paradigma, exigido muito estudo para vivenciarmos essa experiência.

Na instituição que atuo, as aulas presenciais foram paralisadas no dia 16 de março de 2022, nesse final de semana teríamos um encontro de profissionais da Educação do nosso DR- MG, palestrantes e participantes já estavam no traslado a caminho de Uberlândia, toda a programação e viagens foram suspensas imediatamente. Como a Pandemia ainda era algo muito distante de nossa realidade, chegamos a cogitar a manutenção do evento. Mas, a decisão da presidência da federação foi pela suspensão de todas as atividades e viagens. A princípio nós imaginávamos que deixariam o espaço escolar por no máximo 15 (quinze dias) a 20 (vinte) dias... como nos enganamos sobre a dimensão global que o COVID-19 nos traria.

Profissionais foram suspensos, férias adiantadas, todos (as) fomos para casa aguardar o inesperado o inexplicável, enfim a Pandemia ganhou as páginas dos jornais e noticiários do país, do mundo, começamos a compreender que não se trataria de um “adiantamento das férias”, mas um longo e doloroso processo de afastamento do espaço escolar e das pessoas. A equipe de gestão escolar (pedagogos (as), direção e secretaria escolar foram informados via reuniões online que retornaríamos com as aulas, mas agora de modo remoto. Mas, o que era o modo remoto? Ensino à distância? Eram tantas dúvidas, questionamentos, possibilidades, dificuldades e muitas noites de insônia. Afinal... quem tinha respostas a realidade que foi instalada, uma estrutura de planejamento, calendários, organização a médio e longo prazo completamente alterada, as respostas deram lugar às perguntas. Muitas perguntas. Nossa gerência de educação definiu a *plataforma educacional* que utilizamos após a análise das que acreditaram que atenderia a uma rede de ensino com a dimensão da nossa e a eleita foi Plataforma Plurall. Após duas semanas das aulas presenciais suspensas retomamos, agora na Modalidade de Ensino Remoto, com a restrição absoluta do número de pessoas nos espaços escolares, neste cenário me vi sozinha em um espaço que antes era dividido com crianças, sorrisos, abraços, professores(as), equipes de trabalhos diversos. Por um período era eu e a secretaria escolar, ao mesmo tempo que no espaço físico estava só, nas redes e plataformas éramos muitos(as). E assim, fomos pouco a pouco, estabelecendo uma comunidade de educadores onde compartilhamos nossas descobertas, aprendemos, acertamos e erramos juntos, e ao mesmo tempo que ensinamos os conteúdos escolares, aprendemos as múltiplas possibilidades e dificuldades do uso da(s) plataformas para a continuidade do Ensino na

Educação Básica. Com a vivência de todas essas experiências e desafios, algumas vezes me indaguei, como estão as outras redes e os professores (as) destas redes de ensino.

Além de viver os meus desafios como profissional, comecei o meu mestrado em educação paralelo com a pandemia, vivi os desafios também como acadêmica no curso de mestrado durante o ensino remoto, em meio a tudo isso surgiu o interesse pela pesquisa, por esse tema, para conversarmos um pouco sobre esses desafios. Assim, desejei conhecer a realidade de outra(s) instituição(s), compreender como o Ensino Remoto transformou as pessoas (educadores e educandos), como foram afetados/modificados. Quais as consequências da Pandemia do COVID19 em 2020/2021, da suspensão das aulas, do ensino remoto em outra(s) instituição(s).

O desejo de dialogar com pares e ouvir suas vozes, ganhou contornos no Mestrado em Educação - Linha Saberes em Práticas (2020/2022). Com o objetivo de conhecer e registrar outras *histórias* para além dos muros da instituição onde atuo, nossa pesquisa ganhou *lugar* no IFTM (Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro –Campus Uberlândia). Desse modo, minha história profissional encontra-se com as vozes e *olhares* de docentes do IFTM, em *diálogos* sobre o Ensino na Educação Básica em tempos de Ensino Remoto durante a Pandemia do COVID-19.

1.2 A Aproximação e Delimitação da Temática

Para contextualizar o tema que nos propomos a pesquisar, acreditamos ser importante construirmos um pano de fundo, contextualizando aspectos legais e históricos sob os quais se assenta a importância da educação como princípio constitucional é um direito fundamental. Aspectos que motivaram as instituições públicas (instituições de ensino estaduais, municipais e federais) e as redes de ensino particulares a assegurar a continuidade do ensino, de modo remoto), sendo utilizada essa modalidade de ensino desde a educação básica (educação infantil, ensino fundamental I, fundamental II, médio, médio integrado ao técnico e médio concomitante ao técnico). A oferta do ensino remoto tornou-se um fato inédito para nossa geração de educadores e educandos, em razão da pandemia do Covid-19 provocada pelo SARS-Cov-2 (SARS-CoV-2: vírus da família do coronavírus que, ao infectar humanos, causa uma doença chamada Covid-19. Por ser um microrganismo que até pouco tempo não era transmitido entre seres humanos, ele ficou conhecido, no início da pandemia como “novo coronavírus”)

Para ilustrar os princípios legais que estruturam a educação em nosso país realizamos a exposição com base na pirâmide de Kelsen, que estabelece uma hierarquia entre as leis, considerando a receptividade da Carta Constitucional de 1988 pela sociedade, a relevância e alcance do artigo 6º, assegura que a educação faça parte do **rol de direitos sociais**, ou seja **direitos de 2ª geração**.

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. Constituição Federal/88. (grifo nosso)

Para elucidar a importância de termos no rol do artigo 6º da CF/88 **a educação como direito social**, é imperioso compreendermos o que é segunda (2º) geração de direitos que ora citamos, nasceram no século XX, compõem se pelos **direitos de igualdade em** sentido alargado, a saber direitos econômicos, sociais e culturais. Essa geração de direitos **impõe ao estado a prestação de serviços, é o fazer do estado**. São os direitos à saúde, **à educação**, à previdência etc...

A Constituição de 1988 garante que **a educação é direito público subjetivo**, ou seja, à luz da Constituição de 88 esse direito deverá alcançar a todos. De acordo com o Art. 208,

O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: (grifo nosso)

§ 1º - O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo. (grifo nosso)

§ 2º - O não-oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente.

Nos basta neste momento, compreendermos que a Carta Magna de 1988, ocupou-se em incluir **a educação** em seu texto, sob a proteção do direito à igualdade, por se tratar de Direito Fundamental, diz respeito a todo ser humano, independente de distinção de raça, credo, gênero, religião etc. Temos desse modo a educação positivada no texto constitucional e em leis ordinárias como veremos a seguir na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN) 9394/96.

Não obstante termos larga garantia constitucional, há legislação ordinária que especifica a Educação de forma ampla e irrestrita em seus 91 artigos. Desse modo, no que tange a previsão legal, podemos afirmar que existem mecanismos para o fazer cumprir a

educação em nosso país. Para seguirmos nossa análise sobre Educação é necessário antes compreendermos sob qual pilar legal ela está alicerçada até chegarmos à necessidade da edição de Normativas que legalizassem a oferta do ensino remoto durante a pandemia do Covid19. Seguindo essa lógica vamos aprofundar um pouco mais, agora com a análise da LDBEN/9394/96 nos artigos a seguir:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Art. 2º A educação, **dever da família e do Estado**, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por **finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho**. (grifo nosso) (LDBEN, 1996).

Tanto a Constituição de 1988, quanto a LDBEN de 1996, ressaltam a importância da Educação na formação das crianças e jovens. Consideramos que os documentos configuram como uma grande conquista da sociedade brasileira, mas sabemos que os desafios ainda são grandes para o cumprimento das Leis. O acesso, a permanência e qualidade de educação que promovam uma transformação na sociedade, que considere as diferentes culturas e que promova uma interculturalidade foram agravadas com a necessidade do isolamento social em decorrência da pandemia do Covid-19 e a suspensão das aulas presenciais. Foi um contexto marcado por desafios, tanto para professores, família e discentes, evidenciando ainda mais as desigualdades sociais.

Por parte de educadores podemos considerar alguns aspectos, tais como: I- a falta de acesso às novas tecnologias aplicadas à educação; II- equipamentos obsoletos que não comportam as novas tecnologias; III-resistência e insegurança no uso das novas metodologias em sala de aula; IV- dificuldades no uso das ferramentas tecnológicas; V- desconfiança do trabalho executado nas plataformas digitais.

Por parte das famílias: I- há desconhecimento e desconfiança no método utilizado no ensino remoto; II- ausência de equipamentos para comportar o ensino remoto; III- dificuldades em acompanhar os filhos (as) em razão da inaptidão em ensinar e há ainda a ausência do espaço físico escolar.

Por parte dos discentes (crianças e adolescentes) habituados a usar as tecnologias para fins recreativos, interação, distração, informação (sem filtro), dentre outras

possibilidades. Porém, o uso das tecnologias digitais aplicadas ao ensino remoto com uma organização de tempo e espaço, é algo novo para essa faixa etária/segmentos de ensino.

Nessas circunstâncias, as escolas se viram obrigadas a se tornarem digitais, sem a segurança e a estabilidade do chão de suas salas de aula e nos limites dos seus muros, seu modo de ser e existir a séculos esvaiu-se, deixando seu espaço físico vazio e tendo que ressurgir, não como era antes do dia 13 de março de 2020, ganhou novos contornos, agora estava na tela dos computadores, tablets, celulares, notebooks. Esse novo contexto histórico-social trouxe à luz a escola digital em plataformas educacionais e o espaço físico da escola transferiu-se para as casas de docentes e discentes, deixando seus lares e sua privacidade até então resguardados, exposta. Sem a segurança do espaço e estrutura escolar, nos vimos isolados em várias janelinhas que conhecemos por telas do computador.

E tudo o que acreditávamos que poderia esperar para ser utilizado como uma experiência de ensino, passou a ser “tudo” o que tínhamos naquele momento, sendo considerado o “*novo normal*”. Os educadores(as) se deparam frente a um abismo de opiniões e ideias, uma avalanche de informações e acessos, orientações, metodologias, reuniões e mais reuniões, plataformas, aplicativos, tudo isso associado ao objetivo de nos transformar em “professores(as) digitais” o mais rápido possível e assegurar que essa experiência fosse exequível do ponto de vista educacional e do cumprimento da exigência da sequência do ensino da educação básica desde a educação infantil. Como pensarmos do ponto de vista operacional e pedagógico de crianças e adolescentes conectados e atentos por horas à frente das telas dos computadores, notebooks e celulares. A educação realmente passava por um “fio” ao considerarmos que o ensino chegou aos alunos através de cabos ópticos e a análise de como esse ensino estava chegando, quais as interferências e intercorrências educadores e educandos estavam subordinados. A educação e educadores estiveram no fio condutor de debates sociais e políticos tais como: “os professores não querem dar aulas”; “todos retornaram ao trabalho menos a escola”; “a saúde não parou e a escola está fechada” questionamentos diversos sobre a qualidade das aulas e das “conexões” estabelecidas. Estivemos no centro das discussões sobre a oferta e continuidade ou não do ensino remoto, sem ser concedido a oportunidade aos personagens principais desse enredo de serem ouvidos.

No curso desse processo, surgiram muitas dúvidas, inquietações, reflexões, necessidade de adequações e desafios. E é sobre esse emaranhado de questões que essa

pesquisa se desenvolveu. Como afirmamos anteriormente, a Instituição que nos acolheu para o desenvolvimento desta pesquisa foi o IFTM. A partir dessas considerações definimos nossa problemática: como se efetivou a educação escolar, durante o ensino remoto, no IFTM, Campus Uberlândia, MG? Dessa forma, o objetivo geral desta investigação consiste em compreender o processo de ensino efetivado no contexto da Pandemia do Covid-19, mediado pelas tecnologias digitais no Instituto Federal de Uberlândia, MG, a partir das vozes dos(as) professores(as). Partindo desse objetivo, delineamos os **objetivos específicos**: **I** - Identificar e apresentar o cenário da investigação, ou seja, o Instituto Federal campus Uberlândia, seus sujeitos e as plataformas digitais utilizadas no contexto da pandemia durante o ensino remoto; **II** - Registrar as vozes dos professores e professoras, do ensino integrado e do ensino concomitante ao ensino médio (IFTM), que atuaram na modalidade do ensino remoto nos anos de 2020 e 2021, buscando refletir sobre sua formação, seus saberes e fazeres, como percebem e avaliam o trabalho desenvolvido na instituição.

Continuamos essa seção, registrando no próximo tópico a metodologia de pesquisa desenvolvida.

1.3 Itinerários da Pesquisa - A Perspectiva Metodológica

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia sob parecer CAAE 39524420.5.0000.5152, 13 de outubro de 2020. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, na qual utilizamos diferentes estratégias para a produção de dados. A investigação qualitativa conduz a um modelo fenomenológico no qual a realidade é enraizada nas percepções dos sujeitos, sendo seu objetivo compreender e encontrar significados por meio de narrativas verbais e de observações em vez de números. Segundo Triviños (1987) a abordagem de cunho qualitativo trabalha os dados buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. O uso da descrição qualitativa busca captar não só a aparência do fenômeno como também suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências.

De acordo com Chizzotti (1998, p, 83),

[...] na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que dela participam são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas [...] elas têm um conhecimento prático, de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam uma concepção

de vida e orientam as suas ações individuais (CHIZZOTTI, 1998, p, 83).

Em perspectiva semelhante, Gil (2008) ressalta que a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, quer dizer, existe um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, que não pode ser traduzido em números. O autor acrescenta que o uso dessa abordagem propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos.

Na concepção de Minayo (1995):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1995, p.21-22).

Realizamos a pesquisa qualitativa inspirados no estudo de caso, o que nos oportuniza uma observação da realidade e tem papel na pesquisa educacional em conformidade com o que nos diz ANDRÉ, (2013 p.95-103). No contexto das abordagens qualitativas, o estudo de caso ressurge na pesquisa educacional com um sentido mais abrangente: o de focalizar um fenômeno particular, levando em conta seu contexto e suas múltiplas dimensões. Valoriza -se o aspecto unitário, mas ressalta-se a necessidade da análise situada e em profundidade. As abordagens qualitativas de pesquisa se fundamentam numa perspectiva que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas, enquanto atuam na realidade, transformando-a e sendo por ela transformados.

O estudo de caso se abre como possibilidade de análise de fatos, pessoas ou circunstâncias relevantes de estudo da atualidade, que só podem ser conhecidos partindo da análise criteriosa do pesquisador de fatos. Com uma prática exploratória e analítica o pesquisador deverá estar aberto às suas descobertas, desse modo não se pode deixar de considerar a importância da imersão do pesquisador no campo de pesquisa e sua interação com os colaboradores, e o aprendizado extraído dessa interação e dessa vivência.

Existe ainda a preocupação de se demonstrar através da pesquisa as várias nuances da realidade analisada, uma vez que a realidade se apresenta com múltiplas dimensões. Nesse sentido, o estudo de caso possibilita o acesso do pesquisador a várias fontes. Godoy, Arilda Smity (1995 p.20-29) orienta que o estudo de caso tem como técnicas fundamentais de pesquisa a observação e a entrevista. Produz relatórios que apresentam um estilo mais informal, narrativo, ilustrado com citações, exemplos e descrições fornecidos pelos sujeitos, podendo ainda utilizar fotos, desenhos, colagens ou qualquer outro tipo de material que o auxilie na transmissão do caso.

Desse modo, a perspectiva do estudo de caso servirá a pesquisa qualitativa com o objetivo de construir os dados que ora acreditamos essenciais para a construção da pesquisa, e ainda a utilização das entrevistas (orais e/ou escritas, *online* e/ou presenciais) como meio de contato com os diversos participantes.

A elaboração de pesquisas qualitativas se propõe a uma re/leitura da práxis do cotidiano, essencial para a delicada e complexa interpretação dos fatos do mundo que nos cerca, o que nos leva uma nova forma de “ver” o mundo em que estamos inseridos, oportunizando a análise e a descoberta do eu e do outro inserido em contextos sociais como redes complexas que exigem um distanciamento do pesquisador para que não se confunda com o objeto que ora pesquisa.

Nas palavras de Paulo Blikstein (2015), grandes descobertas da educação vieram de estudos etnográficos ou qualitativos, porque esse tipo de pesquisa é útil para identificar os mecanismos de aprendizagem mais eficientes (em vez de simplesmente achar correlações). Sabemos que não há economia que dê conta das complexidades da educação, mas não podemos prescindir de instrumentos metodológicos dos economistas e estatísticos. O importante não é brigar pelo tipo de pesquisa que conta como científica (qualitativa ou quantitativa), mas o seu rigor.

Como instrumentos metodológicos realizamos uma análise documental, nos Projetos Políticos Pedagógicos dos Cursos, recorremos a revisão bibliográfica, questionários e entrevistas. Segundo Barros (2009 p.103) “uma boa Revisão Bibliográfica, é um excelente ponto de partida para a realização de uma pesquisa que será bem-sucedida, visto que coloca o pesquisador em contato direto com aquilo que já foi realizado relativamente ao seu tema em outros trabalhos já empreendidos” . Ainda, segundo Barros (2009), a revisão necessita ser feita de forma crítica para que se obtenha proveito e um possível aperfeiçoamento na temática da investigação:

A ideia de uma Revisão Bibliográfica é enunciar alguns dos ‘interlocutores’ com os quais você trará o seu diálogo historiográfico e científico. Estes interlocutores constituirão parte da riqueza de seu trabalho, e não convém negligenciá-los. Por outro lado, proceder a uma cuidadosa revisão da literatura já existente é evitar o constrangimento de repetir sem querer propostas já realizadas ou de acrescentar muito pouco ao conhecimento científico. A revisão da literatura já existente sobre determinado assunto poderá contribuir precisamente para apontar lacunas que o pesquisador poderá percorrer de maneira inovadora, além de funcionar como fonte de inspiração para o delineamento de um recorte temático original. Ao se elaborar esta revisão da literatura, a partir de um espírito crítico, poderão surgir ainda retificações, contestações, re colocação do problema. A revisão bibliográfica, enfim, contribui para aperfeiçoar uma proposta temática inicial (p.104).

Recorremos a autores que abordam temáticas relacionadas à formação, saberes e práticas docentes. Acreditamos que aprofundar os estudos sobre essas questões nos deram subsídios para adensar a reflexão sobre o processo de ensino efetivado no período do ensino remoto no IFTM.

Utilizamos também o questionário que pode ser definido como um instrumento de coleta de dados com questões respondidas por escrito sem a intervenção direta do pesquisador. [...] Tem a vantagem de ser utilizado em um grande número de pessoas ao mesmo tempo” (MOROZ e GIANFALDONI, 2002, p.66). Após apresentação do corpus da pesquisa a diretora de ensino e diretor geral do campus IFTM, fomos autorizados a enviar por e-mail o *link da pesquisa*, (questionário), a própria diretora ficou responsável pelo envio para o e-mail institucional dos docentes do campus, após um período do envio com a baixa adesão dos docentes, fizemos um novo pedido para que o link da pesquisa fosse reenviado ao grupo de docentes público-alvo da nossa pesquisa. A pesquisa na área da educação no período remoto também teve seus desafios, para alcançar os objetivos propostos atingindo um mínimo de respondentes para a coleta de dados, uma vez que não foi possível naquele momento o diálogo com os docentes no espaço escolar sobre a construção da nossa pesquisa e o convite pessoalmente para que participassem, assim as tratativas se limitaram naquele momento (segundo semestre de 2021) ao contato por e-mails e após por mensagens de texto com a diretora de ensino do campus, que nos apoiou no decorrer de todo o projeto. Foram aplicados questionários para professores(as) do Instituto Federal campus Uberlândia, que atuaram no ensino remoto nas turmas do ensino médio profissionalizante integrado e/ou concomitante, após o envio (setembro 2021) e reenvio do link da pesquisa (outubro de 2021), tivemos nove (9) docentes respondentes,

nossa meta inicial eram 10 docentes, ainda que abaixo da meta estipulada, consideramos que as devolutivas foram adequadas para a análise e conclusão da proposta do *questionário online*. Para aplicação do questionário, utilizamos um pacote de aplicativos do *Google*⁴, a ferramenta *Google Forms*⁵, que funciona *on-line*, que possibilita a coleta e a organização do material de forma simples, fácil e em tempo real. Na tela inicial do questionário *on-line* apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, explicitando a proposta da pesquisa. Na próxima tela são apresentadas as questões, que abordam questões relacionadas à formação inicial, formação continuada, experiência na docência, e questões relacionadas ao ensino remoto. O preenchimento do questionário implicou na aceitação expressa em participar da pesquisa.

Para adensar os dados empíricos realizamos entrevistas com os professores e professoras, com a melhora do quadro pandêmico do país pensamos em realizar as entrevistas presencialmente no campus Uberlândia na fazenda Sobradinho, fizemos uma visita de campo, para a tratativa da proposta. Mas, com as limitações para conciliar as agendas dos docentes e a da pesquisadora, teríamos que realizar várias visitas ao campus, e ainda havia o interesse de remeter os docentes as circunstâncias vivenciadas durante o ensino remoto, ainda tão fresco na memória e na “pele” dos professores (as), sendo assim definimos como estratégia a realização das entrevistas online com os professores e professoras que se disponibilizaram participar da pesquisa voluntariamente.

Recebemos por e-mail da diretora de ensino uma lista de e-mails institucionais para os docentes público-alvo de nossa pesquisa, o qual encaminhamos uma breve apresentação da pesquisa, da pesquisadora e orientador. Na primeira tentativa de agendamentos tivemos, dos sete (7) contatos de e-mails enviados, tivemos, duas (2) entrevistas realizadas, uma (1) negativa de participação, duas (2) sem resposta, enviamos dois pedidos de confirmação de agenda, dois (2) aguardando confirmação de dia / horário para fechar agenda, destes após um período realizamos uma (1) entrevista e uma (1) não se confirmou em razão da docente se afastar por COVID-19.

⁴ O *Google* é conhecido como um dos mecanismos de busca da internet. A empresa *Google* foi criada no ano de 1998 tendo como missão organizar a informação mundial e torná-la acessível e útil universalmente. O *Google* hospeda e desenvolve uma série de serviços e produtos para a internet e oferece vários aplicativos *online* e administra redes sociais.

⁵ O *Google Forms* é uma ferramenta integrada ao *Google Docs* que permite a criação de formulários de pesquisa e questionários *on-line*. O aplicativo é oferecido gratuitamente pelo *Google*, permitindo a coleta e a organização das respostas de forma automática e em tempo real.

Após essas tentativas de contatos, pedimos o apoio a direção do campus para nos ajudar na sensibilização dos (as) docentes para a nossa pesquisa, uma vez que sem o contato pessoal e sem a possibilidade de contato por telefone, somente por e-mails se mostrou pouco eficiente na construção da “ponte” necessária com os docentes. Recebemos uma nova listagem com seis (6) contatos de e-mails dos quais em primeira tentativa conseguimos uma (1) agendamento. E no segundo momento com o reenvio do pedido de participação conseguimos mais dois (2) agendamentos, de três (3) contatos não recebemos devolutivas.

Finalizamos após um período de três (3) meses, dedicamos a realização das entrevistas, gravação e transcrição com uma listagem de treze (13) docentes e obtivemos seis (6) respondentes voluntários, que muito contribuíram com o nosso projeto e com o diálogo entre pares, enriquecendo as nossas vivências, apoiando na construção da narrativa de uma história cheia de percalços e de muitas vivências que poderão ser refletidas no modo de ensinar pós pandemia do novo COVID-19, utilizando-se das novas tecnologias aplicadas à educação, e exemplo dos meios que empregamos para desenvolvimento desta pesquisa.

Segundo Ludke e André (1986) a entrevista constitui um dos instrumentos básicos para a coleta de dados nas ciências sociais. As autoras afirmam que “na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde” (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 33).

Seguimos a proposta de Meihy (2002) que sugere as seguintes etapas: pré-entrevista, entrevista (propriamente dita) e pós-entrevista. De um modo geral, a pré-entrevista consiste na aproximação com os colaboradores e seu contexto, momento em que serão informados sobre os propósitos da investigação desde o início do projeto e poderão optar por aderir, ou não, à pesquisa.

As entrevistas ocorreram por meio de Plataforma Digitais. As entrevistas foram gravadas. Em seguida, procedemos com a pós-entrevista, momento em que organizamos e tratamos as entrevistas. Para Meihy (2002) o tratamento das entrevistas compreende três etapas distintas, sendo: transcrição, textualização e transcrição. Na transcrição, fizemos a passagem inicial do oral ao escrito.

Na etapa de textualização, primamos pela organização da narrativa, de modo a contemplar uma compreensão encadeada da fala do participante. É nessa etapa também que se busca conformar o texto transcrito às regras gramaticais vigentes e de suprimir

expressões repetitivas, sem valor analítico, típicas do discurso oral. Na fase de transcrição, incorpora-se elementos percebidos pela pesquisadora que vão além da narrativa. Nesse sentido, procuramos recriar o contexto da entrevista no documento escrito.

Todo o processo depois de finalizado foi encaminhado para apreciação da participante. Há, assim, colaboração significativa da pesquisadora e do (a) participante da entrevista no texto, que é sempre refeito a partir de sugestões, alterações e acertos combinados entre ambos nos momentos de conferência da narrativa textual.

Acreditamos que a participação dos(as) professores(as) tanto respondendo o *questionário online*, quanto concedendo *entrevistas online* produziram elementos significativos para compreender o processo de ensino efetivado, no período do ensino remoto emergencial durante os anos de 2020 e 2021, nas turmas do ensino médio profissionalizante do IFTM, Campus Uberlândia.

1.4 Construção do corpus da pesquisa

A dissertação foi organizada em três seções, além da **Introdução**. A segunda seção intitulada “**O cenário da investigação**: o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM), campus Uberlândia”. No primeiro tópico, registramos um olhar histórico sobre a Instituição, dialogando com a legislação educacional vigente. No segundo tópico, nos detemos nos Cursos Técnicos, que serão objetos da nossa pesquisa. Por fim, apresentamos as tecnologias digitais utilizadas no contexto da pandemia no IFTM campus Uberlândia.

A terceira seção, “**O que dizem os professores sobre os desafios do processo ensino no contexto da pandemia**”, dividimos em três tópicos. No primeiro, empreendemos algumas reflexões sobre a formação docente. No segundo tópico, apresentamos os sujeitos da pesquisa e dialogamos com questões da formação inicial e continuada. No terceiro, registramos os saberes e as práticas desenvolvidas pelos(as) professores(as) nas aulas no contexto da pandemia.

Por fim, nas **Considerações finais**, assinalamos os aspectos que avaliamos importantes para alcançarmos o objetivo que traçamos para esta pesquisa.

2. **Cenário da investigação:** *o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM) Campus Uberlândia*

“O lugar faz a localidade. Estar é ser”

Jankis (2005)

Figura 1- Foto da fachada frontal do prédio do Campus IFTM Uberlândia



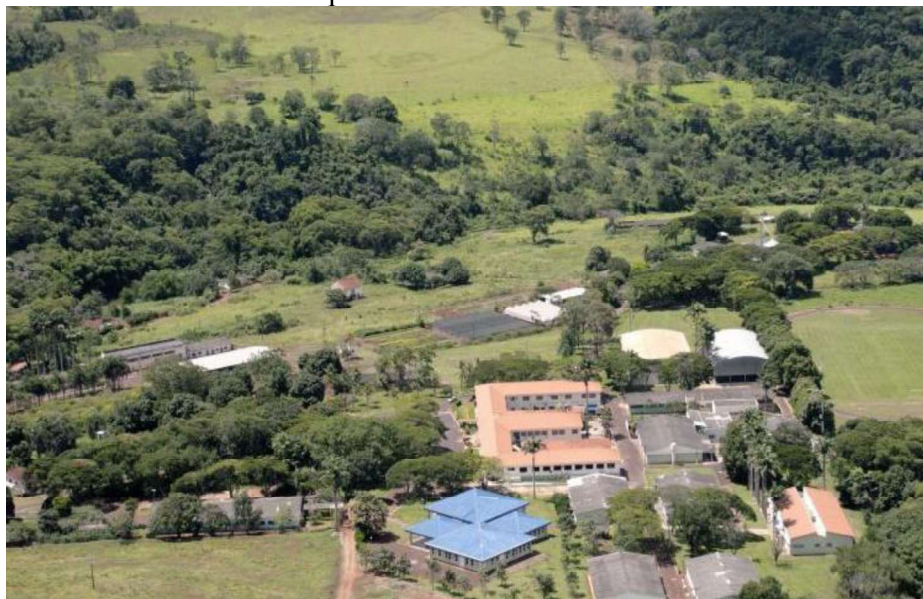
Crédito: Gilson R. Abreu C. Júnior - Acervo da Pesquisadora

Inspirados na epígrafe que abre essa seção, ressaltamos a importância de conhecer “o lugar” que a pesquisa foi desenvolvida, fizemos visitas de campo, tivemos autorização para realizarmos fotos nos espaços, oficinas, laboratórios, salas de aulas etc., desde que não fizemos registros das pessoas (profissionais e ou alunos (as)) em razão do direito de uso da imagem, neste caso teríamos que ter autorização expressa para fazê-lo.

Dessa forma, o objetivo desta seção consiste em identificar e apresentar o cenário da investigação, ou seja, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM) Campus Uberlândia. Apresentaremos aspectos históricos da instituição, conhecer seus sujeitos e a(s) plataforma(s) digital(s) utilizadas no contexto da pandemia durante o ensino remoto. Nessa seção registramos duas imagens do cenário de nossa pesquisa, a primeira apresenta a fachada do Campus Uberlândia -Sobradinho e a segunda uma vista aérea do Campus.

A seção está organizada em três tópicos. No primeiro, registramos um olhar histórico sobre o IFTM dialogando com a legislação educacional. No segundo tópico, nos detemos na apresentação dos cursos ofertados no IFTM, com foco nos Cursos Técnicos, que serão objetos da nossa pesquisa. Por fim, apresentamos as tecnologias digitais utilizadas no contexto da pandemia.

Figura 2- Foto aérea do Campus IFTM Uberlândia



Crédito: Acervo do IFTM Campus Uberlândia 2016

2.1 Um olhar histórico sobre o IFTM, Campus Uberlândia

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro Campus Uberlândia desde a sua fundação, em 1957, desenvolve suas atividades visando à formação de profissionais. No início, havia somente o curso Técnico em Agropecuária. Hoje, a instituição oferece também os cursos técnicos em Meio Ambiente, Informática, Alimentos, além dos cursos superiores de Tecnologia em Alimentos e de Engenharia Agrônômica.

O primeiro nome da instituição foi Colégio Agrícola de Uberlândia. Em 1979, com a publicação do Decreto 83.935, todos os Colégios Agrícolas da Rede de Coordenação Nacional do Ensino Agropecuário passaram à denominação de Escola Agrotécnica Federal e, mais recentemente, uniram-se para criar os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

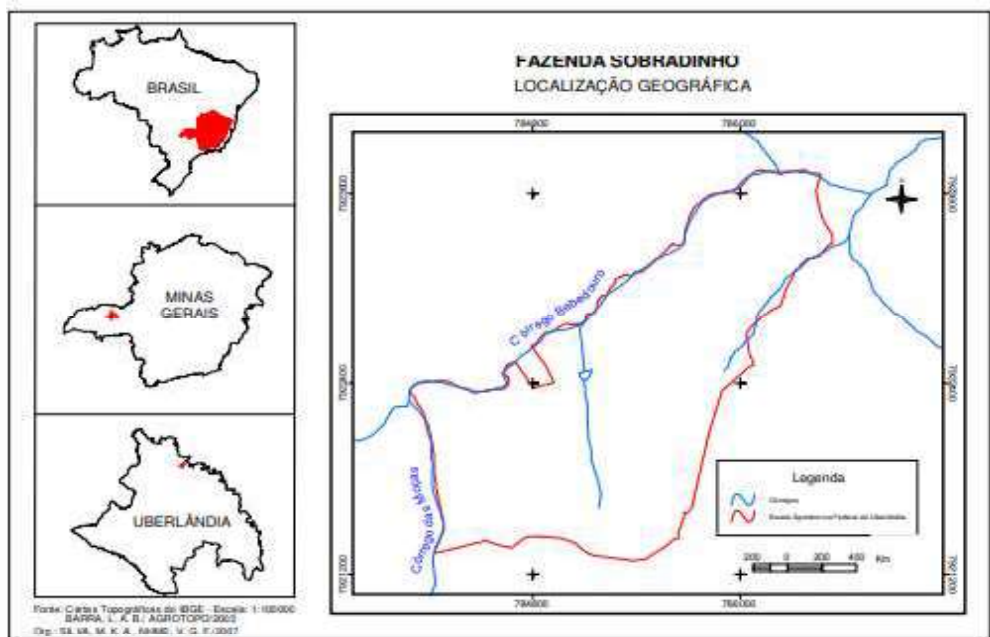
No dia 26 de outubro de 1967, o Colégio Agrícola de Uberlândia (CAU) foi inaugurado, com as presenças dos Ministros da Agricultura e da Educação, Ivo Arzua e Tarso Dutra. Ressalta que, apesar de inaugurado, o Colégio Agrícola de Uberlândia não tinha condições adequadas para iniciar suas atividades. O Diretor do Ensino Agrícola no MEC, Leonardo Rossi, em 1968, listou uma série de providências emergenciais que deveriam ser atendidas. No dia 13 de abril de 1969, o Colégio Agrícola de Uberlândia foi inaugurado novamente e no dia 04 de agosto de 1969 ocorreu a aula inaugural do curso

Técnico em Agropecuária, com estudantes de diversas regiões do país. No ano de 1979, o Colégio Agrícola de Uberlândia recebeu a denominação de Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia, conforme Decreto nº 83.935 de 04 de setembro de 1979.

A **Lei 11.892** entrou em vigor em dezembro de **2008**, regulando a **Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica criando os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia** que, assim, passaram a compor o novo propósito educacional brasileiro. Deste modo, a partir dessa Lei 11.892, o **IFTM** foi criado, caracterizado como uma Instituição de Educação Básica, Profissional e Superior, pluricurricular e multicampi, possui natureza autárquica, detentora de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar, órgão de vinculação, Secretaria de Educação Tecnológica (SETEC) - Ministério da Educação (MEC). Assim como os demais Institutos Federais de Educação Profissional e Tecnológica, disponibiliza a oferta da educação nos diversos níveis de ensino e modalidades de cursos, possibilitando o ingresso do estudante desde o ensino médio até cursos de graduação, pós-graduação lato sensu (especialização) e stricto sensu (mestrado), especializada na oferta de Educação Profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, busca transformar os sonhos de seus ingressantes em ações que, concretizadas, possam conduzir o IFTM à excelência em todos os níveis e áreas de atuação.

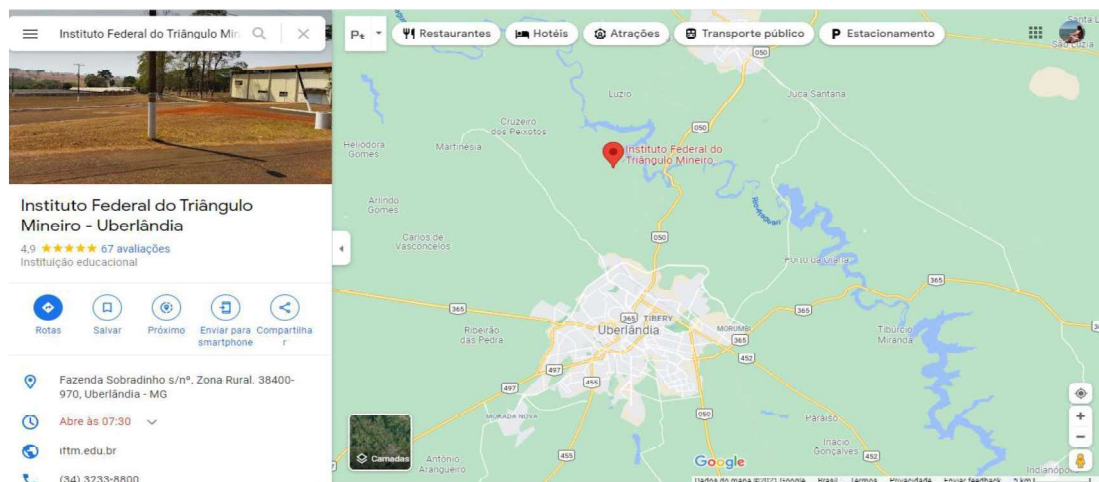
A primeira imagem nos apresenta a fachada do prédio central do IFTM Campus Uberlândia, local onde é ofertado os cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio em: Agropecuária, Alimentos, Meio Ambiente e Manutenção, e Suporte em Informática, o curso técnico na modalidade concomitante em Agropecuária; os cursos superiores: Bacharelado em Engenharia Agrônômica e Tecnologia em Alimentos; o curso de especialização em Controle de Qualidade em Processos Alimentícios e o curso Auxiliar Administrativo na modalidade PROEJA, em parceria com a ESEBA-UFU. A estrutura organizacional do IFTM é composta, atualmente, pelos campi (Campus Campina Verde, Campus Ituiutaba, Campus Paracatu, Campus Patos de Minas, Campus Patrocínio, Campus Uberaba, Campus Uberaba Parque Tecnológico, Campus Uberlândia, Campus Uberlândia Centro e Reitoria).

Localizada em Uberaba, a Reitoria é responsável pela garantia da unidade institucional e gestão de recursos e planejamento, além de estar à frente de todos os interesses educacionais, econômicos e culturais da instituição.

Figura 3- Localização Fazenda Sobradinho

Fonte: Modificado de NEHME (2004).

O IFTM possui dois Campus, Uberlândia Centro e o Campus Uberlândia o primeiro da cidade o IFTM Campus Uberlândia situado na área Rural, local que acolheu nossa pesquisa. A Fazenda das Sementes hoje chama-se Fazenda Sobradinho, fica a aproximadamente 25 km do centro de Uberlândia, próxima aos distritos de Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos é o local de funcionamento do Campus Uberlândia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro. A figura 4 apresenta uma representação de onde se localiza o Campus Sobradinho e a figura 5 a localização do Campus Uberlândia:

Figura 4- Localização IFTM Campus Uberlândia

De acordo com as informações do site, o IFTM oferece, em seus campi e polos de apoio, cursos nas modalidades presencial e a distância (EaD). A Educação Profissional

Técnica de Nível Médio do IFTM é desenvolvida na forma articulada ao ensino médio (integrada ou concomitante). O Curso de Agropecuário é concomitante ao ensino médio presencial e também integrado. Os cursos de Alimentos, Internet das Coisas, Manutenção e Suporte em Informática e Meio Ambiente são ofertados de forma integrada ao ensino médio. No Ensino Superior, o IFTM oferece cursos de graduação (tecnologia, licenciaturas, bacharelados) e pós-graduação lato sensu (especialização) e stricto sensu (mestrado) ofertado em Uberaba. Também são ofertados cursos de idiomas.

A Educação Profissional Técnica de Nível Médio, objeto da nossa pesquisa, é efetivada de duas maneiras: Concomitante ao Ensino Médio e Integrada ao ensino médio. O ingresso no Curso Técnico em Agropecuária Concomitante, estudantes deverão ser concluintes do Ensino Médio ou da 1ª série do Ensino Médio, sendo requisito uma dessas duas situações de escolaridade. No Ensino Médio **Concomitante** com o Curso Técnico, os (as) aluno(as) cursarão somente as unidades curriculares dos Cursos Técnicos, fazendo jus a duas certificações distintas, uma do Ensino Médio e outra do Curso Técnico. Já no Ensino Médio Integrado ao Técnico, é composto de unidades curriculares da Formação Geral Básica e unidades curriculares do Curso Técnico, compondo uma única certificação e a reprovação nas unidades curriculares do Ensino Médio ou na parte técnica, significa a reprovação no Ensino Médio e Técnico. As vagas são ofertadas em edital, e o ingresso ocorre por meio de Processo Seletivo, de caráter eliminatório e classificatório, com o aproveitamento dos candidatos até o limite das vagas estabelecidas para o curso, conforme regulamentação específica e mediante inscrição em períodos divulgados em edital. Caso ocorra vagas ociosas, elas serão consideradas “vagas remanescentes” e ofertadas em edital conforme as condições estabelecidas pelos regulamentos do IFTM Campus Uberlândia.

O ingresso nos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio é realizado por meio de processo seletivo, a partir do número de vagas estipulado, de acordo com as normas estabelecidas em edital, o interessado em se inscrever deverá ter concluído o 9º ano do ensino fundamental II ou curso equivalente. O ingresso também poderá ser por transferência interna e/ou externa de acordo com a disponibilidade de vagas remanescentes, respeitando o regulamento do IFTM. O processo seletivo é divulgado por meio de edital publicado no site institucional, com indicação dos requisitos, condições e sistemática do processo, além do número de vagas oferecidas. As matrículas são efetuadas seguindo a ordem de classificação dos candidatos, nos locais e horários definidos no

cronograma estabelecido pelo IFTM Uberlândia e nos termos regimentais. Caso ocorra desistência ou cancelamento da matrícula, os candidatos não classificados na primeira chamada podem ser convocados.

Com matrícula única na mesma instituição, ou seja, no IFTM Uberlândia, de modo a oportunizar ao estudante a habilitação profissional técnica de nível médio ao mesmo tempo em que cursam a última etapa da educação básica. Para a certificação, é obrigatório ao estudante concluir todos os componentes curriculares do curso, a formação geral e a formação profissionalizante, nesta modalidade de ensino ambos constituem um único curso.

Na continuação desta seção, apresentamos os Cursos que fizeram parte da nossa pesquisa, fundamentados nos Projetos Políticos Pedagógicos dos Cursos.

2.2 A Educação Profissional Técnica de Nível Médio: o que dizem os PPPs?

Com o intuito de aprofundar nosso conhecimento sobre os Cursos que fizeram parte da investigação, nos detemos nos estudos dos Projetos Políticos Pedagógicos. No processo de elaboração do PPP é fundamental que haja diálogos, discussões, questionamentos e compartilhamento de saberes. O PPP apresenta duas características que envolvem a participação de todos: *i*) é um instrumento político por estar inserido em um espaço em que ocorrem discussões e decisões, envolvem debates, sugestões, opiniões, sejam a favor ou contrárias, considerando interesses políticos, econômicos e sociais no momento da elaboração de uma PPC; *ii*) é pedagógico, pois é um documento específico no campo do processo educacional, uma vez que aborda questões que se referem à prática do professor; do ensino e da aprendizagem, da participação e atuação da comunidade.

Segundo Veiga (2001), o projeto pedagógico vai além de um simples agrupamento de planos de ensino e de atividades diversas. Não deve ser um documento para atender as exigências burocráticas e depois ser esquecido. Nesse sentido, Gadotti (1994, p. 579) contempla-nos com o significado de um Projeto Pedagógico quando assim se expressa:

Todo projeto supõe *rupturas* com o presente e *promessas* para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente. Um projeto educativo pode ser tomado como promessa frente a determinadas rupturas. As promessas tornam visíveis os

campos de ação possível, comprometendo seus atores e autores. (GADOTTI, 1994, p. 579).

O Projeto Político Pedagógico constitui-se de uma carta de intencionalidades coletivas. É construído e vivenciado por todos os envolvidos com o processo educativo, e representa uma intenção para ações e compromissos definidos conjuntamente. Sobre isso, Veiga (2001) nos assevera que

O projeto busca um rumo, uma direção [...]. Por isso, todo projeto pedagógico é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico com os interesses reais e coletivos da população majoritária. É político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade. (VEIGA, 2001, p. 13).

Ao nos apontar a diretriz como um compromisso coletivo, o projeto pedagógico representa o suporte necessário para toda e qualquer ação educativa e, nessa perspectiva, sua construção deve ser democrática. Mais uma vez, recorremos aos conceitos de Veiga (2001, 13/14) que assim se refere:

O projeto político-pedagógico, ao se constituir em processo democrático de decisões, preocupa-se em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que supere os conflitos, buscando eliminar as relações competitivas, corporativas e autoritárias, rompendo com a rotina do mando impessoal e racionalizado da burocracia que permeia as relações no interior da escola. Assim, diminui os efeitos fragmentários da divisão do trabalho que reforça as diferenças e hierarquiza os poderes de decisão.

Considerando a proposta da autora, é possível pensar que, ao elaborar o PPP, há espaço para efetivar práticas de sua relativa autonomia, de sua capacidade de traçar propostas que serão referências para a construção de sua própria identidade. Nesse construto do documento, é possível recuperar o espaço público que constitui lugar de debate, de diálogo, de superação de conflitos, de reflexão assentada na conjuntura dos componentes que o representam. É uma direção delineada que fundamentará o fazer pedagógico no qual se insere o trabalho do professor na dinâmica da sala de aula, como também nas ações que viabilizem o compromisso social do curso.

Na análise dos PPPs dos Cursos, objetos do nosso estudo, priorizamos quatro categorias: Princípios e Fundamentos, Caracterização do Egresso, Objetivos do Curso, Estrutura Geral do Curso e do Currículo.

Em relação aos Princípios e Fundamentos os Cursos destacam:

Agropecuária (Técnico concomitante ao E.M.) 2015

- I. compromisso com a justiça social, equidade, cidadania, ética, preservação do meio ambiente, transparência e gestão democrática;
- II. verticalização do ensino e sua integração com a pesquisa e a extensão; sociais e culturais;
- III. eficácia nas respostas de formação profissional, difusão do conhecimento científico e tecnológico e suporte aos arranjos produtivos locais;
- IV. inclusão de um público historicamente colocado à margem das políticas de formação para o trabalho, dentre esses, as pessoas com deficiências e necessidades educacionais especiais;
- V. natureza pública e gratuita do ensino, sob a responsabilidade da União.

Agropecuária (Integrado ao E.M.) 2019

- I. formação integral do estudante, expressa por valores, aspectos físicos, cognitivos, socioemocionais e a preparação para o exercício das profissões técnicas.
- II. projeto de vida como estratégia de reflexão sobre trajetória escolar na construção das dimensões pessoal, cidadã e profissional do estudante;
- III. pesquisa como prática pedagógica para inovação, criação e construção de novos conhecimentos;
- IV. trabalho assumido como princípio educativo, tendo sua integração com a ciência, a tecnologia e a cultura como base da proposta político-pedagógica e do desenvolvimento curricular;

Alimentos (Integrado ao E.M.) 2020:

- I. formação integral do estudante, expressa por valores, aspectos físicos, cognitivos, socioemocionais e a preparação para o exercício das profissões técnicas.
- II. projeto de vida como estratégia de reflexão sobre trajetória escolar na construção das dimensões pessoal, cidadã e profissional do estudante;
- III. pesquisa como prática pedagógica para inovação, criação e construção de novos conhecimentos;

- IV. trabalho assumido como princípio educativo, tendo sua integração com a ciência, a tecnologia e a cultura como base da proposta político-pedagógica e do desenvolvimento curricular;
- V. respeito aos direitos humanos como direito universal;
- VI. compreensão da diversidade e realidade dos sujeitos, considerando, entre outras, as pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, as pessoas em regime de acolhimento ou internação e em regime de privação de liberdade; das formas de produção de trabalho e das culturas;(…)

Internet das Coisas (Integrado ao E.M.) 2020

- I. Formação integral do estudante, expressa por valores, aspectos físicos, cognitivos, socioemocionais e a preparação para o exercício das profissões técnicas.
- II. Projeto de vida como estratégia de reflexão sobre trajetória escolar na sobre trajetória escolar na construção das dimensões pessoal, cidadã e profissional do estudante; como prática pedagógica para inovação, criação e construção de novos conhecimentos;
- III. Pesquisa como prática pedagógica para inovação, criação e construção de novos conhecimentos;
- IV. Trabalho assumido como princípio educativo, tendo sua integração com a ciência, a tecnologia e a cultura como integração com a ciência, a tecnologia e a cultura como base da proposta político-pedagógica e do desenvolvimento curricular;
- V. Respeito aos direitos humanos como direito universal;
- VI. Compreensão da diversidade e realidade dos sujeitos, considerando, entre outras, as pessoas com deficiência;

Manutenção e Suporte em Informática (Integrado ao E.M.) 2013

- I. contribuir para a elaboração de um modelo de ensino-aprendizagem centrado na união entre a formação humana e tecnológica;

Meio Ambiente (Integrado ao E.M.) 2019

- I. formação integral do estudante, expressa por valores, aspectos físicos, cognitivos, socioemocionais e a preparação para o exercício das profissões técnicas.
- II. projeto de vida como estratégia de reflexão sobre trajetória escolar na construção das dimensões pessoal, cidadã e profissional do estudante; cidadã e profissional do estudante;
- III. pesquisa como prática pedagógica para inovação, criação e construção de novos conhecimentos;
- IV. trabalho assumido como princípio educativo, tendo sua integração com a ciência, a tecnologia e a cultura como base da proposta político-pedagógica e do desenvolvimento respeito aos direitos humanos como direito universal;
- V. compreensão da diversidade e realidade dos sujeitos, considerando, entre outras, as pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, as pessoas em regime de acolhimento ou internação e em regime de privação de liberdade; das formas de produção de trabalho e das culturas.

Como dissemos anteriormente, o planejamento é uma ação necessária que expressa um desejo de futuro, a curto, médio ou longo prazo. No PPP estão expressos esses desejos, traduzidos em princípios e fundamentos, que nortearão o trabalho de docentes e de toda a comunidade escolar. O PPP se articula com outros documentos (nacionais, estaduais e municipais), concretizando o que está expresso no texto Constitucional/88 de assegurarmos a oferta de uma Educação de qualidade a todos neste país. A Constituição Federal de 1988 no artigo 206, estabelece o princípio da gestão democrática na Educação pública e a participação de seus profissionais e da comunidade na elaboração do Projeto Pedagógico. De forma geral, os princípios e fundamentos dos Cursos investigados ressaltam a importância da formação humana aliada à formação técnica. Sinalizam para a importância da pesquisa na formação integral dos estudantes. Os Cursos de Agropecuária reforçam a necessidade da questão ambiental e do desenvolvimento sustentável.

Na continuação da análise do documento buscamos registrar o perfil do egresso destacados no PPP.

Agropecuária (Técnico concomitante ao E.M.) 2015

O Técnico em Agropecuária planeja, executa, acompanha e fiscaliza todas as fases dos projetos agropecuários; administra propriedades rurais; elabora, aplica e monitora programas preventivos de sanitização na produção animal, vegetal e agroindustrial. Além dessas atribuições este profissional é capaz de fiscalizar produtos de origem vegetal, animal e agroindustrial; realizar medição, demarcação e levantamentos topográficos rurais e atuar em programas de assistência técnica, extensão rural e pesquisa.

Agropecuária (Integrado ao E.M.) 2019

O Técnico em Agropecuária que o IFTM – Campus Uberlândia deseja formar, é consciente da responsabilidade que a sua formação lhe confere, exercendo as suas atividades de forma criativa, fundamentado num comportamento ético, atualizado, de forma a enfrentar desafios na sua área de atuação, como um empreendedor.; realizar medição, demarcação e levantamentos topográficos rurais e atuar em programas de assistência técnica, extensão rural e pesquisa. Este Técnico planeja, executa, acompanha e fiscaliza todas as fases dos projetos agropecuários; administra propriedades rurais; elabora, aplica e monitora programas preventivos de sanitização na produção animal, vegetal e agroindustrial. Além dessas atribuições este profissional é capaz de fiscalizar produtos de origem vegetal, animal e agroindustrial; realizar medição, demarcação e levantamentos topográficos rurais e atuar em programas de assistência.

Alimentos (Integrado ao E.M.) 2020:

O egresso do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM ao final do curso terá recebido competências gerais e comuns, para: ter competência técnica em sua área de atuação; ser capaz de se inserir no mundo do trabalho de modo comprometido com o desenvolvimento regional sustentável; ter formação humanística e cultural geral integrada à formação técnica e científica; ser cidadão crítico, propositivo e dinâmico na busca de novos conhecimentos, atuando de forma ética; saber interagir e aprimorar continuamente seus aprendizados a partir da convivência democrática com culturas, modos de ser e pontos de vista divergentes;

Internet das Coisas (Integrado ao E.M.) 2020

O egresso do Curso Técnico em Internet das Coisas seja um profissional ético e autônomo, consciente de seus deveres sociais, seguro de suas habilidades e competências profissionais e detentor de um cabedal cultural que justifique a sua própria autonomia.

Manutenção e Suporte em Informática (Integrado ao E.M.) 2013

O Técnico em Manutenção e Suporte em Informática, no entanto, não será um profissional completo se lhe faltarem habilidades gerais importantes para a vida em sociedade, mormente aquelas de caráter mais humanista, que lhe permitirão não apenas exercer o seu ofício com eficiência e eficácia, mas também dar continuidade aos seus estudos acadêmicos no ensino superior.

Meio Ambiente (Integrado ao E.M.) 2019

O egresso, Técnico em Meio Ambiente, tenha amplas condições para atuação profissional. Em consonância com o Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos do Ministério da Educação, este profissional estará preparado para coletar, armazenar, analisar e disseminar dados e documentações ambientais, além de gerenciar e executar o controle ambiental das diversas atividades impactantes dentro das perspectivas do desenvolvimento sustentável, propondo medidas para a minimização dos impactos e recuperação de ambientes já degradados. Espera-se, ainda, que o egresso esteja apto a promover o desenvolvimento racional dos recursos naturais e operar estações de tratamento de água, efluentes e de resíduos sólidos. Dessa forma, estará apto também a executar análises físico-químicas e microbiológicas de águas, efluentes e resíduos sólidos aplicando, para isso, normas práticas rotineiras. Portanto, esse profissional poderá atuar em órgãos públicos, empresas ou até mesmo como autônomos na prestação de consultoria ambiental.

No registro sobre o perfil do egresso dos Cursos Técnicos aliados ao Ensino Médio, percebemos a importância da formação ética, da formação humana aliada ao mundo do trabalho. Revela sinais de que os Cursos se preocupam com os saberes dos jovens estudantes e buscam avançar na formação desses sujeitos. Considera os jovens como sujeitos de direito. Aproxima do que nos ensina Arroyo (2014):

Não se trata de secundarizar os conhecimentos das disciplinas, das áreas que constituem o currículo do Ensino Médio, conhecimentos a que tem direito os jovens trabalhadores que tanto lutam por chegar nesse contexto escolar. Trata-se de enriquecer, contextualizar esses conhecimentos e coloca-los em diálogo horizontal, enriquecedor com

as vivências sociais coletivas desses jovens, com as indagações teóricas, à procura das explicações que levam de sua história, de nossa história para as escolas (ARROYO, 2014, p. 161).

Aliar teoria e prática, conhecimentos prévios e conhecimentos científicos, são fundamentais na formação dos egressos, em uma perspectiva que possam atuar de forma transformadora no mercado de trabalho.

Na continuação do estudo sobre os PPPs dos Cursos, buscamos identificar o objetivo geral de cada um dos Cursos investigados:

Agropecuária (Técnico concomitante ao E.M.) 2015

Formar cidadãos com autonomia intelectual e pensamento crítico e com capacidade para atuar na área da produção agropecuária, incentivando a pesquisa, difusão de conhecimentos e processos que contribuam para o desenvolvimento tecnológico, econômico e social do país.

Agropecuária (Integrado ao E.M.) 2019

Formar cidadãos capacitados e competentes para atuar na área agropecuária, em pesquisa, difusão de conhecimentos e processos que contribuam para o desenvolvimento tecnológico, econômico e social do país.

Alimentos (Integrado ao E.M.) 2020:

O Curso Técnico em Alimentos objetiva formar profissionais capazes de exercer atividades técnicas com habilidades e atitudes que lhes permitam participar de forma responsável, crítica e criativa na solução de problemas na área da produção alimentícia, de forma ecologicamente sustentável e com flexibilidade e buscando a capacidade competitiva.

Internet das Coisas (Integrado ao E.M.) 2020

O Curso Técnico em Internet das Coisas do IFTM, campus Uberlândia, possui como objetivo a formação de pessoas capazes de analisar e criar soluções com sistemas embarcados. Dessa forma, formar profissionais com qualificação para: manutenção em sistemas IoT; desenvolvimento de aplicações de dispositivos eletrônicos para sensoriamento monitoramento e automação de sistemas; produção de softwares que

integrem processos administrativos, comerciais, hospitalares, industriais, rurais, de automação residencial, industrial, agropecuária e de serviços.

Manutenção e Suporte em Informática (Integrado ao E.M.) 2013

Ensino Médio tem como objetivo geral desenvolver habilidades essenciais ao profissional que atua na manutenção e suporte em equipamentos de informática, redes de computadores e serviços de Tecnologia de Informação (TI), em sintonia com a demanda regional, e com formação humanística sólida que o permita ao aperfeiçoamento de sua vida profissional e acadêmica.

Meio Ambiente (Integrado ao E.M.) 2019

Preparar os estudantes para atuarem no mundo do trabalho da região, atendendo às diversas demandas existentes na área ambiental, desenvolvendo habilidades e atitudes sintonizadas com a área de formação, em que os egressos deste curso possam, por força de sua atuação, intervir na realidade hoje existente, criando uma consciência ambiental planetária que tenha como base o uso sustentável dos recursos naturais e o tratamento adequado dos efluentes e resíduos produzidos pelas diversas atividades humanas e industriais.

São recorrentes, nos objetivos dos diferentes Cursos, a formação crítica, a autonomia, a intervenção na sociedade e nos diferentes locais de atuação dos futuros profissionais. Nesse sentido, a relação teoria e prática é imperativa. Ressaltamos, que a articulação entre a teoria e prática no processo de ensino e aprendizagem fundada nos conhecimentos científicos e didáticos, consideram indissociável o ensino, a pesquisa e a extensão. Em uma relação dialógica com os objetivos aqui transcritos dos cursos pesquisados, estabelecemos um diálogo com o educador, escritor teólogo e psicanalista Rubem Alves, que de modo bem mineiro nos apresenta como ensinaria a arte da jardinagem, como pesquisadores em constante processo de construção e desconstrução, quando estabelecemos no coletivo os objetivos de ensinar, as palavras de Rubens Alves sempre ecoam, de modo a nos dizer, estamos iniciando o processo de ensinar pelo início ou pelo fim. Pensamos sempre na possibilidade da prática de uma forma de ensinar encantadora e apaixonante. Muito do que perdemos aos nos distanciarmos do “olhar” de

nossos (as) alunos(as) e do espaço escolar durante o ensino remoto, e que educadores e educandos buscaram estabelecer por meio da tela do computador.

Se eu fosse ensinar a uma criança a arte da jardinagem, não começaria com as lições das pás, enxadas e tesouras de podar. Eu a levaria a passear por parques e jardins, mostraria flores e árvores, falaria sobre suas maravilhosas simetrias e perfumes; a levaria a uma livraria para que ela visse, nos livros de arte, jardins de outras partes do mundo. Aí, seduzida pela beleza dos jardins, ela me pediria para ensinar-lhe as lições das pás, enxadas e tesouras de podar. (ALVES, 2018, p. 73).

Destacamos a prática para o aprendizado, o contato com os vários objetos e experiências para que o aprendizado se consolide, durante o ensino remoto as plataformas digitais desempenharam importante papel, para dentro do possível e da formação docente possibilitar experiências, diálogos e a continuidade do ensino.

Procuramos identificar nos PPPs dos Cursos a estrutura geral e do currículo. Consideramos o currículo como uma construção cultural, como um modo de organizar uma série de práticas educativas. O conhecimento corporificado no currículo não é algo fixo, mas um artefato social e histórico, sujeito a mudanças e flutuações. O currículo deve ser percebido como um processo constituído de conflitos e lutas entre diferentes tradições e diferentes concepções sociais. A seleção e a organização do conhecimento escolar não podem ser vistas como escolhas inocentes, não são um processo lógico, mas social, no qual convivem, lado a lado, fatores epistemológicos e intelectuais. A partir dessas considerações sobre o currículo, registramos a seguir, a estrutura geral dos Cursos e do Currículo:

Agropecuária (Técnico concomitante ao E.M.) 2015

A concepção curricular da educação profissional será integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à cultura, à ciência e à tecnologia, conduzindo ao permanente desenvolvimento para a atuação profissional e o pleno exercício da cidadania. Tendo como princípios a interdisciplinaridade, flexibilização curricular, contextualização e atualização.

Agropecuária (Integrado ao E.M.) 2019

O curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio pauta-se na busca por uma concepção curricular interdisciplinar, contextualizada e transdisciplinar, de forma que as marcas das linguagens, das ciências, das tecnologias estejam presentes em

todos os componentes, inter cruzando-se e construindo uma rede em que o teórico e o prático, o conceitual e o aplicado. E que, o aprender a aprender, o aprender a conviver, o aprender a ser e o aprender a fazer estejam presentes em todos os momentos.

Alimentos (Integrado ao E.M.) 2020:

A organização curricular contemporânea tem por objetivo assegurar ao educando o desenvolvimento de sua autonomia, a continuidade e a articulação do processo ensino aprendizagem, respeitando o ritmo, as vivências e experiências educacionais e os conhecimentos obtidos e que serão adquiridos em sua trajetória acadêmica. Na composição da organização curricular do Curso de Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, levou-se em consideração as determinações fixadas em legislação específica pelos órgãos competentes do Ministério da Educação e as que constam em regulamentos próprios da Instituição, os quais se comprometem com a construção de sociedades justas e sustentáveis, fundadas nos valores da liberdade, igualdade, solidariedade, democracia, justiça social, responsabilidade, sustentabilidade e educação como direito de todos.

Internet das Coisas (Integrado ao E.M.) 2020

De acordo com o documento é priorizado a formação integral do aluno, integração dos conhecimentos gerais e técnico-profissionais realizada na perspectiva da interdisciplinaridade e contextualização; o trabalho e a pesquisa como princípio educativo e pedagógico respectivamente; educação em direitos humanos como princípio norteador e a indissociabilidade entre educação e prática social. O currículo deve contemplar tratamento metodológico que evidencie contextualização, flexibilidade, diversificação, atualização, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, ou outras formas de interação e articulação entre diferentes campos de saberes específicos, envolvendo as múltiplas dimensões do eixo tecnológico do curso e das ciências e tecnologias a ele vinculadas, contemplando vivências práticas e vinculando a educação escolar ao mundo do trabalho e à prática social.

Manutenção e Suporte em Informática (Integrado ao E.M.) 2013

O ensino técnico-profissionalizante integrado ao ensino médio, quando coerente com seus fins e bem embasado, é essencialmente interdisciplinar e contextualizado,

garantindo vivências e desenvolvimento de habilidades que dificilmente seriam possíveis numa formação puramente acadêmica, livresca e tradicional.

Meio Ambiente (Integrado ao E.M.) 2019

Na composição do currículo do Curso Técnico em Meio Ambiente Integrado ao Ensino Médio, bem como nas definições relativas ao estágio curricular, são levadas em consideração as determinações fixadas em legislação específica pelos órgãos competentes do Ministério da Educação e do Ministério do Trabalho e as que constam em regulamentos próprios da Instituição.

Identificamos, nos documentos analisados, que ao referir-se ao currículo dos Cursos, foi comum o registro sobre a importância de um currículo interdisciplinar e contextualizado. Concordamos com as propostas, pois consideramos que um ensino baseado em disciplinas isoladas, sem relacionar com outras disciplinas, sem contextualizar, ou seja, sem fazer relação com a vida prática, limitam a formação dos jovens estudantes. De acordo com Santomé (1998), a disciplina funciona como uma forma de organizar e delimitar um território de trabalho dentro de um determinado ângulo de visão. Dessa maneira, cada disciplina oferece uma imagem da realidade particular sob o ângulo observado. Embora os conhecimentos de cada disciplina sejam pré-estabelecidos, não são imutáveis, estão em constante transformação e evolução em consonância com a história e a força que esta exerce sobre os homens e as mulheres que constroem e reconstróem os conhecimentos.

Consideramos que as disciplinas se manifestam politicamente, pois possuem organizações, limites e estruturas; possuem ainda grupos de pessoas que as defendem e divulgam. Elas, ao longo do tempo, impõem determinadas formas de pensar, contribuindo para marginalizar e silenciar muitas dimensões da realidade. A construção do conhecimento disciplinar formaliza-se com a utilização de seleção de dados significativos ou não. Esta seleção está controlada por paradigmas que organizam o pensamento e a visão da ciência e da realidade, contribuindo para uma compartimentação em especialidades, que, de forma fragmentada, dificilmente oferece um significado verdadeiro da totalidade. Nesse contexto, aos alunos está negada qualquer possibilidade de poder intervir nos processos educacionais, seus papéis se limitam à obediência e à submissão à autoridade. A reflexão crítica é negada, pois os conteúdos se apresentam desconexos, separados, descontextualizados do mundo em que vivem. Por outro lado,

uma perspectiva interdisciplinar, possibilita o diálogo entre diferentes saberes. Conforme Fazenda (2008),

Um projeto interdisciplinar de trabalho ou de ensino consegue captar a profundidade das relações conscientes entre as pessoas e entre as pessoas e coisas. Nesse sentido, precisa ser um projeto que não se oriente apenas para o produzir, mas que surja espontaneamente, no suceder diário da vida, de um ato de vontade. Nesse sentido, ele nunca poderá ser imposto, mas deverá surgir de uma proposição, de um ato de vontade frente a um projeto que procura conhecer melhor. No projeto interdisciplinar, não se ensina, nem se aprende: vive-se, exerce-se (FAZENDA, 2008, p. 94).

A autora ressalta que o conceito de interdisciplinaridade, ensaiado desde os anos de 1970, encontra-se diretamente ligado ao conceito de disciplina, onde a interpenetração ocorre sem a destruição básica das ciências conferidos. Ao tratar do conceito de interdisciplinaridade a autora chama atenção para não ficar apenas na prática empírica. Interdisciplinaridade escolar é diferente de uma interdisciplinaridade científica.

O estudo empreendido sobre os PPPs dos Cursos analisados, revelam que aproximam do que Veiga (2003), denomina como perspectiva emancipatória. Nesse caso, a inovação e o projeto político-pedagógico estão articulados, integrando o processo com o produto porque o resultado final é não só um processo consolidado de inovação metodológica, na esteira de um projeto construído, executado e avaliado coletivamente, mas um produto inovador que provocará também rupturas epistemológicas.

Ressaltamos que falar em inovação e projeto político-pedagógico tem sentido se não esquecermos qual é a preocupação fundamental que enfrenta o sistema educativo: melhorar a qualidade da educação pública para que todos aprendam mais e melhor. Essa preocupação se expressa muito bem no tríplice finalidade da educação em função da pessoa, da cidadania e do trabalho, conforme expresso na Carta Constitucional de 88. Desenvolver o educando, prepará-lo para o exercício da cidadania e do trabalho significam a construção de um sujeito que domine conhecimentos, dotado de atitudes necessárias para fazer parte de um sistema político, exercendo a cidadania plena, votando e podendo ser votado, sendo parte das decisões políticas do país que interferem diretamente dos processos de produção da sobrevivência, desenvolvendo se pessoalmente e socialmente.

A pesquisa empreendida nos documentos nos traz alento, diante do cenário que vivemos. Na contramão de uma perspectiva de Ensino Médio profissionalizante

desenvolvida no IFTM, que busca a formação crítica, intelectual e técnica, estamos presenciando a Reforma do Ensino Médio promovida pela Lei n. 13.415 (BRASIL, 2017b):

Art. 36. O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, a saber: I - linguagens e suas tecnologias; II - matemática e suas tecnologias; III - ciências da natureza e suas tecnologias; IV - ciências humanas e sociais aplicadas; V - formação técnica e profissional.

Não é proposta dessa pesquisa aprofundar nessa discussão tão relevante, registramos uma breve menção, com o intuito de registrar nossa preocupação com o futuro do Ensino Médio. A primeira modificação proposta pela referida lei diz respeito ao vínculo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017a), no formato de escolha dos itinerários formativos conforme as áreas do conhecimento destacadas acima. A justificativa para esses novos arranjos curriculares, legitimada pelos discursos de políticos e acadêmicos defensores da proposta e por um investimento maciço em propagandas nos diferentes canais de comunicação, esteve em torno da ideia de que era necessário tornar o currículo mais atraente aos jovens em razão da liberdade de escolha. De acordo com Silva e Martins (2021), esta seleção corresponde a 40% da carga horária geral, e o restante se destina às disciplinas obrigatórias de Português e Matemática, previstas pela BNCC (BRASIL, 2017a).

Desde o processo de elaboração até a implementação da BNCC (BRASIL, 2017a), Silva e Martins (2021) evidenciam como as políticas públicas destinadas ao Ensino Médio novamente estão afinadas e a serviço dos ideais neoliberais, o que compromete a formação integral dos estudantes no direito ao conhecimento das “humanidades e das relações democráticas” por trás de um discurso que constrói a ideia de uma pretensa liberdade. Na realidade, é o alijamento do direito de seleção, uma vez que, de acordo com a Lei n. 13.415 (BRASIL, 2017b), a organização das áreas ficará a cargo dos estabelecimentos de ensino que, por sua vez, foram obrigados a ofertar dois percursos no mínimo e deverão orientar os estudantes em suas preferências.

Para Silva e Martins (2021), no contexto de propaganda e fomento à formação vinculada às demandas do mercado de trabalho, ao conhecimento técnico e à formação de mão de obra, as humanidades tendem a representar pouco espaço nas escolas, o que priva os estudantes de uma “formação plena e voltada para a construção da cidadania”.

Consideramos que a experiência do IFTM nos cursos técnicos profissionalizantes poderia contribuir para (re)pensar na proposta do Ensino Médio de outras instituições. O estudo dos PPPs revela um movimento de luta em prol da democratização; a preocupação com a inclusão, a importância do diálogo, da autonomia e configuração unicidade e coerência ao processo educativo. Concordamos com Veiga (2003) ao ressaltar que uma instituição educativa é uma instituição de confronto, de resistência e de proposição de inovações. Assim, o projeto político-pedagógico construído coletivamente é regido pelo intercâmbio e pela cooperação.

Pensamos que um dos maiores desafios ao se estruturar em currículo, seja que ela faça sentido aos alunos(as), que eles se vejam parte do processo e projeto da escola, e não somente espectadores, mas também protagonistas. Estabelecer uma lógica entre o currículo ofertado e as expectativas de alunos(as) e a vida em sociedade. Sem saber o motivo que são ensinados sobre alguns conteúdos e matérias, fica difícil aprender e estabelecer uma relação entre o que é ensinado e uma perspectiva de uso. Assim a análise dos currículos ofertados nos cursos técnicos integrados e/ou concomitantes ao ensino médio ganham relevância para observarmos se o currículo ofertado está em consonância com as expectativas de alunos (as) e comunidade escolar. E se foi necessário e possível re-pensar esses currículos e suas estruturas no ensino remoto. O próximo tópico se detém na (re)organização do processo de ensino considerando o contexto da pandemia.

2.3 Tornando Visível o Ensino Mediado por Tecnologias Digitais

*Na verdade, estávamos trabalhando, mas de forma remota, então tínhamos que trabalhar, mas nos sentimos ameaçados o tempo inteiro, de estarmos constantemente gravando o que estávamos fazendo, como Ata de todos os momentos, preenchendo planilhas e planilhas, **para não ter o nosso trabalho invisível, tivemos realmente que comprovar nosso trabalho**, para que não tirassem o nosso salário, nós não estávamos fugindo do serviço. (Entrevista, RIOS, 2022)*

A narrativa de um (a) das docentes colaboradoras da nossa pesquisa, nos faz compreender a importância de darmos visibilidade ao trabalho realizado durante o Ensino Remoto Emergencial, frente a tantas acusações por parte de órgãos não governamentais e governamentais, parte da mídia e até mesmo parte da sociedade em relação ao trabalho desenvolvido nesse período pelas redes ensino/docentes. Assim, fica expresso na fala da docente a necessidade de **tornar visível**, comprovando que estávamos trabalhando. Nesse sentido, todo esse processo, trouxe uma sobrecarga de atividades e o excesso de trabalho

para dar conta de comprovar o que e como estava sendo realizado as aulas durante todo o período remoto, tornou ainda mais doloroso e cansativo todo o processo.

Nos debruçarmos em questões do uso da educação tecnológica em sala de aula, na educação formal, em nada nos distância do papel do(a) professor(a), ao contrário abordaremos a ressignificação da ação docente e seu papel a frente dos processos educativos.

Ao falarmos em educação tecnológica temos muitas vezes o *preconceito* e o temor de processos muito complexos e ou impossíveis de serem realizados, sob a perspectiva da sala de aula regular e o docente da educação básica.

Ao contrário disso, pensamos que processos podem ser aprendidos, oportunizando a todos os docentes o acesso a ferramentas e processos educacionais, visto que em muito podem contribuir com o processo de ensino, até mesmo de disciplinas chamadas clássicas ou rígidas.

Apesar de falarmos em ciência, tecnologias e plataformas educacionais, estes temas ao nosso ver não estão descolados da presença e participação do professor, ao contrário acreditamos que ele seja um dos personagens centrais.

De acordo com a diretora de ensino, as atividades acadêmicas presenciais do IFTM foram suspensas em 18 de março de 2020, em razão da pandemia causada pelo novo Coronavírus (Covid-19). Por esse motivo a necessidade de criar normativas para orientar a execução do ensino remoto emergencial foi imediata, permanecendo como orientadoras para o ano letivo de 2021. Nas palavras de Nóvoa (2022),

[...] De repente, o que era tido como impossível, transformou-se em poucos dias: diferentes espaços de aprendizagem, sobretudo em casa; diferentes horários de estudo e de trabalho; diferentes métodos pedagógicos, sobretudo através do ensino remoto; diferentes procedimentos de avaliação, etc. [...] (NÓVOA, 2022, p. 25).

Entramos na casa dos(as) nossos(as) alunos(as), mas nossos(as) alunos(as) também entraram na nossa casa, na nossa intimidade, nos sons e nas cores da nossa casa. Usávamos alguns dos recursos tecnológicos de modo esporádico para cumprir alguma atividade dentro de uma plataforma, fazer um registro, um acompanhamento, mas de repente passou a ser tudo o que podíamos realizar para seguir com o processo de ensino, ficamos muito tempo expostos na frente da tela com nossos(as) alunos(as), havia uma multiplicidade de meios para nós e os(as) alunos (as) acessarem, por exemplo, tínhamos o *WhatsApp*, *YouTube*, *Instagram* *Facebook*, *Google classroom*, *Microsoft Teams*

e material impresso dentre outras possibilidades. A sensação que tínhamos era que havia uma dilatação do tempo do nosso trabalho, que começava muito cedo e não tinha hora para terminar, porque era tudo muito novo. Penso que, em 2021, nós já tínhamos mais vivências no uso das novas tecnologias aplicadas à educação do que no ensino remoto emergencial, para nós podermos realizar o que era necessário cumprir em relação ao ensino, mas é preciso registrarmos que não realizamos o ensino na modalidade EAD, não realizamos o EAD. O que realizamos foi o ensino emergencial com as ferramentas que dispúnhamos, com os recursos que nós tínhamos para suprir uma necessidade emergencial. Quando o(a) aluno(a) matricula-se no EAD ele(a) sabe o que vai precisar, e ele(a) não terá um professor(a) online o tempo todo, ele(a) terá um professor(a), um monitor, um tutor em momentos específicos para sanar dúvidas e/ou acompanhar o desempenho dos (as) alunos(as), é uma outra metodologia para acompanhamento do ensino, e o que nós vivemos durante o ensino remoto foi frenético, foi intenso demais para poder chamar EAD. Foi a construção de uma forma de ensinar onde utilizamos todos os mecanismos e recursos para acessar os(a) alunos(as), uma experiência alicerçada na tentativa e erro, nas trocas de experiências e no compartilhamento entre docentes dos conhecimentos prévios ou adquiridos no curso do processo. Com o intuito de assegurar que todos (as) os(as) alunos(as) fossem alcançados, nas palavras de um dos professores colaboradores da pesquisa Rios, (2022) “fazer toda uma adaptação, no sentido de ajudar ninguém ficar de fora do processo.”

No IFTM campus Uberlândia, foi criado comitês locais de crise para as discussões e propostas de ações para a execução do ensino remoto, capacitação dos servidores, acolhimento da comunidade acadêmica e planejamento para o retorno do ensino presencial. Sendo necessário *um olhar* local, para uma situação emergencial global.

Com o cenário da Pandemia do novo Covid-19 e a oferta da educação básica em sua totalidade de modo remoto, cada personagem da estrutura escolar teve redesenhado o seu papel, família e escola em uma perspectiva educacional que demandou do(a) aluno(a) seguir com seus estudos com maior autonomia. Com a suspensão das aulas presenciais, essa lacuna teve que ser preenchida, e as *Tecnologias Digitais* aplicadas à educação, ocuparam lugar de destaque na educação em todos os níveis de ensino, em nossa pesquisa vamos nos ater a perspectiva da educação básica no ensino médio integrado ao técnico e/ou subsequente.

A família e escola precisaram se organizar e unir esforços para dar conta da ausência física do professor e do espaço escolar, nesse contexto pandêmico foi necessário reestruturar a participação da família e da escola, para que o ensino continuasse chegando aos alunos(as). Se de um lado a escola (instituições de ensino) estava ciente que não era possível retornar de forma segura ao espaço escolar, mas de alguma forma era preciso estabelecer, ainda que de modo virtual, a retomada da relação com seus discentes. Por outro lado, a família, se viu obrigada a uma rotina de acompanhamento de seus (as) filhos(as) por tempo integral e que não estavam preparados para realizar.

Segundo a diretora de ensino, para atendimento a comunidade escolar, os comitês locais estabeleceram em consonância com as diretrizes recebidas pela reitoria a forma e estrutura organizacional para acolher as demandas, como medida de contenção e disseminação do COVID-19, os setores de atendimento do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro- IFTM Campus Uberlândia funcionaram em dias e horários reduzidos, o contato foi priorizado por e-mails e mídias sociais do campus. Os atendimentos presenciais ocorreram em casos de extrema necessidade e com agendamento.

Ao falarmos em ensino remoto, tecnologias digitais aplicadas à educação, plataformas educacionais e ensino híbrido, todos esses temas a nosso ver não estão descolados da presença e participação do(a) professor (a), ao contrário acreditamos que ele(a) seja um dos(as) personagens centrais dessa trama, um(a) e mediador(a) do processo junto aos seus(suas) alunos(as). De acordo com Couto, Couto e Cruz,

[...]gestores, professores, pais e alunos, desenvolveram outros esquemas para garantir o trabalho e o estudo remotos, para ampliar os limites das escolas por meio de atividades online. Mesmo diante da precária inclusão digital no Brasil e das desconfianças de muitos, a Internet se tornou a tecnologia interativa por meio da qual, de muitas e de maneiras criativas, milhares de crianças, jovens e adultos continuaram e continuam a ensinar e aprender nesses tempos conturbados. (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020, p.212).

Com as demandas do Ensino Remoto, o espaço de críticas sobre o papel da escola e da família, teve que ceder o lugar para as possibilidades de atender os(as) alunos(as), que saíram para um final de semana normal do cotidiano e em outro momento, foram impedidos de seguir com o ano letivo no espaço escolar, com professores(as) e amigos(as). Foi preciso adequar as demandas da atualidade e dar respostas rápidas, utilizando-se assim, de um modelo de educação ofertado na modalidade EAD, como parte da Carga Horária em algumas unidades curriculares, que é um formato diferente do

Ensino Remoto, mas que, de algum modo tratava-se de uma experiência dos(as) alunos(a) do IFTM.

Os(as) docentes e discentes do IFTM já tinham acesso à plataforma de ensino, mas não com o uso na mesma intensidade e em tempo integral, a exemplo o ambiente virtual (AVA). Sobre os usos das tecnologias no ensino Freitas e Almeida ressaltam:

Dentro de uma nova pedagogia que acolha metodologias de ensino com o uso das TIC's, além da facilidade e da qualidade de informações que se tornam disponíveis e das inúmeras possibilidades de um processo de aprendizagem interativo/construtivo, espera-se contribuir para a autonomia intelectual do aluno. Ao adaptar-se ao uso de tecnologias, ela poderá buscar respostas às suas próprias inquietações, e essa busca - incluindo-se aí a seleção das informações, é uma das maiores contribuições que a aprendizagem pode dar ao aluno. FREITAS e ALMEIDA (2012, p.32).

O Ensino Remoto foi regulamentado em razão da pandemia do Covid-19 em 2020, para que as redes de ensino pudessem ofertá-lo em suas instituições, damos destaque as três portarias relacionadas abaixo, que especificam o uso dos recursos digitais como possibilidade de integralização da *Carga Horária* das atividades pedagógicas, sem as quais a oferta de ensino na forma remota não encontraria respaldo legal para ser realizado e ter validado o ano letivo. O registro da carga horária total da unidade curricular, deverá contemplar as atividades letivas síncronas e/ou assíncronas desenvolvidas durante o período de atividades didático-pedagógicas remotas.

Com a necessidade da permanência do *Ensino Remoto Emergencial*, dadas as condições de saúde pública pela pandemia, com a impossibilidade de retorno às atividades presenciais, foram editadas novas portarias, estabelecendo critérios para os demais processos educacionais. Foi e está sendo um longo caminho para todas as instituições, com a finalidade de legitimar as atividades pedagógicas desenvolvidas neste período, uma vez que há redes que não fizeram a mudança do remoto para a oferta do *ensino híbrido*, a exemplo do IFTM Uberlândia que permaneceu com a oferta do ensino remoto.

A Portaria MEC nº 1.030, de 1º de dezembro de 2020, publicada em 02/12/2020, que “dispõe sobre o retorno às aulas presenciais e sobre caráter excepcional de utilização de recursos educacionais digitais para integralização da carga horária das atividades pedagógicas enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19”;

A Portaria MEC nº 1.038, de 07 de dezembro de 2020, que “altera a Portaria MEC nº 544, de 16 de junho de 2020, que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meio digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus -

Covid-19, e a Portaria MEC nº 1.030, de 1º de dezembro de 2020, que dispõe sobre o retorno às aulas presenciais e sobre caráter excepcional de utilização de recursos educacionais digitais para integralização da carga horária das atividades pedagógicas, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid19”;

A Portaria MEC nº 617, de 3 de agosto de 2020, que “dispõe para os cursos da educação profissional técnica de nível médio nas instituições do sistema federal de ensino, enquanto durar a situação da pandemia da Covid-19, a substituição das aulas presenciais por atividades não presenciais, mediadas ou não por recursos digitais ou demais tecnologias da informação e comunicação”;

Nas palavras de GALDINO (2022), fica expresso a necessidade da construção dessas Normativas e a organização de Comissões para possibilitar a execução do Ensino Remoto.

Sobre o período de suspensão das aulas, na verdade, quando começaram a comentar sobre, falaram em 30 a 60 dias, algo nesse sentido, mas não era algo oficial tanto é, que montamos comissões. O IFTM montou comissões para que expedissem normativas a cada 15 dias, quando viram que isso ia perpetuar durante um tempo maior, montaram coordenações voltadas somente para essa área essencialmente, por exemplo, os professores não eram obrigados a ministrar aula de forma síncrona, mas depois já foram obrigados, então foram emitindo algumas normativas nesse meio prazo para dar suporte também para os alunos. (Entrevista, GALDINO, 2022).

A utilização de recursos digitais passou a ser uma das possibilidades para que o ensino continuasse a ser ofertado. Embora as portarias não evidenciam a possibilidade de um ensino de qualidade, que considerasse a multiculturalidade e as diferentes realidades vivenciadas pelos discentes. Concordamos com Nóvoa (2022) ao afirmar que:

De modo geral, a resposta ao nível dos sistemas educativos foi frágil e inconsistente. Os ministros e as autoridades públicas ficaram dependentes de plataformas e de conteúdos disponibilizados por empresas privadas, não sendo sequer capazes de assegurar o acesso digital a todos os alunos (NÓVOA, 2022, p. 26).

No IFTM Campus Uberlândia, diante de todas as particularidades encontradas pelo acesso de discentes e de gerenciar múltiplas ferramentas de ensino, bem como, as dificuldades de acompanhamento das aulas e atividades, por parte dos serviços de apoio ao ensino, decidiu padronizar por meio de ofício interno o Ambiente Eletrônico de Ensino a ser utilizado para aulas remotas, deveria ser o *Google Classroom*.

Entre 01/06 e 05/06/2020 esses ambientes foram criados dentro do Google Classroom e entre 08/06 e 19/06/2020 os docentes familiarizaram-se com o uso dos ambientes. A partir de 22/06/2020, quando retornou às atividades remotas, todas as disciplinas passaram a ser ministradas nas suas salas específicas no *Google Classroom*.

O coração da escola é sala de aula e as relações que ocorrem dentro daquele espaço, com a suspensão das aulas presenciais esse processo foi interrompido pela pandemia, professores(as) e alunos(as) migraram para ocupar outros espaços, uma alternativa foi o uso dos ambientes *online* as plataformas digitais, com o objetivo da manutenção dos vínculos e conseqüentemente a redução da evasão escolar. A utilização de uma plataforma gratuita da *Google* foi a solução encontrada por algumas redes de ensino, conhecida como *Google sala de aula* ou *Google Classroom*. Na plataforma da educacional da *Google*, o(a) professor(a) pode desenvolver atividades, distribuir tarefas e dar devolutivas, abrir a agenda do(a) aluno(a), tudo pelo *Classroom*, pode marcar reuniões e atividades síncronas, com a possibilidade de acessar nele as outras ferramentas *Google*.

Ainda que todas essas funcionalidades operacionais encham os olhos, a princípio foi necessário momentos de trocas, de compartilhamentos entre em pares, desmistificando o uso dessa tecnologia em substituição a sala de aula presencial. Alguns docentes demonstraram receio, outros preferiram o uso de outros meios para manter o vínculo com seus alunos (as), a exemplo o uso de mensagens e vídeos chamadas pelo aplicativo do WhatsApp.

Uma análise importante para alcançar o maior número discentes do IFTM campus Uberlândia, teve que fazer uso não apenas de um recurso digital ou tecnologias já aplicadas à educação, foi necessária uma criteriosa análise juntamente com os docentes de qual/ quais meios seriam necessários a cada curso/ turmas/ alunos(as)/ docentes. Afinal, não estamos falando de algo novo somente para discentes, mas para docentes também.

Segundo a diretora de ensino, aos discentes que não se adaptaram ao ensino remoto ou com dificuldade de acesso, coube a equipe do IFTM pensar estratégias para que esses(as) alunos (as) não ficassem à margem do processo, nesses casos foi oportunizado materiais impressos, contato com os familiares para ciência e apoio, empréstimo de computadores, disponibilizar vídeo aulas, matérias de estudo para serem realizados de modo assíncrono, para ser utilizado em horário agendado para apoio ao

estudante conforme a disponibilidade do campus. Sobre os ambientes de aprendizagem, concordamos com Nóvoa (2022) ao afirmar:

O mais importante é a construção de ambientes educativos coerentes, que permitam concretizar o que, há muito, dizemos que é preciso fazer: envolvimento e participação dos alunos, valorização do estudo e da pesquisa, aprendizagens cooperativas, currículo integrado e multitemático, diferenciação pedagógica, etc. (NÓVOA, 2022, p. 27).

O esforço das pedagogas e professores(as) do IFTM revelou a importância da autonomia profissional e da dinâmica de colaboração. Foi um contexto para a construção dos laços de confiança entre a escola, a família e os(as) alunos(as) foram de fundamental importância.

No primeiro semestre de 2021, apesar das discussões sobre a possibilidade do retorno gradual, em razão do agravamento da pandemia do novo coronavírus (Covid-19), o IFTM permaneceu com o ensino remoto. Portanto, o retorno às aulas na forma presencial, ocorreu de forma gradual a partir dos critérios definidos e regulamentos publicados pelo IFTM.

Finalizamos essa seção ressaltando a necessidade de refletir sobre o cenário da pesquisa, pois foi um momento em que conhecemos um pouco sobre o histórico da Instituição, os PPPs dos Cursos investigados e os desafios iniciais frente à pandemia. Na próxima seção aprofundamos nossas reflexões a partir das vozes dos(as) professores(as).

3. O que dizem os(as) professores (as) sujeitos da pesquisa: *formação, saberes e práticas*

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, homens e mulheres descobriram que era possível ensinar
Paulo Freire (1996)

Inspirados em Paulo Freire compreendemos a importância do diálogo no processo de ensino e aprendizagem. Aprendemos por meio da troca com o outro. Na situação escolar, consideramos que ensinar é desafiar, instigar, propor situações para a descoberta. Retomamos ao questionamento que nos acompanhou ao longo da pesquisa: como ocorreu o trabalho dos docentes durante o Ensino Remoto Emergencial no IFTM campus Uberlândia? Esse foi o desafio de professores e professoras ao longo de quase dois anos (2020 e 2021), em função da Pandemia do novo Covid-19. Dessa forma, nessa seção, temos como objetivo registrar as *vozes* dos professores e professoras, do ensino integrado e do ensino concomitante ao ensino médio (IFTM), que atuaram na modalidade do ensino remoto, buscando refletir sobre sua formação, seus saberes e fazeres.

A seção está organizada em dois tópicos. No primeiro, empreendemos algumas reflexões sobre a formação de professores (as). Na segunda, focamos nos saberes e nas práticas desenvolvidas ao longo do ensino remoto emergencial.

3.1 A formação de professores(as): algumas reflexões

Um olhar retrospectivo na formação de professores(as) nos remete ao paradigma da racionalidade técnica, segundo Silva e Fonseca (2007), o mais difundido entre nós. O modelo da racionalidade técnica, empregado na formação de professores(as), fundamenta-se numa concepção herdada do positivismo, que prevaleceu ao longo de todo o século XX. Segundo este modelo, a atividade do profissional é, sobretudo, instrumental, dirigida para a solução dos problemas concretos que encontra na prática, aplicando princípios gerais e conhecimentos científicos derivados da investigação. Considera o(a) professor(a) como um técnico, cujo saber-fazer é fundado sobre uma ciência rigorosa, objetiva e matematizada. De acordo com Pérez Gómez (1992), “A atividade do profissional é, sobretudo, instrumental, dirigida para a solução de problemas mediante a aplicação rigorosa de teorias e técnicas científicas” (PÉREZ GÓMEZ, 1992, p. 96).

Nesse paradigma formativo, de natureza transmissiva e cumulativa, as relações entre formadores e professores(as) são marcadas pela assimetria de saber e de poder, e a cada um são atribuídos papéis com contornos claros e definidos. Espera-se que o conhecimento técnico-científico, repassado pelos formadores oriente o(a) professor(a) e o seu fazer cotidiano em sala de aula, numa transposição linear, mecânica, dirigida no sentido da teoria para a prática. O primado é, portanto, da teoria, trazendo as inovações e

as descobertas. A prática fica reduzida à aplicação da teoria, negando a diversidade de demandas que o professor (a) encontrará no espaço escolar.

Ainda em relação aos programas de formação orientados por esse modelo, é importante destacar que procuram fornecer aos professores(as) os recursos instrumentais, de forma a capacitá-los para o exercício competente da profissão docente. Isso porque, nesse modelo, ser competente é ser objetivo, possuir o domínio das técnicas de ensino, ter desenvolvido a capacidade cognitiva de prever os resultados da intervenção pedagógica, mediante o controle rígido e sistemático das ações-meio, cuidadosamente estudadas e deliberadas pelos(as) professores(as). Nesse processo, se algum resultado escapa ao controle, reinicia-se todo um replanejamento das ações de intervenção, conferindo um poder absoluto aos meios para se conseguir o fim desejado.

Existe uma divisão hierarquizada entre os que pensam e os que executam, entre os produtores e os consumidores de saberes, entre os pesquisadores e os professores, entre a teoria e a prática, que se relaciona com a perspectiva positivista de conceber o mundo. A lógica inerente a essa concepção está assentada na cisão, na fragmentação, na dicotomização, na visão parcial do objeto, revelando grande dificuldade em reconstruí-lo em sua totalidade. Aspectos que tornam a teoria muito distante da prática do(a) professor(a).

Segundo Pérez Gómez (1992), o modelo tecnicista, dificilmente, poderá resolver os problemas que se detectam numa situação concreta, uma vez que os seus esquemas de análise e as suas técnicas de intervenção asfixiam as manifestações mais peculiares e genuínas da complexa situação social que se enfrenta. Aspectos que tornam a teoria muito distante da prática do(a) professor(a), não oferecendo os subsídios necessários para que o docente consiga responder às demandas da sala de aula. Afirma que não podemos considerar a atividade prática do(a) professor(a) como atividade exclusiva e prioritariamente técnica. É mais correto encará-la como uma atividade reflexiva e artística, na qual cabem algumas aplicações concretas de caráter técnico.

A crítica generalizada à racionalidade técnica, modelo pelo qual a formação de professores não foi capaz de prepará-los para lidar com situações novas, ambíguas e confusas, fez emergir várias concepções alternativas sobre o papel do(a) professor(a) como profissional: Professor Pesquisador, Professor Reflexivo, Intelectual Transformador, Professor Autônomo Apesar das diferenças, elas têm em comum o desejo de superar a relação linear e mecânica entre o conhecimento científico-técnico e a prática

na sala de aula. O sucesso do(a) professor(a) depende da sua capacidade de trabalhar em um espaço contingente e complexo, resolvendo problemas práticos, por meio da integração inteligente e criativa do conhecimento e da técnica.

Ao trazermos algumas reflexões acerca da formação de professores(as) e relacionar com o cenário da investigação é importante ressaltar que a atuação docente no IFTM é marcada por uma especificidade: a carreira EBTT (Ensino Básico, Técnico e Tecnológico). De acordo com Moreira (2017), uma característica marcante das instituições educativas às quais estão vinculados os docentes da carreira EBTT, é a diversidade de níveis de ensino em que o(a) professor(a) poderá atuar: na formação inicial e continuada de trabalhadores (PRONATEC e PROEJA, por exemplo), na Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio), na educação técnica (cursos técnicos integrados ao ensino médio, cursos técnicos na modalidade concomitante e/ou subsequente), na educação tecnológica (graduação e na pós-graduação). Com isso, exige-se desses docentes a mobilização de diversos saberes provenientes das mais variadas fontes.

A carreira EBTT contempla as atividades de ensino, pesquisa e extensão, restando pouco espaço para a formação. Lembramos que muitos/as docentes são bacharéis, ou seja, não tiveram a docência como formação, assim consideramos importante o investimento na formação continuada e/ou serviço. Existe o desafio de se manter na profissão de docente quando sua formação inicial não te preparou para isso. As Licenciaturas têm se esvaziado ao longo dos anos, com vagas ociosas em vários cursos nas universidades. Já para os cursos técnicos e/ou integrados ao médio temos um número grande de bacharéis que se veem no exercício da docência. O “trânsito” desde o ensino médio até a pós-graduação possibilita o acompanhamento dos discentes por um período maior, oportunizando um ajuste do currículo na prática docente.

Ainda sobre a formação do(a) professor(a), retomamos Nóvoa (2009) ao defender a necessidade de assegurar a aprendizagem docente e o desenvolvimento profissional dos professores(as): articulação da formação inicial e formação em serviço numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida. O autor resalta a importância da valorização do professor(a) reflexivo e de uma formação de professores(as) baseada na investigação. É fundamental que a formação docente desenvolva culturas colaborativas e o trabalho em equipe. O autor destaca cinco disposições necessárias ao professor(a):

- 1) Conhecimento: O trabalho do professor consiste na construção de práticas docentes que conduzam os estudantes à aprendizagem;

2) A cultura profissional: Ser professor é compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes. É na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão.

3) O tato pedagógico: Capacidade de relação e de comunicação sem a qual não se cumpre o ato de educar. E também essa serenidade de quem é capaz de se dar ao respeito, conquistando os alunos para o trabalho escolar. Saber conduzir alguém para a outra margem, o conhecimento, não está ao alcance de todos.

4) O trabalho em equipe: [...] o exercício profissional, organiza-se cada vez mais, em torno de “comunidades de prática”, no interior de cada escola, mas também no contexto de movimentos pedagógicos que nos ligam a dinâmicas que vão para além das fronteiras organizacionais.

5) O compromisso social: Defender princípios, valores, da inclusão social e das diferenças. Educar é conseguir que o estudante ultrapasse as fronteiras... (NÓVOA, 2009, p. 30-31).

As disposições elencadas por Nóvoa (2009) fizeram-se ainda mais importantes no ensino remoto.

É sobre esse contexto que nos deteremos a seguir.

3.2 Formação e atuação docente em tempos de pandemia: o que dizem as vozes dos(as) professoras e professores

Concordamos com Guimarães e Zamboni (2008), ao afirmarem que a formação docente não é tarefa exclusiva de determinados sujeitos, tempos e lugares, mas se processa ao longo da vida profissional dos sujeitos, em múltiplos espaços socioculturais, agências, em diferentes modalidades e projetos formativos. Aspectos da história de vida pessoal marcam o ser e o formar-se professor(a). Vida e profissão são lugares que constroem experiências. Vida, profissão e narrativa estão entrecruzadas com relações territoriais e de poder, na medida em que remetem o sujeito a viver sua singularidade, enquanto ator e autor, investindo em sua interioridade e conhecimento de si e estimulando questionamentos sobre suas identidades, reveladas nas escritas do eu. Nesse cenário, trajetórias de vida e fragmentos biográficos articulam-se através de ações coletivas, aprendizagem informal e experiências sociais como constitutivas das culturas, identidades, subjetividades e diversidades dos sujeitos em seus territórios de vida-formação.

Para a escrita desse tópico recorreremos ao questionário respondido por nove (9) professores(as) e a entrevista com outros seis (6) professores(as). Inicialmente nos interessou conhecer sobre a história acadêmica e profissional dos *autores* da escrita do

ensino remoto em tempos de pandemia, de alunos(as) do Ensino Médio (integrado e/ou concomitante) da área rural de Uberlândia no campus do IFTM. Coadunamos com Lage (2003),

Uma entrevista precisa de fontes e informações fornecidas por instituições ou personagens as quais testemunham ou participam de um evento de interesse público, para o autor é preciso “selecionar e questionar essas fontes, colher dados e depoimentos, situá-los em algum contexto e processá-los segundo técnicas.” (LAGE, 2003, p. 49).

Aos professores(as) colaboradores que cederam a entrevista, utilizamos pseudônimos:

Maria Vieira: Possui mestrado e doutorado em sociologia pela USP, formou-se como bacharel em Ciências Sociais na UFRJ e direito pela UERJ.

Vilma Maria: Concluiu licenciatura e especialização em Educação em Matemática e mestrado em Educação.

Marcelo: Formado em filosofia, graduação licenciatura e bacharelado, especialização em filosofia, história da filosofia, mestrado em filosofia política e cultural, doutorado em Geografia, na área de geografia humana e doutorando em filosofia política.

Isidoro: Graduado em Matemática e mestrado profissional PROFMAT em Uberaba.

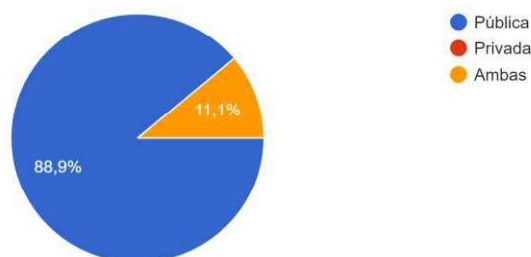
Galdino: formado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Uberlândia, bacharelado e licenciatura, possui pós-graduação e especialização em Gestão Ambiental e mestrado em Ecologia e Conservação de Recursos Naturais.

Pseudônimo Prof. Benedito Rios – Graduado em Letras- Português e Inglês, Relações Internacionais e Mestre em política externa brasileira.

No questionário enviado via *Google Forms*, respondido por outros nove (9) professores(as), questionamos sobre a vida acadêmica, registramos as respostas no Gráfico 1:

Gráfico 1- Sobre a vida acadêmica

Como foi sua vida acadêmica? Em faculdade/universidade pública ou privada?
9 respostas



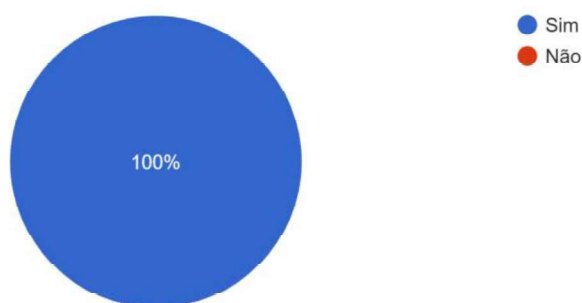
Fonte: Questionário *Google Forms*

Dos(as) professores(as) que concederam a entrevista, todos concluíram graduação e pós-graduação em Universidades Públicas. No gráfico um (1) podemos identificar que 88,9%, dos que responderam ao questionário, cursaram a graduação em Universidades/Faculdades Públicas.

Procuramos saber sobre o acesso dos docentes a laboratórios de informática e/ou similares durante a graduação e/ou pós-graduação. 100% dos colaboradores responderam positivamente.

Gráfico 2- Acesso a laboratório de informática ao longo da graduação

Na instituição que cursou, teve acesso a laboratório de informática e/ou similares?
9 respostas



Fonte: Questionário *Google Forms*

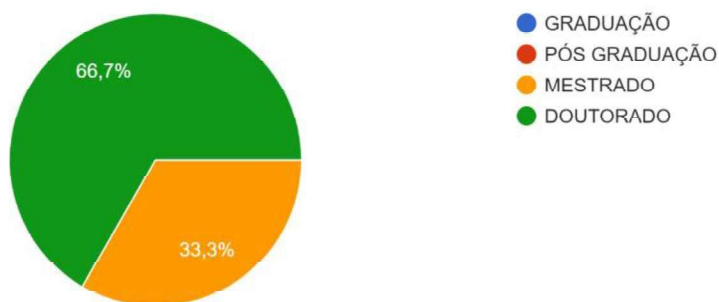
Além da formação acadêmica, o acesso às tecnologias durante a graduação e/ou especialização, nos preocupamos em entender qual/quais motivos fizeram com que os(as) profissionais escolhessem à docência dentre as possíveis carreiras. Três (3) docentes ressaltaram que a escolha foi pelo interesse e gosto pela profissão: “Paixão pela

docência”, “vocação”, “gosto pela profissão, gosto de trabalhar com pessoas e gosto do processo de aprendizagem com todo”. Um (1) docente registrou que foi por acaso: “Foi por acaso! Vi um anúncio de concurso e resolvi fazer”. Tr s (3) docentes afirmaram que a escolha teve rela o com a oportunidade de trabalho: “Empregabilidade e desejo de conhecer o mundo”, “Salário, estabilidade, benefícios de carreira, inclusão no mercado e contato com o setor”, “Forma o em p s-gradua o e oportunidades de trabalho”. Um (1) ressaltou que a escolha tem rela o com o histórico familiar e outro (1) registrou que foi por meio de conversas com amigos. Percebemos pelas respostas dos(as) docentes que as escolhas em sua maioria foram feitas tendo como base um projeto de vida, voca o, emprego e estabilidade.

Sobre a titularidade dos(as) docentes colaboradores, dos entrevistados tr s (3) possuíam mestrado e dois (2) doutorado. Em rela o aos professores(as) que responderam ao questionário, apresentamos as respostas no gráfico 3:

Gráfico 3 - Titularidade das/os docentes

Qual sua titularidade?
9 respostas



Fonte: Questionário *Google Forms*

A maioria das/os docentes já concluíram o doutorado (66.7%), 33,3%, fizeram, até o momento da pesquisa, o mestrado.

Consideramos importante compreendermos os caminhos que foram percorridos por nossos protagonistas até chegar no local da pesquisa, qual/ quais aprendizados foram possíveis neste caminho, neste caminhar. Conhecer nossos(as) personagens nos faz refletir quais *histórias de vidas* compõem o IFTM campus Uberlândia. Como todo esse processo preparou os(as) docentes para os desafios e possibilidades do

ensino/aprendizagem mediado por tecnologias digitais, qual o uso faz de seu conhecimento e história de vida para compor o(s) profissional (s) que são hoje.

Apenas um (1) docente respondente do questionário não teve experiência anterior na docência. O(a) Professor(a) D trabalhou, antes de atuar no IFTM, na Algar, Martins e Sebrae. As/Os outros/os docentes tiveram experiência na docência.

Atuei em escolas da rede municipal de Uberlândia, na UFU, na Universidade Católica e atualmente atua no IFTM, (Professor B, 2021).

Iniciei minha carreira docente em 1999, ainda como graduando em Engenharia Elétrica, sendo professor de matemática em um "cursinho alternativo" chamado FUTURO PRÉ-VESTIBULAR ALTERNATIVO. Após transferência para a Licenciatura em Matemática, ainda como graduando, fui professor substituto no Ensino Fundamental na ESEBA/UFU e estive professor na rede privada de Uberlândia e Região, tanto no Ensino Médio quanto em cursinhos pré-vestibulares. Já graduado, atuei como professor contratado na Rede Municipal de Uberlândia, ministrando aulas no Ensino Fundamental. Após o mestrado, estive como professor no Ensino Fundamental em uma escola de Uberlândia e como professor do Ensino Superior em uma faculdade da região, ambas escolas da rede privada. Em 2010, ingressei no IFTM Campus Uberaba, iniciando meus trabalhos no Campus Uberlândia em 2013. (Professor A, 2021).

Comecei a trabalhar, de forma informal, aos 13 anos, em serviços gerais. Em empregos formais comecei aos 14 anos, também em serviços gerais. Fiz o Serviço Militar na Marinha do Brasil. Depois trabalhei em empregos na área de informática. Me graduei (Licenciatura e Bacharelado) em Geografia na UFU. Atuei em escolas particulares de nível médio e superior em Uberlândia e Região. Ingressei no serviço público em 2006, no antigo CEFET Uberaba, depois IFTM. Hoje, no IFTM Campus Uberlândia (Professor C, 2021).

Sou médico veterinário de formação e docente por ocupação, em poucas palavras até o ensino médio fui um péssimo estudante (tenho minhas suspeitas que os meus docentes não colaboraram muito ao longo do processo), porém ao entrar na faculdade um mundo novo se abriu e gostei tanto de estudar que precisava arrumar uma ocupação que me pagasse para estudar, assim busquei a carreira docente pois o desafio é diário e nada monótono. Ministrei aulas na UNIFOR (Formiga/MG), INTA e Universidade Estadual Vale do Acaraú (Sobral/CE) e por fim no IFTM campus Uberlândia (Professor, D, 2021).

Trabalhei por 5 anos na UNIPAC como professora e coordenadora de curso, e após ser aprovada em concurso entrei no IFTM como docente (Professora F, 2021).

Trabalhei como professora substituta na UFU no departamento de engenharia química e no departamento de física (Professora G, 2021).

Trabalhei em escolas de idiomas (Fisk, Wisdom, Cultura Inglesa), como professora particular. (Professora H, 2021).

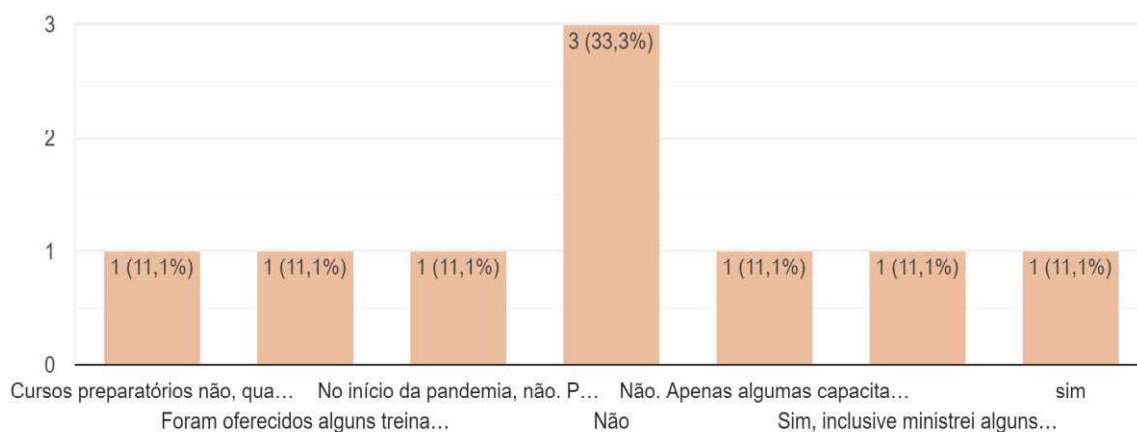
Por diferentes caminhos, as/os professoras/es, colaboradoras/es da pesquisa experimentaram a docência. Porém, mesmo com a experiência, nos anos de 2020 e 2021 nos trouxe um grande desafio: ***desenvolver o processo de ensino e aprendizagem, de forma remota***, nesse cenário as tecnologias podem ter sido uma grande aliada. No caso do ensino remoto no IFTM, foi publicada uma Resolução que altera temporariamente algumas organizações didáticos pedagógicas, mas somente enquanto perdurar a pandemia e as aulas remotas, e todos os campi ficaram obrigadas a seguirem as mesmas regulamentações pedagógicas.

Questionamos as/os professoras/es se houve uma preparação para desenvolver o ensino remoto, especificamente sobre os usos das tecnologias digitais aplicadas à educação. Registramos as respostas no Gráfico 4.

Gráfico 4- Cursos Preparatórios

Foram oferecidos cursos preparatórios de uso das tecnologias digitais aplicadas à educação, para que você pudesse lecionar de modo remoto?

9 respostas



Fonte: Questionário *Google Forms*

As diferentes respostas registradas no Gráfico 4, podem ser melhor compreendidas por meio das narrativas dos(as) professores (as) que concederam a entrevista. Ficou evidenciado que o ensino remoto foi imediato, ou seja, no dia seguinte em que foi decretado a suspensão das aulas presenciais. Dessa forma, não houve uma preparação imediata, mas houve uma rede de colaboração entre os(as) docentes que

compartilharam seus saberes relacionados às Plataforma. Vejamos o que dizem as narrativas:

Terça eu estava no presencial e na quinta eu tinha que entrar em uma aula remota. E assim, posso te dizer que na primeira semana eu já pesquisei como eu ia me virar nisso é lógico que nossa previsão era 20 dias sem aulas presenciais. Eu tive um dia para me preparar para a aula online em um ambiente totalmente diferente do que eu nunca tinha experimentado. Tinha experiência com a Plataforma Moodle e outras, mas não era essa a nossa ferramenta. Nossa ferramenta era o Classroom, Google Meet, ou o Zoom. Inicialmente foi o Zoom. Mas, por si, você sozinha em casa sem assistência, sem ajuda e sem orientação segura. (Entrevista, Vilma Maria, 2022).

No caso do Instituto nós não paramos nem um minuto, nós tivemos uma normativa no dia 18 de março de 2020 na qual passaríamos para o ensino remoto devido a questão do isolamento social, no dia 20 nós já estávamos trabalhando a todo vapor com a plataforma online sem nenhuma interrupção. O que nós fizemos foi readequar o processo de aula presencial para o ensino remoto, no início os professores tiveram liberdade de escolher a maneira de como comunicar com aluno, eu escolhi o *YouTube* porque eu já tenho um canal há um certo tempo para as aulas síncronas e fazendo toda parte de avaliação, registro de nota, presença, usamos o próprio sistema virtual do Instituto o Virtual IF e por incrível que pareça vencemos o primeiro semestre sem nenhum atraso, no prazo, em julho de 2020, mas não foi um processo fácil. (Entrevista, Marcelo, 2022).

Eu estava em sala de aula quando foi decretado a interrupção das aulas, se eu não me engano foi numa terça-feira, me lembro que foi no meio da semana e falaram que a partir do dia seguinte não teria aula porque tinha sido decretada a pandemia e eles iam rever alguns conceitos. Eu acho que o IFTM foi um dos institutos mais rápidos para agir em relação a isso, porque nós começamos o ensino remoto uma semana depois, capengando óbvio, com todas as dificuldades porque foi uma coisa nova não só para os alunos, mas para muitos professores, para maioria dos professores, na verdade, você tentar resgatar plataformas online como o *Google classroom* ou *meet* e você conseguir modificar as aulas, porque não vamos ser hipócritas, a aula não é a mesma em uma maneira presencial e uma maneira online, houve muita dificuldade, a minha primeira aula foi um desastre, foi literalmente um desastre e olha que eu tenho internet de 300 megas em casa e mesmo assim a conexão caía toda hora, eu não conseguia escutar os alunos, eu não coloquei regras como todo mundo com microfone e câmeras fechados inicialmente porque estava dando muita interferência, então foi literalmente um desastre, uma aula que seria 50 minutos eu encerrei em 10 minutos falando que iria repor aquela aula. Inicialmente foram ofertados alguns minicursos que os próprios professores ministravam, às vezes um professor que tinha mais facilidade com essas plataformas disponibilizava horários para que outros professores entrassem e eles explicassem, mas sendo bem sincero a maioria foi no bruto, aprendeu na marra, tutoriais ou alguma coisa nesse sentido, a nossa coordenação,

direção, deu um pouco de suporte, mas a gente só foi estabelecer isso como padrão 6 meses depois que já tinha decretado a pandemia. (Entrevista, Isidoro, 2022).

Dentre todas as incertezas da Pandemia, além do medo e insegurança do novo COVID-19, a necessidade do uso das novas tecnologias, acolher as dificuldades de alunos (as) e familiares colocou educadores de todo o país frente a situações limites. De acordo com as narrativas, a Instituição, ao ser decretada a suspensão das aulas presenciais, optou por iniciar, sem um estudo mais aprofundado, o ensino remoto.

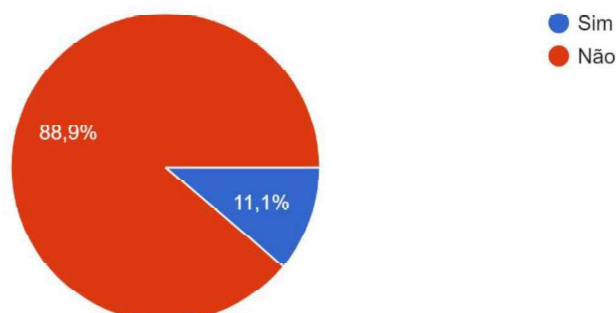
Quando a pandemia chegou, professores (as), alunos (as) e as próprias instituições de ensino não estavam preparados para a complexa demanda que viria para continuarem com a oferta de ensino. Um dos grandes desafios era preparar com agilidade e rapidez os docentes para o uso das tecnologias (formá-los em tempo recorde), definir o que e como fazer em um cenário composto por dúvidas e planejar para um período incerto. E ainda assegurar que todos(as) os docentes tivessem os meios necessários para seguir o trabalho de suas casas. Questionamos os(as) professores (as) sobre a organização dos equipamentos necessários. O professor A ressaltou que não houve auxílio da instituição em relação aos equipamentos necessários; o professor B e F recorreram aos equipamentos que já possuíam em casa; o professor C usou os equipamentos pessoais e alguns emprestados pela instituição; o professor D registrou que praticamente não teve apoio da instituição e que nem mesmo o departamento audiovisual funciona.

Buscamos saber se foi disponibilizado ajuda de custo para uso da internet, o gráfico 5 registra a resposta dos(as) docentes:

Gráfico 5- Recursos para internet

Foi disponibilizado ajuda de custo para internet?

9 respostas



Fonte: Questionário *Google Forms*

Com toda essa imersão no uso das novas tecnologias aplicadas à educação em quase dois anos de atividades remotas, é perceptível a autonomia no uso desses recursos após esse período. Houve um aprendizado digital, um compartilhamento de experiências por parte dos docentes, que em muitas vezes foram auxiliados e apoiados por seus alunos(as). Procuramos conhecer a experiência dos(as) docentes com o ensino remoto. Inicialmente registramos as narrativas dos nove (9) professores(as) que responderam ao questionário:

Resumindo em uma frase: "É o que tem pra hoje". Meus problemas de acesso a equipamentos e conexão, resolvi com recursos próprios; em relação ao acesso discente, a ação mais imediata da escola foi a de envio de materiais impressos aos lares. Sobre acesso a equipamentos e à conexão, penso que a ação da escola foi demorada e com pouca aderência. Desde a graduação, entendo as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação como um fundamental auxílio às interações do cotidiano escolar. Desta forma, não tive maiores dificuldades em relação à utilização de ferramentas durante o ensino remoto. Porém, não sendo eu um adepto à EaD, mantenho minhas limitações em relação às interações remotas. (Professor A, 2021).

No início foi um pouco confuso e difícil (2020). Posteriormente me adaptei bem (Professor B, 2021).

Desafiadora e com alguns conflitos, em função dos diferentes papéis (Trabalho, família, escola, estudos, lazer, pai, filho). Muitos aprendizados que levarei para o resto da vida, mas não tão leves. Poderia ser mais leve, é isso. (Professora C, 2021).

Muito difícil. Um ambiente que não está adequado ao compromisso profissional, sendo que a quantidade de trabalho aumentou bastante. (Professor D, 2021).

Péssimo, no meu caso (docência) não tenho estrutura nem equipamentos adequados, para os estudantes além da falta dos mesmos recursos não foram preparados para o aprendizado remoto (Professor E, 2021).

Tive uma ótima experiência, com a adaptação no início, mas que ao longo do tempo foi se ajustando. (Professor F, 2021).

Inicialmente, muito difícil, mas hoje bem tranquilo, embora eu não domine todas as tecnologias (Professor G, 2021).

Muito caótica no começo, pois eu não tinha praticamente nenhum conhecimento sobre as ferramentas que precisava usar, não sabia gravar aula, postar no youtube nem usar os AVAs em todas suas possibilidades. Pensar nas avaliações remotas foi um exercício muito

difícil, pois precisei mudar totalmente a forma como eu avaliava no ensino presencial. Houve confusão para conciliar o trabalho com o ambiente familiar, uma vez que estava com criança em casa 100% do tempo. Também não tinha em casa um local adequado para trabalhar, já que trabalhava exclusivamente no IFTM antes da pandemia. aos poucos, consegui me organizar, aprender e desenvolver habilidades tecnológicas. Acredito que agora minhas aulas têm uma qualidade melhor, e muito do que aprendi no ensino remoto será aproveitado quando voltar ao ensino presencial. (Professor H, 2021).

Como podemos observar os (as) docentes experimentaram o ensino remoto de forma diversa. Em geral, consideraram difícil no início, mas foram se ajustando, apenas o professor E, se revelou mais resistente, pois avaliou a experiência como péssima e não acredita que os(as) estudantes estejam preparados para esse tipo de ensino.

Com o intuito de aprofundar sobre essa questão, buscamos destacar as narrativas dos docentes; entrevistados:

Eu gostei de usar as ferramentas do Google Meet, o Google classroom. Eu quase não uso mais papel nas minhas aulas, isso achei uma coisa positiva, usar novas tecnologias, embora temos que nos preocupar com quem tem ou não o acesso, uma vez que todo mundo tem acesso às tecnologias facilita muito. Mas, tem desafios que temos que encarar e que não somos preparados, fomos descobrindo ao longo desse processo, mas eu não culpo nem a coordenação e nem a direção porque é algo muito novo, ninguém poderia esperar por isso, porque não é uma questão só do ensino remoto, tivemos também quem teve que lidar com esse contexto de pandemia, que as pessoas estão ficando doentes, que os parentes estão morrendo, então não foi apenas a distância, mas todo esse novo ambiente, a nova forma de lidar com os alunos tudo isso é muito diferente. (Entrevista, Maria Vieira, 2022)

A virada de chave para o remoto foi no se vire, quando tivemos alguma formação a gente já estava em julho. Já tinha ido um trimestre. O esforço de trabalho com as Plataformas foi gigante e no retorno ao presencial, retomou a chave e não aproveitou nada do esforço empreendido. (Entrevista, Vilma Maria, 2022).

Para mim também foi um pouco novo, eu nunca tinha ministrado uma aula pelo Meet, já tinha participado de reuniões, mas quando você é o centro das atenções é diferente, assim como o *Google Classroom*, eu não tinha conhecimento da ferramenta, então eu tentei estudar para dar o melhor suporte possível para os nossos alunos, pelo menos para os meus alunos, então eu tentei ministrar aulas síncronas desde a primeira semana que falaram que o ensino seria remoto. Inicialmente como eu já havia comentado não deu certo, mas depois foi super tranquilo, super bacana, digamos que eu tive uns 15 dias de adaptação, mas depois fluiu de uma maneira bem legal. (Entrevista, Isidoro, 2022).

Para mim esse momento não foi fácil, por gostar desse contato com os jovens e principalmente porque eu gosto de Ensino Médio, daquela

energia da galera e dar aula para “fotinhas” era uma coisa muito difícil, eu usava vídeos, dançava, usava a música, e eles achavam a aula legal, mas eles não estavam sabendo que eu estava animando a mim mesmo e não a eles, eu estava gerando novos momentos de descontração, momentos que foram legais para eles, mas muito mais para mim, esse foi o primeiro desafio, você não ter esse contato visual. (Entrevista, Galdino, 2022).

Desse modo, para mim foi muito bom porque abriu meus horizontes e hoje eu tenho ideias muito mais elaboradas do que antes, a gente vivia dizendo que o ensino precisava progredir e precisava melhorar, mas hoje eu vejo que as estratégias que tentávamos melhorar eram muito pequenas, a minha visão como professora e de alguém que tinha apoio profissional dentro de casa para ajudar com equipamentos e metodologias. (Entrevista, Rios, 2022)

Por meio das narrativas podemos identificar que os professores vivenciaram o contexto do ensino remoto por diferentes caminhos. Maria Vieira, percebeu diferentes potencialidades nos usos das tecnologias e identificou possibilidades de utilizar essas tecnologias no retorno ao presencial. Vilma Maria, relata que tudo que foi aprendido no ensino remoto, não está sendo aproveitado no retorno ao presencial. O professor Isidoro, teve dificuldades no início, mas adaptou ao uso das Plataformas Digitais. Galdino, ressaltou que teve que empreender de um grande esforço para dar aulas nas Plataformas, em sua entrevista ressaltou o quanto gosta de gente, ou seja, sentiu dificuldades em dar aulas sem ter o contato direto com os alunos.

Para os docentes e para os discentes ficaram outros aprendizados, tais como: a importância de aprender constantemente, a utilização das plataformas digitais como metodologia de ensino, aprender a superar desafios, a vencer obstáculos, então concordamos que aprendizado houve. As narrativas nos permitem dialogar com Nóvoa (2022) ao afirmar:

Hoje, não é possível pensar a educação e os professores sem uma referência às tecnologias e à “virtualidade”. Vivemos conexões sem limites, num mundo marcado por fraturas e divisões digitais. É preciso enfrentar com lucidez, e coragem, estas tensões: entre um empobrecimento da diversidade e a valorização de diferentes culturas e modos de viver; entre uma diminuição da privacidade e liberdade e a afirmação de novas formas de democracia e participação; entre redução do conhecimento ao digital e a importância de todo o conhecimento humano e social (NÓVOA, 2022, p. 36).

A experiência vivida ao longo do ensino remoto no contexto da Pandemia, exige reflexões para pensarmos em que modelo escolar queremos construir. Foi um período em

que fomos atravessados por diferentes situações e possibilidades. Nesse sentido, consideramos importante denunciar e anunciar.

Pedimos para que os(as) professores(as) ressaltassem os aspectos negativos do ensino remoto. Dos(as) professores(as) que responderam ao questionário, foi recorrente a afirmação sobre a dificuldade de acesso, por parte dos alunos, à internet. Além da dificuldade dos estudantes em acompanhar as aulas online. O Professor C, relatou o despreparo inicial dos docentes e a ausência de convívio com os estudantes. O professor F, registrou como ponto negativo a falta de aulas práticas. Essa afirmação nos leva a problematizar o processo formativo, pois ao retomarmos o que está registrado nos PPPs dos Cursos, a relação teoria e prática é imperativa na formação crítica dos estudantes. Em relação às entrevistas destacamos as seguintes narrativas:

Todos aqueles desafios que nós já temos normalmente, foram potencializados no período de ensino remoto e eu acho que todos os professores devem ter falado a mesma coisa, essa dificuldade de acesso, à dificuldade de organizar o tempo dos alunos, porque quando os alunos estão em casa eles não estão simplesmente de folga, muitos estão ajudando os pais, muitos estão cuidando dos irmãos, trabalhando, às vezes temos que ter uma maior flexibilidade em relação a isso e não achar que eles estão à disposição só porque eles estão em casa, que eles estão 24 horas por dia a disposição dos professores. E o ensino remoto tem esse problema, porque ele exige que o aluno seja um pesquisador, ele tem que correr atrás, tem que ler mais, assistir vídeos, ele tem que ter mais autonomia para correr atrás dessas informações todas. Sei que a maior parte dos alunos têm dificuldades, se normalmente eles já têm dificuldades no dia a dia da escola, imagina nesse ambiente, muitos chegaram lá e nunca tinham tido contato com uma escola de tempo integral, eles chegam no primeiro ano e já tem que entrar nesse ritmo frenético, então foi muito difícil sei que houve um déficit, eles estão chegando agora com dois anos de déficit. (Entrevista, Maria Vieira, 2022)

Em um primeiro momento, além do desafio da tecnologia, tivemos o desafio das próprias famílias do que aconteceram nelas, porque algumas na realidade precisaram ir para o mercado de trabalho, alunos que estavam em tempo integral aqui na escola passaram a ser parte da renda da família. Tínhamos alunos que não tinham acesso à internet, tinha aluno que só tinha o telefone e algumas vezes tinha telefone quebrado e tinha que esperar alguém, a mãe chegar em casa para esperar para revezar o equipamento. Gravamos as aulas para que essas pessoas pudessem assistir depois, que não estava no momento síncrono. Tivemos situações das mais diversas. Pensar que tipo de atividade eu poderia pedir que no telefone meu aluno conseguisse fazer? Por exemplo, em 2020 a maioria usava pelo telefone, em 2021, percebemos que a maioria estava no computador. As famílias arrumaram um jeito,

temos que modificar, porque eu sempre tentei levantar essa informação, porque tem plataformas que os alunos não conseguiam fazer a atividade porque no celular a atividade era diferente. Então algumas coisas ele conseguia outras ele não conseguia. Então você tem que ajustar até o tipo de atividade, além daqueles que estão na zona rural e não chega internet e que o material precisou ser impresso para chegar lá, a kombi da escola, uma equipe ia levar e depois buscar... (Entrevista, Vilma Maria, 2022).

O primeiro ponto negativo é que nem todos os nossos estudantes tinham acesso à internet, nós trabalhamos em uma escola que também é na zona rural, nós temos alunos que moram em fazendas e muitos deles não tinham acesso, nós chegamos inclusive a fazer um processo no qual a escola levou o trabalho impresso para o aluno semanalmente, material didático, exercícios para que eles pudessem acompanhar e quando possível assistir às aulas gravadas nos canais de cada professor, então essa foi a dificuldade por parte do aluno. Além disso, mesmo aqueles alunos que tinham acesso à internet, muitas vezes a família de pai, mãe com três a quatro filhos tinham um computador para que todos usassem, então nem todos podiam estar disponíveis naquele momento em que estava tendo aula síncrona, do ponto de vista do aluno essa foi a dificuldade maior, fora as questões do trato psicológico, questão emocional, ter que estudar em um momento em que tantas notícias ruins chegam, muitos perderam familiares durante a pandemia. Do ponto de vista do professor, houve um trabalho muito maior porque a gente passou a trabalhar durante 3 períodos, manhã, tarde e noite às vezes até madrugada (Entrevista, Marcelo, 2022).

Como professora, em geral eu não usava muitas técnicas utilizadas para o ensino remoto nas minhas aulas, antes da pandemia era 100% presencial, eu não tinha nenhum ambiente virtual de aprendizagem online. (Entrevista, Rios, 2022)

A frequência era baixa, em uma sala de 30 alunos eu tinha 15, participantes o que para mim é baixo, metade dos alunos é baixo. Falamos “participando”, eu não sei se eles estavam em sala, muitas vezes você encerra a aula e tem dois alunos lá. Ministras aulas de matemática assim é complicado porque eu particularmente gosto do quadro, eu sempre prefiro quadro, eu acho muito mais fácil de se explicar para o aluno e eu tive que adaptar todas as minhas aulas, fazer o Powerpoint, eu tinha bastante aula, mas eu nunca gostei de ministrar no PowerPoint porque eu acho que não prende tanta atenção dos alunos, mas era o que tínhamos. (Entrevista, Isidoro, 2022)

Dar aula para “fotinhas” era uma coisa muito difícil, eu usava vídeos, dançava, usava a música, e eles achavam a aula legal, mas eles não estavam sabendo que eu estava animando a mim mesmo e não a eles, eu estava gerando novos momentos de descontração, momentos que foram legais para eles, mas muito mais para mim, esse foi o primeiro desafio, você não ter esse contato visual. O segundo desafio, eu faço questão de saber o nome de todos os meus alunos, eu já cheguei a ter 500 alunos e saber o nome de todo mundo, para mim a importante porque eu acho que se aquele aluno está dedicando grande parte do dia

dele comigo o mínimo que eu tenho que saber dele é o nome e nas fotinhas eu não sabia porque eu associo o nome a imagem. Então, essas relações pessoais para mim foram desafiadoras. Em relação a conteúdo fizemos o nosso melhor no ensino remoto, mas eu sei que é muito diferente, eu sei que o estudante aprende com gesticulação, com seu olhar, com a sua afetividade e coisas do tipo que são importantes no processo de ensino-aprendizagem, então a gente perdeu tudo isso. Outro desafio que para mim foi um aprendizado foi trazer para dentro da minha casa a minha sala de aula, quando eu falo dentro da minha casa eu falo de um apartamento de 100 metros quadrados com duas crianças, uma de 3 anos e um recém-nascido que nasceu durante a pandemia. (Entrevista, Galdino, 2022).

As narrativas reforçam as denúncias sobre a questão da acessibilidade às tecnologias digitais por parte dos(as) estudantes(as). Os desafios de desenvolver um processo de ensino em um contexto de pandemia, momento em que o medo e as perdas provocadas pela doença assolavam professores(as) e alunos(as). A sobrecarga do trabalho docente e a necessidade de fazer de nossas casas o local de trabalho. As *vozes* dos(as) professores(as) confirmam a afirmação de Nóvoa (2022) que alerta sobre a questão de que as tecnologias dotadas de uma “inteligência artificial” não substituirão o conhecimento especializado dos(as) professores(as).

Registrados os pontos negativos do ensino remoto, buscamos identificar se houve algum aspecto positivo. Dos(as) professores(as) que responderam ao questionário, foi recorrente a afirmação de que um fator positivo, é que mesmo no cenário caótico da pandemia, foi possível minimizar os prejuízos da formação, com a utilização das tecnologias digitais. Em relação aos professores(as) entrevistados destacamos:

Além das ferramentas tecnológicas que nós aprendemos, eu acho que essa experiência de ver um pouco mais da história de vida de cada um, da variedade que a gente tem, o nosso público, a quantidade de alunos pobres que nós temos, alunos com problemas familiares inclusive de agressão familiar, então isso foi um choque de realidade e essa tentativa de pensar o que eu posso fazer de diferente, não ficar estagnado na nossa prática, pensar o que a gente pode aperfeiçoar. Se nós conseguimos nos adaptar a esse período tão difícil o que podemos incorporar de novo nas nossas práticas, eu acho que possibilitou essa reflexão, mas foi um período difícil, sabemos que isso trouxe muitos problemas para os nossos alunos, as questões emocionais, muitos ficaram muito presos dentro da família, passando por situações difíceis então não foi fácil para ninguém. (Entrevista, Maria Vieira, 2022).

Acho que a minha aprendizagem é: eu preciso sair dessa gaiola! E eu mesmo que como formiguinha quero ver se consigo encontrar mais gente fora dessa gaiola nessa saída, nessa ida e vinda, às vezes a gente sai da gaiola e volta para gaiola, mas esse desejo de quebrar essas

caixinhas, ele ficou muito evidente depois disso. Essa aula de disciplina, de conteúdo e tal ela perdeu muito o sentido para mim, muito. E, assim, nessa virada de chave eu ver que esse meu desejo, essa minha aprendizagem, ela não chega, ela não vai entrar no ritmo que a gente quer ... eu vou ter que ter a paciência de construir, de me construir também pra conseguir fazer isso. Isso é o que mais forte que em mim ficou. É, eu poder me desgarrar da minha lista de conteúdos e dar mais propósito para o meu aluno perceber aonde ele vê essa Matemática. Acho que isso a gente precisava conseguir fazer mais, inclusive, tem projeto, tem tanta coisa que a gente tem chance de fazer. (Entrevista, Maria, Vilma, 2022).

Eu sempre tento tirar a parte boa das coisas, a pandemia foi péssima, eu não preciso citar em relação a isso, mas eu acho que algumas vivências ficaram e algumas coisas tem que ficar, por exemplo, hoje eu utilizo sala do *classroom* para todas as minhas turmas, listas que antigamente eu imprimia eu disponibilizo tudo lá, então é um canal de comunicação muito mais rápido, muito mais fácil e não tem como o aluno falar que não viu, eu estou falando da minha vivência, o *classroom* ficou. Eu acho que ainda precisa de muito, por exemplo, as reuniões que a gente teve no começo do ano foram de maneira presencial eu acredito que poderia ter sido de maneira virtual ainda, mas isso é questão da direção e da coordenação, mas acho que algumas coisas vieram para poder ficar, como reunião de maneira online. (Entrevista, Isidoro, 2022).

De aprendizado, valorizar a vida eu estou vivo, eu passei por isso, estou vacinado com três doses, muitos dos nossos não conseguiram isso e não consigo deixar de citar por um descaso governamental, por várias escolhas erradas da gestão do nosso país, a gente poderia ter vacinado há muito tempo e eu não ter perdido pessoas que eu perdi porque não se vacinaram, a primeira lição é isso, estou vivo, consegui passar por esse período, minha família, pessoas próximas, meus pais, eu tenho dois irmãos médicos que trabalharam na linha de frente da pandemia e que não pegaram covid-19, então é a primeira lição para mim, valorizar a vida e deixar de valorizar coisas que são absolutamente pequenas, coisas que às vezes eu dava muita ênfase antes e hoje eu dou menos. [...] Outro aprendizado são as questões tecnológicas, eu vou ser bem sincero, eu não era muito interessado, de vez em quando uma inovação aqui e outra ali eu gostava de usar, mas a pandemia nos obrigou a fazer isso do dia para noite, eu não sabia o que era *Google Meet*, e não tinha nem interesse em saber. Algumas coisas para mim vieram para ficar e outras eu acho que não precisam continuar, acho que nada substitui o papel do professor dentro da sala de aula, seja como mediador, como orientador e os nossos alunos falaram isso, teve aluno que falou "professor, eu aprendi mais nessa primeira semana de aula do que nos dois anos de ensino remoto", isso é muito forte de ouvir, o que você fez de diferente nessa primeira semana que em dois anos não foi feito? É a presença, olho no olho, foi isso que faltou de fato nesses dois anos, então os recursos tecnológicos foram outro aprendizado, foram vários, mas eu vou citar esses três por enquanto (Entrevista, Galdino, 2022).

Uma das coisas que mais parei para pensar e desenvolver, é a avaliação e em período remoto foi um tema muito sensível porque estávamos acostumados a aplicar avaliações, estruturadas em memorizar dados ou

achar dados que são facilmente encontrados na internet. Era algo que se a pessoa está trabalhando do computador ela facilmente abre uma aba e pesquisa no Google, quando fomos aplicar avaliação remota isso ficou muito escancarado, então repensar a avaliação porque já que tudo é muito fácil de ser encontrado, aqueles(as) professores(as) que tiveram esse tipo de raciocínio tiveram que pensar, se ele encontra algum dado na internet como ele resolveria alguma situação prática relacionada a esse dado?

Aplicamos um questionário com os(as) professores(as) perguntando o que eles achavam que eles tirariam de proveito depois da pandemia, tivemos muitos professores(as) que responderam que não tiraram nada e eu acho isso muito ruim porque a pandemia foi pesada em todos os sentidos, para muitas pessoas em graus diferentes, mas foi pesado para todo mundo, quem saiu de tudo isso sem aprender nada eu acho que perdeu uma oportunidade de crescimento, de ampliar horizontes. (Entrevista, Rios, 2022)

A pandemia, o ensino remoto emergencial, forçou a construção de novos saberes. O professor, como “ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, [...] do sentido que tem em sua vida o ser professor” (PIMENTA, 2012, p. 20). O sentido de ser professor foi impactado nesse contexto. Maria Vieira aprendeu sobre o potencial das diferentes Plataformas Digitais, o trabalho remoto possibilitou conhecer mais sobre a realidade dos discentes. Vilma Maria percebeu a importância de um trabalho interdisciplinar, de sair da “caixinha”, de não limitar o processo de ensino a conteúdo. O professor Isidoro e o professor Galdino também ressaltaram o aprendizado com as tecnologias. Galdino também ressaltou que aprendeu a dar mais valor à vida. A experiência vivenciada impactou nos saberes docentes.

Lembramos que os saberes da experiência também são constituídos a partir da reflexão sobre a prática. Pimenta (2012) afirma que:

Os saberes da experiência são também aqueles que os professores produzem no seu cotidiano docente, num processo permanente de reflexão sobre sua prática, mediatizada pela de outrem – seus colegas de trabalho, os textos produzidos por outros educadores (PIMENTA, 2012, p.22).

Em relação aos saberes do conhecimento, são os conteúdos disciplinares tão presentes no cotidiano das escolas. Pimenta (2012) esclarece que “conhecer significa estar consciente do poder do conhecimento para a produção da vida material, social e existencial da humanidade” (PIMENTA, 2012, p.24) e, diante disso, a escola e os

professores devem questionar-se sobre como a influência dos conhecimentos específicos de cada disciplina podem contribuir para o processo de humanização, numa perspectiva de inserção social crítica e transformadora.

As experiências registradas nas narrativas dos(as) professores(as) colaboradores dessa pesquisa nos permitem estabelecer um diálogo com Nóvoa (2022) ao afirmar que educação implica sempre uma intencionalidade, obriga um esforço de construção, de criação e de composição das condições dos ambientes e dos propícios ao estudo e a trabalho dos(as) alunos(as). Nesse retorno às aulas presenciais é fundamental o papel dos(as) professores na construção de um espaço público comum da educação. É papel dos(as) docentes criar novos ambientes escolares, compor uma pedagogia do encontro.

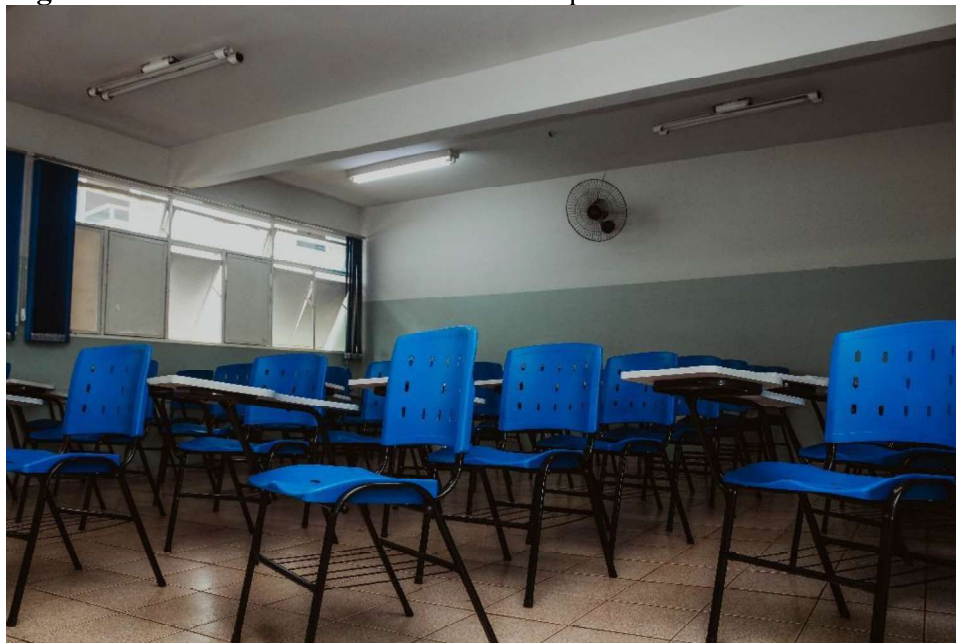
Mesmo antes da pandemia, Candau (2012) alertava que as escolas precisam ser reinventadas. O modelo da educação bancária, denunciado por Paulo Freire (2000), que marcou a educação no Brasil ao longo do século XX, não potencializa o sucesso do ensino e aprendizagem. Freire (2000), nos convida a refletirmos sobre o papel da escola, do(a) educador e do educando. As narrativas dos(as) professores(as) colaboradores ressaltam a importância da afetividade no processo de ensino.

As tecnologias foram fundamentais, mas o(a) professor(a) que a opera é o protagonista. Concordamos com Buckingham (2010), ao afirmar que os meios digitais têm enorme potencial para o ensino, mas é difícil realizar esse potencial se eles são considerados apenas tecnologias, e não formas de cultura e comunicação. As tecnologias, historicamente, fizeram parte do cotidiano escolar, porém o desafio é compreendê-las como formas de cultura e comunicação, usar as tecnologias de forma crítica e reflexiva.

O desenvolvimento dessa pesquisa, nos ensinou que as melhores respostas vieram dos fazeres e saberes dos(as) professores(as) que, por meio de sua autonomia profissional e de dinâmicas de colaboração, conseguiram avançar em propostas com sentido pedagógico e com preocupações inclusivas.

Na continuação desse texto, caminhamos para as considerações finais, onde retomamos nossa problemática, o processo de pesquisa e o aprendizado gerado nesse caminho!

Figura 5- Foto da sala de aula do IFTM no período remoto



Crédito: Gilson R. A. Carvalho Júnior - Acervo da Autora

Foram momentos especiais ouvi-los (as), conhecê-los, construirmos essa relação, porque formamos não só pelo “*conteúdo*”, mas também pelo exemplo, por nossas experiências, é lindo vê-los(as) emocionados, porque sabemos que foi um período muito difícil o Ensino Remoto Emergencial. Veremos profissionais se disponibilizando assim, compartilhando suas vivências conosco, abrindo novamente o espaço de suas casas e seus sentimentos. Essas vivências são muito importantes para a pesquisa, para tentarmos compreender como o Ensino Remoto “*atravessou*” todos nós, nossos lares, nossas famílias e nossos(as) alunos (as). Nos deu vontade de continuar ... não só a pesquisa, mas a docência.

Nossa pesquisa se propôs também a registrar as *vozes* as *histórias* vivenciadas por cada um (a) dos(as) professores(as) entrevistados, sabemos que cada “*janelinha*” teve seus desafios, não foi só o conteúdo que tentamos ensinar da melhor maneira, o nosso lar se transformou em uma escola, não estávamos preparados para esse momento, física, emocional e estruturalmente. Por mais que tivéssemos uma formação acadêmica e/ou profissional e já utilizássemos tecnologias na prática educacional, não podemos igualar ao que foi o Ensino Remoto durante a pandemia do novo Covid-19. Essa observação fica evidenciada no relato dos docentes durante as entrevistas, nas respostas dos participantes dos questionários online e nos diálogos durante as visitas ao IFTM campus Uberlândia.

Há profissionais que acreditam que todo esse aprendizado será incorporado às aulas presenciais, que poderão melhorar a forma de ensinar utilizando-se dessas novas tecnologias. Mas, há educadores que avaliam que todo o processo foi muito doloroso, despreparado, o que ocasionou um alto nível de estresse comprometendo a qualidade do ensino e conseqüentemente o aprendizado dos alunos (as) durante o ensino remoto nos anos de 2020 e 2021.

Vale destacar que não se trata de transcrever de forma direta a realidade, uma vez que há discrepâncias nas instituições de ensino por todo o país e em nossa cidade essas particularidades também são existentes, o que nos impossibilita de considerar que os fatos analisados na pesquisa possam ser consideradas verdades absolutas que compreendam todos os sistemas ou redes de ensino, mas se tornam uma amostragem significativa da realidade vivenciada nas instituições de ensino de Uberlândia/Minas/Brasil. Desejamos que nossa pesquisa represente uma oportunidade de contar a história vivida pelos(as) docentes durante o ensino remoto emergencial nas instituições federais de ensino, a partir das percepções dos personagens da narrativa, colocando luz aos aprendizados, mas relatando as inúmeras dificuldades.

Referências

- AGÊNCIA MINAS (Minas Gerais). Governo do Estado de Minas Gerais. **A Rede estadual de ensino terá Regime de Estudo não Presencial**. 2020. Disponível em: <https://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/rede-estadual-de-ensino-tera-regime-de-estudo-nao-presencial>. Acesso em: 10 set. 2021.
- ANDRÉ, Marli. O que é um Estudo de Caso Qualitativo em Educação? **Revista da FAEBA- Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v.22, n.40, p.95-103, jul./dez.2013. <https://doi.org/10.21879/faceba2358-0194.v22.n40>
- BARROS, José D Assunção. A revisão bibliográfica – uma dimensão fundamental para o planejamento da pesquisa. Instrumento. **Revista. Est. Pesq.** Educ. Juiz de Fora, v.11, n.2, jul/dez. 2009.
- BOBBIO, Noberto. **A Era dos Direitos**. Trad. Carlos Nelson Coutinho, Rio de Janeiro, RJ: Campus,2004.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. In: **Vade Mecum**. Obra coletiva de autoria da Editora Revista dos Tribunais com a colaboração de Darlan Barroso e Marco Antônio Araújo Júnior. 5 ed. atual. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2013.
- BUCKINGHAM, David. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização **Educação & Realidade**, vol. 35, núm. 3, septiembre-diciembre, 2010, pp. 37-58
- BULCÃO, Rebeca. **As 10 melhores citações da obra A Menina Quebrada, de Eliane Brum**. 2019. Disponível em: <https://notaterapia.com.br/2019/02/24/as-10-melhores-citacoes-da-obra-a-menina-quebrada-de-eliane-brum/>. Acesso em: 07 out. 2021.
- CANDAU, Vera Maria. **Didática Crítica Intercultural: aproximações**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- CARVALHO, Kildare. Gonçalves. **Direito Constitucional**. 14ª edição. Belo Horizonte: Del Rey Editora, 2008.
- CASTELLAR, Sonia M. Vanzella. **Metodologias Ativas: Introdução/Organizadora**, São Paulo: FTD,2016.
- CASTELLAR, Sonia M. Vanzella. **Projetos Interdisciplinares**, São Paulo: FTD, 2016.;
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- CONTA AZUL. **O que é pró-labore: como fazer, como funciona, quem faz e como calcula**. 2021. Disponível em: <https://blog.contaazul.com/o-que-e-pro-labore/>. Acesso em: 10 ago. 2021.

COUTO, Edvaldo Souza; COUTO, Edilece Souza; CRUZ, Ingrid de Magalhães Porto. #Fuqueemcasa:educação na pandemia da covid-19. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v.8, n.3,p.200-217, 2020. <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n3p200-217>

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade, transdisciplinaridade na formação de professores. **Revista do Centro de Educação e Letras**, Campus Foz do Iguaçu, 2008.

FREIRE, Paulo,1921-1977. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas escritas/Paulo Freire.**- São Paulo: Editora UNESP,2000.

FREITAS, M.C.D., ALMEIDA, M.G. Docentes e discentes na sociedade da informação (A escola do século XIX;v.2) Rio de Janeiro: Brasport, 2012.

GADOTTI, Moacir. "Pressupostos do projeto pedagógico". In: MEC, **Anais da Conferência Nacional de Educação para Todos**. Brasília, 28/8 a 2/9/1994.

GATTI, Bernadete. **Grupo Focal nas Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livro, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo, Atlas, 2008.

GUIMARÃES, Selva; ZAMBONI, Ernesta (Orgs.). **Espaços de formação do professor de História**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MIRANDA, Jorge. **Manual de Direito Constitucional**, tomo IV, “Direitos Fundamentais”, Coimbra, 1988.

MONTENEGRO, Darlan; HIPOLITO, Regina. **ROUSSEFF, Dilma**: min. minas e en. 2003-2005; min. casa civ. pres. rep. 2005-2010; pres. rep. 2011-2016.. min. Minas e En. 2003-2005; min. Casa Civ. Pres. Rep. 2005-2010; pres. Rep. 2011-2016.. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/dilma-vana-rousseff>. Acesso em: 07 set. 2021.

MORAES, Alexandre de. **Direito Humanos Fundamentais: Teoria Geral, Comentários aos arts.1º ao 5º da Constituição da República Federativa do Brasil, Doutrina e Jurisprudência / Alexandre de Moraes**. – 6.ed.- São Paulo: Atlas,2005- (Coleção Temas Jurídicos; 3)

MOREIRA, Nara, 1981- **A construção da identidade profissional de professores no contexto do PROEJA:** formação, concepções de prática pedagógica e saberes docentes. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia, 2017.

MOROZ, Melania; GIANFALDONI, Mônica Helena. **O processo de pesquisa:** iniciação. Brasília: Editora Plano, 2002.

NEHME, Valéria Guimarães de Freitas. **A Pedagogia de Projetos na Práxis da Educação Ambiental:** uma experiência na Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia-MG. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geografia - Universidade Federal de Uberlândia, 2004.

NÓVOA, António. **Professores – Imagens do futuro presente.** Lisboa: Educa, 2009.

NÓVOA, António. Três teses sobre o terceiro: Para repensar a formação de professores. In: **Escolas e professores:** proteger, transformar, valorizar. Salvador: SEC/IAT, 2022.

PÉREZ GÓMES, Angel. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 93-114.

PEREZ, Tereza. BNCC- **a Base Nacional Comum Curricular na prática da gestão escolar e pedagógica.** - São Paulo: Editora Moderna, 2018.

PEREZ, Tereza. **Diálogo escola-família:** parceria para aprendizagem e desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens. São Paulo: Moderna, 2019.

PÉREZ GÓMES, Angel. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, Antonio. **Os professores e a sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 93-114.

PIMENTA, Selma Garrido. (Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortez, 2012.

PRONATEC: O objetivo do Pronatec é ampliar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica por meio de ações de assistência técnica e financeira. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pronatec>. Acesso em: 09 out. 2021.

SILVA, Marcos; GUIMARÃES, Selva. **Ensinar história no século XXI:** Em busca do tempo entendido. Campinas, SP: Papirus, 2007.

SANTOS, Franciele Soares dos; MARTINS, Suely Aparecida. Novo Ensino Médio: consequências e perspectivas para a formação dos jovens. **Revista Pedagógica**, v. 23, p. 1-27, 2021. <https://doi.org/10.22196/rp.v22i0.5786>

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Inovações e Projeto Político-Pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória? **Cad. Cedes**, Campinas, v. 23, n. 61, 2003. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622003006100002>

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto Político-Pedagógico da Escola**: uma construção possível. 12ª Edição, Papyrus Editora, Campinas, SP, 2001.

Apêndice I: roteiro do questionário para as/os professoras/es**INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**

Essa pesquisa está alicerçada na metodologia qualitativa, a qual é referenciada no estudo de caso como instrumento de investigação da temática. O roteiro da coleta de dados utilizando-se de entrevistas será um processo de construção no desenvolvimento do projeto, visitas in loco, estudos da bibliografia e cronograma da pesquisa. À medida que o processo investigativo for se consolidando e ganhando contornos realizaremos a medida do necessário modelo atualizado que será submetido para avaliação e aprovação do CEP/UFU.

➤ ROTEIRO**Apresentação do (a) Pesquisador (a);**

Paula Adriana Vieira da Cunha – Pedagoga, Bacharela em Direito, Pós Graduada em Gestão Empresarial, atua há mais 20 anos na Educação Básica e atuou por três anos na Educação Profissional, Mestranda em educação da linha Saberes e Práticas Educativas- UFU 2020-2022.

- **Objetivo da Pesquisa:** Compreender os fatos que ocorreram durante o processo de ensino remoto da educação básica e a transição do ensino analógico para o digital, dentro de um processo de ruptura de paradigmas e a utilização das tecnologias aplicadas à educação.
- Gostaria que contasse sobre sua trajetória de vida.
 - Onde você nasceu?
 - Você tem filhos? Quantos? Qual a idade dos filhos?
 - Quanto à cor/raça, você se considera (de acordo com o IBGE)?
 - Profissão dos pais? Grau de escolaridade dos pais?
 - Tem irmãos? Quantos (as) dos seus irmãos/ irmãs possuem graduação?

- Há outros professores (as) em sua família?
- Como foi sua vida escolar?
- Como é que a levou a escolher sua profissão?
- Conte um pouco da sua trajetória profissional até chegar no IFTM campus Uberlândia?
- Quando chegou ao IFTM campus Uberlândia? Qual foi o seu maior desafio como docente do IFTM?

-Gostaríamos saber que fatos ou momentos de sua trajetória como educadora lhe marcaram mais? (positiva ou negativamente)

- Qual área do conhecimento você dedicou a maior parte do seu trabalho?
- O IFTM campus Uberlândia tem estrutura e equipamentos tecnológicos (notebooks, desktop, tela interativa, lousa digital) para uso de docentes e discentes? Como você avalia essa estrutura?
- Foi oferecido cursos preparatórios de uso das tecnologias digitais aplicadas à educação, para que você pudesse lecionar de modo remoto?
- Como foi a organização dos equipamentos para que você pudesse lecionar no ensino remoto?
- Foi oferecido a você ajuda de custo para internet?
- Nos conte um pouco de como foi sua experiência no ensino remoto em casa? Como define essa experiência?
- Qual é, em sua opinião, o principal problema do ensino remoto realizado no ano de 2020 e 2021 na Educação Básica com especial atenção ao Ensino Médio no IFTM campus Uberlândia?
- Qual é, em sua opinião, o principal aspecto positivo do ensino remoto realizado no ano de 2020 e 2021 na Educação Básica com especial atenção ao Ensino Médio no IFTM campus Uberlândia?
- Gostaria de acrescentar algo que não foi perguntado sobre essa vivência em sua trajetória profissional e os saberes e práticas que ficaram?

Apêndice II: roteiro de entrevista para os(as) docentes**INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**

Essa pesquisa está alicerçada na metodologia qualitativa, a qual é referenciada no estudo de caso como instrumento de investigação da temática. O roteiro da coleta de dados utilizando-se de questionário será um processo de construção no desenvolvimento do projeto, estudos bibliográficos e cronograma da pesquisa. À medida que o processo investigativo for se consolidando e ganhando contornos realizaremos a medida do necessário modelo atualizado que será submetido para avaliação e aprovação do CEP/UFU.

➤ ROTEIRO**Apresentação do (a) Pesquisador (a);**

Paula Adriana Vieira da Cunha – Pedagoga em escola da rede particular de ensino, atua no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, Bacharela em Direito, Pós-Graduada em Gestão Empresarial, atua há mais de 20 anos na Educação Básica e atuou por três anos na educação profissional, Mestranda em educação da linha Saberes e Práticas Educativas-UFU 2020-2022.

- **Objetivo da Pesquisa:** Compreender os fatos que ocorreram durante o processo de ensino remoto da educação básica e a transição do ensino analógico para o digital, dentro de um processo de ruptura de paradigmas e a utilização das tecnologias aplicadas à educação.

Gostaríamos de conhecê-lo(a), conversaremos um pouco, sinta se a vontade para fazer pausas e/ou perguntas. Caso não se sinta à vontade em responder alguma pergunta, sinta-se livre para não responder, poderá

complementar as perguntas adicionando aspectos que julga importantes na narrativa de sua *história*.

➤ **Identificação:**

- Qual o seu nome?
- Onde você nasceu?
- Qual a sua idade?
- Quanto à cor/raça, você se considera (de acordo com o IBGE)?
- Estado civil?
- Tem filhos (as)?

➤ **Sobre a Formação:**

- Conte um pouco da sua formação acadêmica?
- Onde e quando você concluiu?
- Fale um pouco sobre a formação continuada;
- Você considera que sua formação pedagógica auxiliou na sua formação profissional?

➤ **Experiência Profissional:**

- Conte um pouco da sua trajetória profissional até chegar no IFTM campus Uberlândia?
- Quanto tempo atua no IFTM campus Uberlândia?
- Quando chegou ao IFTM campus Uberlândia? Qual foi o seu maior desafio como docente do IFTM?
- Qual (s) disciplina(s) ministra no IFTM?
- Qual (os) segmentos atua? Ensino Médio Concomitante, Ensino Médio Integrado, Graduação, Pós Graduação?
- Qual(s) cursos atua?

➤ **Sobre o Ensino Remoto, desafios e aprendizados:**

- O IFTM campus Uberlândia tem estrutura e equipamentos tecnológicos (notebooks, desktop, tela interativa, lousa digital) para uso de docentes e discentes? Como você avalia essa estrutura?
- Foi oferecido cursos preparatórios de uso das tecnologias digitais aplicadas à educação, para que você pudesse se preparar durante o ensino remoto no período da Pandemia do COVID19?
- Como foi a organização dos equipamentos para que você pudesse ensinar no ensino remoto?
- Foi oferecido a você ajuda de custo para internet? Foi oferecido a você equipamentos (notebook, desktop, celular) ?
- Nos conte um pouco de como foi sua experiência no ensino remoto em casa? Como define essa experiência?
- Qual é, em sua opinião, o principal problema do ensino remoto realizado nos anos de 2020 e 2021 no Ensino Médio no IFTM campus Uberlândia?
- Qual é, em sua opinião, o principal aspecto positivo do ensino remoto realizado nos anos de 2020 e 2021 no Ensino Médio no IFTM campus Uberlândia?
- Como você define tudo o que você vivenciou em 2020 e 2021 com a execução do ensino remoto?
- Como acredita que essa experiência “afetará” o ensino a partir de agora, para os próximos anos?
- O que vocês acham que ficou para IFTM campus Uberlândia dessa(s) vivência(s) para os professores e para a instituição? Os professores partilham essas vivências em momentos coletivos (reuniões pedagógicas)
- O que ficou institucionalizado dessa vivência do uso da(s) tecnologia(s)?
- Gostaria de acrescentar algo que não foi perguntado sobre essa vivência em sua trajetória profissional?

Agradecemos pela participação em nossa pesquisa, por sua disponibilidade. Desejamos que nossa pesquisa seja parte da reflexão da atuação docente no ensino remoto e quais os aspectos poderão ser incorporados a nossa prática pedagógica.

Apêndice III: textualização das entrevistas dos docentes

Entrevista 01- Maria Vieira

Meu nome é **Maria Vieira**, professora de Sociologia no IFTM, cheguei aqui em 2010, vim do Rio de Janeiro, minha família e a do meu marido são de lá, nós viemos para cá depois que ele passou no concurso para UFU, ele é professor de Direito na UFU, primeiro eu dei aula na Faculdade de Direito da Faculdade Católica e quando tive oportunidade de um concurso de Sociologia no Instituto eu tentei e graças a Deus passei. Nós temos dois filhos, o **Joaquim** tem 10 e a **Flor** tem 7, na pandemia foi um período muito difícil porque nós tivemos que “ser professor dos filhos”. Eu tenho mestrado e doutorado em sociologia pela USP, me formei bacharel em Ciências Sociais na UFRJ e direito pela UERJ, gosto muito de atuar nessa área de sociologia, tive experiência também em ensino médio nas escolas estaduais, em faculdades particulares e estou muito feliz agora dando aula no Instituto Federal. Eu acho que eu me encontrei em um ambiente que eu gosto, com autonomia e liberdade, o contato com os alunos é muito bom, um campus na área rural também é muito agradável, diferente da cidade, então é um lugar que eu gosto muito, o IFTM campus Sobradinho está crescendo, está construindo ainda uma institucionalidade com os colegas que também chegaram recentemente, criando uma trajetória de experiência em pesquisa, extensão, formando muitos alunos entrando nas universidades, ficamos muito felizes com os bons resultados, então é isso, essa é a minha história.

Quando eu cheguei no IFTM eu sentia que embora fosse um campus rural direcionado a pessoas que em geral teriam origem mais humilde, pessoas ligadas a uma família que tivesse essa trajetória na área rural, eu sentia que o perfil era um pouco mais elitizado, eu nunca tive dados sobre isso, mas é uma impressão que eu tenho, eu sentia que grande parte do público vinha da cidade ou então de famílias de médios proprietários, eu sinto que de 5 anos para cá tem havido pouca diversificação e democratização do acesso, eu acho que deve ser também devido a uma política mais efetiva de cotas e isso é muito bom, eu acho que tem trazido uma diversidade maior e a gente tem visto que isso de modo algum afetou a qualidade do ensino, os alunos têm correspondido muito bem,

mas trouxe uma vivência mais variada, um perfil sócio econômico mais variado e eu acho que isso é muito bom, não valia a pena sermos uma escola de excelência direcionada a um estrato social mais alto, uma escola pública de referência, mas visando apenas a camada média, então eu sinto que nós temos alcançado estratos socioeconômicos mais baixos também agora.

Eu sentia que a própria reitoria alguns anos atrás tinha o intuito de fazer propaganda entre as escolas particulares, alçar o nome do Instituto entre essas escolas públicas de renome, e acho que agora estamos tendo uma outra visão, que é um ensino de qualidade, mas não visando esse público mais elitizado, pelo menos é o que eu tenho sentido.

Todos aqueles desafios que nós já temos normalmente, foram potencializados no período de ensino remoto e eu acho que todos os professores devem ter falado a mesma coisa, essa dificuldade de acesso, à dificuldade de organizar o tempo dos alunos, porque quando os alunos estão em casa eles não estão simplesmente de folga, muitos estão ajudando os pais, muitos estão cuidando dos irmãos, trabalhando, às vezes temos que ter uma maior flexibilidade em relação a isso e não achar que eles estão à disposição só porque eles estão em casa, que eles estão 24 horas por dia a disposição dos professores. ***E o ensino remoto tem esse problema, porque ele exige que o aluno seja um pesquisador***, ele tem que correr atrás, tem que ler mais, assistir vídeos, ele tem que ter mais autonomia para correr atrás dessas informações todas e a gente sabe que a maior parte dos alunos têm dificuldades, se normalmente eles já têm dificuldades no dia a dia da escola, que a gente tem que ficar atrás, imagina nesse ambiente, muitos chegaram lá e nunca tinham tido contato com uma escola de tempo integral, eles chegam no primeiro ano e já tem que entrar nesse ritmo frenético, então foi muito difícil e a gente sente que houve um déficit, eles estão chegando agora com dois anos de déficit. Por exemplo, quando eu comecei as aulas este ano (2022), tive que fazer no primeiro trimestre toda uma revisão dos anos passados, eu leciono nos primeiros, segundos e terceiros anos, no terceiro ano eu fiz uma revisão do primeiro e do segundo ano como se não tivessem tido aula nenhuma, geralmente ***quando eu começo a dar aula sobre a matéria do ano passado parece que eles não tiveram, fizeram as atividades e passaram de ano***, mas a gente sabe como é, é muito difícil exigirmos esse comprometimento.

Organizar a escola dentro de casa não foi fácil, nós tínhamos dois computadores, os nossos filhos tinham que ficar de manhã no computador ou então no celular porque

eles também tinham aula remota e a gente ficava rezando, tentando encaixar os horários para que pudéssemos dar aula, o meu marido dava aula à noite, então nós conseguíamos conciliar, mas não é fácil é aquela coisa, a gente se torna professor dos filhos. E ***a experiência nova do ensino remoto tivemos que aprender***, eu me culpo muito porque eu sinto que no início eu exigia dos alunos aquele padrão que eu tinha antes no presencial, às vezes eu dava uma prova, depois de alguns meses que eu fui me tocando, por mais que eu tenha dado aquele conteúdo o grau de engajamento deles não é o mesmo, eu não posso exigir que eles tenham o mesmo desempenho que eles teriam se tivessem na sala de aula olhando para mim, porque aqueles que estão na frente do computador estão vidrados em mil coisas ao mesmo tempo, a gente sabe como é a nossa cultura de focar em várias coisas ao mesmo tempo, até dentro da sala de aula a gente vê o aluno com o celular, olhando para o celular, imagina então na frente do computador, nós sabemos que é difícil essa disciplina, nós também tivemos dificuldades, imagina uma criança ou um adolescente, mas acho que deu um gostinho ***do que seria esse ensino domiciliar que eles estão tentando passar agora, porque trouxe muitas das dificuldades que eu acho que nós enfrentaríamos caso esse modelo foi aprovado***, que é você descentralizar o ensino, jogar para as famílias a tarefa da educação, e a verdade é que a gente não está preparado para isso, eu não estava preparada para ajudar os meus filhos do Ensino Fundamental.

Outro aspecto da educação também da socialização, eu sinto que ***eles também estão com esse déficit de lidar um com o outro, de desenvolvimento dessa inteligência emocional***, eles estão com maior dificuldade de relacionamento, porque esse contato na escola é um contato humano também, é você treinar esse convívio, fazer concessões, saber conversar, saber dialogar, e a gente sente que muitos alunos agora estão chegando sem essa prática, falando das disciplinas práticas e me lembrei disso também, que essa prática da vivência também ficou deficitária, não tem mais a prática da convivência.

Foi tudo muito abrupto, um dia a gente chega lá no IFTM e recebe a notícia de que o campus vai fechar na semana que vem, até nós nos prepararmos foram três meses, mas a gente já tinha começado o trabalho remoto enquanto estava fazendo essa formação e essa formação se dava no sentido de como interagir com os alunos, como utilizar as ferramentas de informática porque eu não entendo nada disso, eu gostei de usar as ferramentas do Google Meet, o Google classroom. Eu quase não uso mais papel nas minhas aulas, isso ***eu achei uma coisa positiva, usar novas tecnologias, embora a gente tenha que se preocupar com quem tem ou não o acesso***, uma vez que todo mundo tem

acesso às tecnologias facilita muito. Mas, tem desafios que a gente tem que encarar e que não somos preparados, a gente vai descobrindo ao longo desse processo, mas eu não culpo nem a coordenação e nem a direção porque é algo muito novo, ninguém poderia esperar por isso, porque não é uma questão só do ensino remoto, a gente também teve que lidar com esse contexto de pandemia, que as pessoas estão ficando doentes, que os parentes estão morrendo, então não foi apenas a distância, mas todo esse novo ambiente, a nova forma de lidar com os alunos tudo isso é muito diferente. Eu sempre fui muito mais formal com os alunos, mais distante, até por uma forma de me autopreservar, porque eu conheço muitos alunos e se eu me envolver com os problemas de cada um deles eu vou ficar maluca, então eu sempre tratei bem, mas eu nunca procurei saber como estava a família, eu deixava essa parte para assistência estudantil, mas quando nós sabemos de algum problema do aluno a gente tem que ter empatia e consideração, mas eu não sabia por exemplo o nome dos pais. Porque eles também estavam tendo essas dificuldades, eles estavam isolados dentro da família, com parentes doentes, com essa preocupação toda, muitos com ideação suicida, coisas que eu nunca tinha enfrentado antes, então a gente viu que era necessária essa aproximação, esse contato humano nesse contexto. E é difícil porque a gente acaba se envolvendo, ficamos preocupado com todos os alunos, é uma carga muito pesada para os professores também, porque são muitos alunos e nesse período vimos que essa parte pedagógica e toda essa equipe da assistência estudantil foram fundamentais para fazer esse intercâmbio entre professores e alunos, então eles iam até a casa dos alunos, entregavam comida, entregavam o papel dos trabalhos, ficavam sempre ligando, eu acho muito importante essa parte de empatia, dar um suporte mais humanista, *eu trago um pouco disso agora eu sempre tento estar um pouco mais atenta às particularidades de cada um e não me permitir ficar tão distante, foi também um período de aprendizado para todo mundo.*

Além das ferramentas tecnológicas que nós aprendemos eu acho que essa experiência de ver um pouco mais da história de vida de cada um, da variedade que a gente tem, o nosso público, a quantidade de alunos pobres que nós temos, alunos com problemas familiares inclusive de agressão familiar, então isso foi um choque de realidade e essa tentativa de pensar o que eu posso fazer de diferente, não ficar estagnado na nossa prática, pensar o que a gente pode aperfeiçoar. Se nós conseguimos nos adaptar a esse período tão difícil o que podemos incorporar de novo nas nossas práticas, eu acho que possibilitou essa reflexão, mas foi um período difícil, sabemos que isso trouxe muitos

problemas para os nossos alunos, as questões emocionais, muitos ficaram muito presos dentro da família, passando por situações difíceis então não foi fácil para ninguém.

Eu acho como um todo, os professores em geral estão mais atentos a isso, eu vejo alguns mais otimistas em relação a esse novo método, mas conseguimos ultrapassar alguns problemas, alguns dizem que o ensino remoto é maravilhoso que ao invés do presencial é melhor passar para o remoto, mas alguns veem o lado só do copo cheio e não do copo vazio, eu sinto que não é bem assim, acho que o ensino remoto tem seu lado positivo, para o professor é menos desgastante porque não tem que ficar se deslocando, hoje em dia com a gasolina cara a gente economiza, a gente consegue ter uma carga de trabalho até maior, conseguimos fazer os eventos, chamamos pessoas de vários lugares diferentes, foi uma experiência bastante enriquecedora, através desses eventos online nós conseguimos ter contato com pessoas que seria impossível chamar para o campus, mas ao mesmo tempo eu acho que do ponto de vista do aluno traz uma série de problemas que nós não podemos fechar os olhos.

Eu acho que você está fazendo essa pesquisa em um momento ideal que é um momento de transição, ainda está bem fresco na memória o que era antes e estamos tendo aquele impacto da nova rotina, embora termos dados mais concretos sobre a qualidade do ensino mais à frente, toda essa reação que nós temos em relação às interações humanas agora que você vai colher mesmo, que é esse momento de transição, você está de parabéns eu espero tenhamos acesso a sua pesquisa, que possamos refletir sobre isso.

Entrevista 2- Vilma Maria

Meu nome é **Vilma Maria**, me considero do sexo feminino, sou do sexo feminino, sou professora de Matemática, fiz a licenciatura e especialização em Educação em Matemática. Sou mestre em Educação, já trabalhei na rede pública e particular. Voltei para a pública. E tenho mais de 20 anos de atividade docente, acho que 25 ou 30 anos em atividade docente. E a maior parte do tempo no ensino médio. Mas, dei aula no ensino superior, por mais de 20 anos. E agora, que estou no ensino médio. Na pós-graduação do Ensino, no segundo semestre devo ir para o ensino superior começando com o curso de Engenharia em Alimentos.

São roupagens diferentes mesmo! Quer dizer, a gente lida com um jovem agitado que você tem que ser muito dinâmica, é tem que estar no ritmo deles, pelo menos um

percentual para dar conta da energia. É diferente! Nós percebemos que eles gostam tanto da tecnologia, quanto da ação. E eles falam muito nisso, como a gente estar no ensino técnico ficar sentado o tempo todo é muito difícil eu até entendo. Tem aluno aqui que acorda 4 da manhã e volta para casa às sete horas da noite. Então, como é que aguenta ficar oito horas ou 10 horas em algumas turmas sentado? Você também precisa dar essa vida, porque eles convivem mais na escola, com os colegas do que com a própria família. Então a gente também tem que tentar ir nessa energia deles. Já na pós graduação é outro tipo de encontro, já são pessoas que tem uma experiência, porque como nós estamos no ensino de Ciência e Matemática, nós professores de Matemática entramos no segundo semestre, quando se desdobram as turmas e vão para as disciplinas que eles escolheram, para as áreas de Biologia, Química, Física e Matemática e entramos nesse segundo momento. São professores que já tem uma experiência, já estão em sala de aula, então já é uma conversa mais ... é uma conversa mais próxima, são trocas de experiências pois tá todo mundo no campo profissional, você tem que respeitar porque tem uma trajetória um pouco maior que a nossa também. Então é uma energia diferente também. Ao contrário dos alunos do Ensino Médio que querem aquela coisa agitada, o professor aluno da pós graduação já tá meio cansado é outra vibe.

O IFTM campus Uberlândia tem uma outra dinâmica, diferente de outras escola, lá tem o tripé que é o ensino, a pesquisa e a extensão então a gente poder abrir os olhos dos (as) alunos(as) para essas outras possibilidades... que eu gosto muito de dizer, você sobreviver só na sala de aula, esse tempo todo que eu já dou aula, acho que ela não seria mais atrativa para mim, sabe? Às vezes eu passar de um nível para outro também é bom ... porque eles trazem um desafio diferente e você também sai daquela mesmice, porque se eu desse aula só para o ensino médio eu não sei se eu teria algo inspirador e tal ... então a gente poder transitar tanto no ensino tanto quanto na pesquisa e na extensão pra nós também é renovador, traz energia diferente e para eles abre os olhos para outras oportunidades, eu vejo como uma experiência incrível eu tenho contato com alunos que hoje já estão na graduação e adiante aí a maturidade deles para um curso superior é ano luz a frente de um que é um calouro de verdade do ensino particular por exemplo. Eles sabem ler um edital, em conversa aqui com uma aluna, ela contando “ninguém conta as coisas pra gente, a gente tem que aprender, ler edital e visitar as páginas.” Eu disse a ela, veja pelo lado bom, quando você vai para o ensino superior você já tem vários certificados, você já participou de um monte de coisa, você já sabe ler os editais, você

estará à frente dos outros, você ganha na fila lá da frente, porque você já traz uma bagagem diferente ... a experiência no IFTM é ímpar.

Com todas essas vivências, experiências e formações eu digo que a condição que elas me deram foi de eu ter a capacidade de aprender por mim, de ter vontade aprender e de querer sempre e realmente levar, ... levar algo de valor. Se fosse pra dizer as competências que eu trazia para o ensino remoto, sem chances. Eu vim aqui em uma segunda-feira e na terça-feira eu não tinha que entrar em sala, aliás eu vim aqui em uma terça e na quinta eu tinha que entrar, ou seja, na terça eu estava no presencial e na quinta eu tinha que entrar em uma aula remota. E assim, posso te dizer que na primeira semana eu já pesquisei como eu ia me virar nisso é lógico que nossa previsão era 20 dias.

É e a gente vê que teve alguns campi que pararam uma semana por exemplo, para fazer alguma coisa ou para se preparar, pensar ou sei lá até mesmo ver se isso mudava. Nós não tivemos isso. Só não entrei no dia seguinte em uma aula remota porque no meu horário eu não tinha aula, você entendeu? Então eu tive a brecha de um dia para o outro eu estar online em um ambiente totalmente diferente, nunca tinha experimentado é lógico que eu tinha experiência com o moodle e outras coisas, mas não era essa a nossa ferramenta. Nossa ferramenta era o Classroom, Google Meet, ou o Zoom, nenhuma ... inicialmente foi o Zoom e depois a gente foi ajustando. Mas, por si, você sozinha em casa sem assistência, sem ajuda e sem orientação segura. Entendeu? Então eu fui pesquisando, aí eu aprendi uma coisa chamada acelerar vídeos, entrava no youtube quando eu via eu estava uma hora e meia assistindo para dar conta de aprender alguma coisa. E aí na primeira semana minha experiência foi, fazer uns slides, gravar algumas vezes para sair melhor, até que eu vi não vai dar, não vai dar ... gravando aulas em uma semana, não dá pra ser assim. Aí foi resgatando a necessidade dos alunos, também deles virem ao encontro online, aula assíncrona mesmo. Porque assim, na primeira semana os encontros eram daquele jeito síncrono, e grava as aulas e disponibilizava, incluía turma no Classroom e ia disponibilizando material, aí depois em 15 dias a gente já não estávamos nesse formato. Foi a hora de comprar a mesa digitalizadora, aumentar a velocidade da internet, arrumar espaço para fazer a aula, arrumar o ambiente da sua casa, tirar as pessoas de circulação, tudo isso aí pra fazer as aulas. Mas assim, pesquisando mesmo e por si, não tinha experiência pra dinâmica, para a minha disciplina que é a Matemática, então só a conversa não funciona, não funciona! ...Então eu tinha que encontrar ferramentas pra isso.

Em um primeiro momento, além do desafio da tecnologia, tivemos o desafio das próprias famílias do que aconteceram nelas, porque algumas na realidade precisaram ir para o mercado de trabalho, alunos que estavam em tempo integral aqui na escola passaram a ser parte da renda da família. Tínhamos alunos que não tinham acesso à internet, a gente tinha aluno que só tinha o telefone e algumas vezes tinha telefone quebrado e tinha que esperar alguém, a mãe chegar em casa para esperar para revezar o equipamento. Gravávamos as aulas para que essas pessoas pudessem assistir depois, que não estava no momento síncrono. Tivemos situações das mais diversas. Eu pensar que tipo de atividade eu possa dar que no telefone meu aluno consiga fazer? Por exemplo, em 2020 a maioria usava pelo telefone, em 2021, percebemos que a maioria estava no computador. As famílias arrumaram um jeito, temos que modificar, porque eu sempre tentei levantar essa informação, porque tem plataformas que os alunos não conseguiam fazer a atividade porque no celular a atividade era diferente. Então algumas coisas ele conseguia outras ele não conseguia. Então você tem que ajustar até o tipo de atividade, além daqueles que estão na zona rural e não chega internet e que o material precisou ser impresso para chegar lá. Ia kombi da escola, uma equipe ia levar e depois buscar...

Por exemplo a gente falou aí do telefone, as vezes eu preciso de duas telas, eu estou aqui com eles e estou em uma plataforma oferecendo uma outra atividade para ele ler, não consegue às vezes acessar as duas ou visualizar as duas igual a gente aqui no computador, só aqueles que conhecem mais de tecnologia que consegue dividir a tela senão não. Às vezes eu tinha um aplicativo que ia usar que até para ele acessar no telefone é diferente, eu tinha que configurar pra que ele consiga visualizar ali no espaço que caiba no telefone, no computador a gente consegue arrastar a tela no telefone não... ele funciona diferente. Tudo isso tinha que pensar na dinâmica e atividade que eu não consigo dar porque ele não consegue visualizar a imagem, tem que visualizar duas telas não ...não consegue no telefone. Então várias coisas que você fica é... essa situação aqui não dá. Às vezes coisas que a gente iria usar de medidas maiores, essa semana, eles estão medindo passos na escola, no ensino remoto às vezes a gente restringia a medida no quarto dele. E aquela dificuldade de você explicar aquilo lá do outro lado, sem ver porque ele não liga a câmera também é muita coisa assim de questão de vergonha etc. então como é que eu ajudo o outro que tá lá sem ver onde ele está? Sem ver O ROSTO dele? Só com as informações que ele vai me dando eu vou fazer essa ajuda. Essas eram algumas coisas que ficavam bastante complicadas, mas, que tínhamos que arrumar estratégias para ajudar

para tentar ... então tinha umas situações que realmente e especialmente do remoto que tendo o presencial é muito diferente. E essa questão que você fala da chave, é a virada de chave para o remoto e para o presencial, também o IF nesse sentido eu acho que ele um pecador, um desafiador, é uma coisa assim sobreviva. Porque a virada de chave para o remoto foi no se vire, quando a gente teve alguma formação a gente já estava em julho. Já tinha ido um trimestre

As formações estruturadas, elas vieram acontecer só junho, julho a gente pode falar assim que de uma forma mais estruturada e institucionalizada, elas só aconteceram no segundo semestre.

Aí quando eles estavam ali falando, de certa forma você já tinha buscado tudo aquilo... não tudo, mas grande parte já tinha passado apuro e a mesma coisa na volta, vira a chave e volta para o presencial, não se falou sobre tudo que aconteceu e nem o que você vai levar adiante.

E assim, o pior que eu acho é que depois de tudo isso parece que foi um sonho você voltou e daquele dia a gente voltou e continuou tudo igual, entende? Tudo aquilo que você aprendeu e teve de ferramenta a mais, parece queeu imagino que teria que ter sido abraçado e a gente tirar algo desse conjunto. E não foi, aí você volta de certa forma isolado e está tudo muito pensado como funciona, a norma disso, é a biossegurança e tal.. Mas o pedagógico? ninguém falou em dia nenhum até agora, até agora desde a primeira reunião. Ninguém falou disso. Então a impressão que eu tenho é: ué serviu lá aqui não serve, então o que você quis aproveitar é por si, o que me foi útil e que vou continuar levando, cada um, escolheu o que foi útil, o que vai continuar levando e continuou na sua trajetória individual. Aqui lógico a gente tem a parceria e os projetos, mas eu acho que a aquela sala de aula dos 50 minutos, cada um na sua janelinha, na sua disciplina, ela precisa e ela tinha chance agora de ser arrebitada, então se consegue aproveitar algo do que você achou que foi bom lá atrás é porque você, individualmente, ou com algum parceiro aqui, fez algo que vamos levar disso? Mas isso, vamos levar fazendo, mas não que isso se tornou uma ferramenta. Foi outra chavezinha que virou e jogou tudo fora.

Até porque cada um ficou individualmente, enfrentando os seus monstros, especificidades da disciplina, de dificuldade diferente e dos alunos. Por exemplo, tem disciplina que é técnica e tem essas disciplinas do núcleo comum e cada um tem as dificuldades dentro da disciplina, um não pode ir para o campo eu não consigo fazer tal

coisa, são coisas distintas que a hora que vem para o presencial, as disciplinas do campo fica feliz, mas a gente tem o núcleo comum também que é um outro formador que essas ninguém está conversando com ninguém, não nada foi útil, é essa sensação para mim a mais frustrante, depois de dois anos praticamente nessa dinâmica, isso para mim foi assustador.

Eu acho que ... eu me lembro muito do professor Ubiratan que faleceu nesta pandemia, a gente tinha algumas gaiolinhas e cada um estava na sua gaiolinha e durante a pandemia se desespera naquela gaiola e até que uma hora você consegue arrebentar aquelas portas de gaiola e sair e fazer outros rumos e ver que tem outras gaiolas também que você consegue entrar, consegue sair, consegue transitar e então o fato de ter saído um pouco dessas gaiolas, hoje é um aprendizado eu quero ficar do lado de fora delas sabe? Me incomoda muito essa estrutura que a gente ainda mantém no IFTM, e eu continuo nessas formações porque despertou umas coisas que cutucava, mas era em menor intensidade, por exemplo, metodologia ativa muita gente falava antes, mas que a gente vê muito, na verdade disso, é uma aula invertida, que é estruturadinha, faz assim, assim, assim, eu falo não, isso não é Então a gente precisa continuar nessa trajetória de irmos formando, nessa formação continuada. Eu vejo assim, eu encontro nessas formações que são minhas e não da Instituição é escolas que já conseguiram sair dessas caixinhas, principalmente, eu vejo lá no Estado de São Paulo que outras histórias e não que são escolas boas, são escolas de favela que resolveram assim, fazer uma outra dinâmica e que ninguém entra ali e coloca a sua regra, eles fazem aquilo ali de uma forma muito diferente, muito diferente. Assim, esse lado humano que muitas vezes a gente teve de ouvir história ali no remoto mesmo com a câmera desligada que ao mesmo tempo que estão assistindo a aula, estão cozinhando, estão cuidando de um irmão, tão limpando uma casa. Teve momentos que eu estava assim brincando, fazendo uma atividade uma roleta e ia variando as perguntinhas, mas tentando mexer com todo mundo, que você vai provocando, se não está com a câmera ligada, até que ponto o aluno está ali, aí o aluno falou: “professora eu estou fazendo isso e isso e isso”, as atividades que ele estava fazendo na casa. Muitas das situações marcantes, mas uma das situações marcantes aí eu perguntei você consegue responder isso, era perguntinhas só para colocar eles ali presente, ele conseguiu, fez e tal, daí a pouco ele: “professora queimei meu arroz”, eles contando, eles contaram um monte de situações (risos), aí ele até falou, “não façam isso de fazerem muitas coisas ao mesmo tempo e é menino. Menino tem que ficar de frente para a panela, as meninas fazem um

monte de coisas ... aí queimei meu arroz ...” então eu ainda atrapalhei o almoço do rapaz. E os alunos riram. É muita coisa que você vê e esse lado humano que às vezes nesse momento individual você teve compartilhando, como menina cuidando de irmão de colo gripado. Aí a gente liga a câmera pra gente vê o seu irmão, ouvir um pouco mais, acho que me despertou assim, mais preocupa, as vezes a gente tem preocupação com aprendizagem, mas como ele está fazendo para aprender ... sei que tem aluno que sai quatro horas da manhã, alunos que pegam quatro ônibus. Que tem aluno que não é da cidade e pega uma van que é de enfermeiro, assim, você ouve mais as particularidades e eu acho que muitas escolas fazem isso, a nossa ainda está nas gaiolinhas, nas caixinhas e tal. *Acho que a minha aprendizagem é: eu preciso sair dessa gaiola!* E eu mesmo que como formiguinha quero ver se consigo encontrar mais gente fora dessa gaiola nessa saída, nessa ida e vinda, às vezes a gente sai da gaiola e volta para gaiola, mas esse desejo de quebrar essas caixinhas, ele ficou muito evidente depois disso. Essa aula de disciplina, de conteúdo e tal ela perdeu muito o sentido para mim, muito. E, assim, nessa virada de chave eu ver que esse meu desejo, essa minha aprendizagem, ela não chega, ela não vai entrar no ritmo que a gente quer ... eu vou ter que ter a paciência de construir, de me construir também pra conseguir fazer isso. Isso é o que mais forte que em mim ficou.

É, eu poder me desgarrar da minha lista de conteúdos e dar mais propósito para o meu aluno perceber aonde ele vê essa Matemática. Acho que isso a gente precisava conseguir fazer mais, inclusive, tem projeto, tem tanta coisa que a gente tem chance de fazer.

Entrevista 03- Prof.º Marcelo

Meu nome é Marcelo, tenho 55 anos, eu sou um professor pardo, de mãe branca e pai negro essas questões são muito comuns, fazem parte da nossa cultura, é muito difícil encontrar alguém que não tenha essa miscigenação já no sangue, as minhas sobrinhas uma delas é loira ninguém fala que é minha sobrinha, mas a mãe é negra e o pai é branco.

Sou formado em filosofia, graduação licenciatura e bacharelado, tenho especialização em filosofia, história da filosofia, mestrado em filosofia política e cultural, doutorado em Geografia, na área de geografia humana e hoje sou doutorando novamente, mas agora na filosofia política. Eu faço parte da primeira turma de filosofia da UFU, de graduação de 94, desde então eu tenho pleiteado, por exemplo, o mestrado eu entrei pós

processo seletivo, mas não havia doutorado, eu estudo a área da geofilosofia e eu fui buscar o doutorado em Geografia porque eles me ofereceram algo próximo a esse tema em 2011, quando não havia doutorado em Filosofia na UFU, terminei 2015. Em 2019 abriu o edital para o primeiro doutorado em Filosofia na UFU e eu pleiteei para poder fazer na filosofia mesmo já que a minha área de estudos é a geofilosofia. Então, foi uma questão de necessidade também porque eu já tinha um doutorado, mas não na minha área específica e também porque é um tema que eu tenho interesse em continuar estudando, acho que foram essas duas coisas.

Ingressei no Instituto como professor efetivo em 2010 em um concurso realizado em 2009 para qual nós fomos convocados no final do ano, então ingressei em janeiro de 2010, estou há 12 anos no instituto como professor da carreira EBTT, Ensino Básico Técnico e Tecnológico e trabalho com os conteúdos ligados a filosofia tanto nos cursos técnicos, graduação e na pós-graduação. Neste momento estou dando aula em 12 turmas das quais 9 são de curso técnico profissionalizante, uma dessas turmas é um curso técnico, mas para estudantes que já tem ensino médio, que chama subsequente, em uma turma de graduação no curso de agronomia na qual trabalho a disciplina Ética e também na pós-graduação. Nós temos a pós-graduação em Ensino de ciências e matemática, eu trabalho história da filosofia e da ciência, então esse é o meu cotidiano, eu trabalho no campus que nós chamamos campus da fazenda Sobradinho, Uberlândia tem dois campi, no Instituto eu trabalhei nos dois, é um momento da formação de um grupo independente, aqui em Uberlândia nós tínhamos na verdade um campus e um campus avançado, agora são dois campi dentro do mesmo Instituto.

A minha área de estudo especificamente neste momento é a geofilosofia, é nela que eu desenvolvo doutorado desde 2019 para o programa de pós-graduação da UFU em filosofia. O segundo doutorado, o primeiro eu fiz na UFU também geografia e agora estou fazendo filosofia.

Fazendo uma avaliação geral ao final de todo o processo do Ensino Remoto eu acredito que nós conseguimos fazer um bom trabalho e o feedback foi bom, no caso do Instituto nós não paramos nem um minuto, nós tivemos uma normativa no dia 18 de Março de 2020 na qual a gente passaria para o ensino remoto devido a questão do isolamento social, no dia 20 nós já estávamos trabalhando a todo vapor com a plataforma online sem nenhuma interrupção, então nós realmente não paramos um segundo, o que nós fizemos foi readequar o processo de aula presencial para o ensino remoto, no início

os professores tiveram liberdade de escolher a maneira de como comunicar com aluno, eu escolhi o *YouTube* porque eu já tenho um canal há um certo tempo para as aulas síncronas e fazendo toda parte de avaliação, registro de nota, presença, usamos o próprio sistema virtual do Instituto o Virtual IF e por incrível que pareça vencemos o primeiro semestre sem nenhum atraso, no prazo, em julho de 2020, mas não foi um processo fácil. Quais as dificuldades maiores? Primeiro, do ponto de vista do estudante, nem todos os nossos estudantes tinham acesso à internet, nós trabalhamos em uma escola que também é na zona rural, nós temos alunos que moram em fazendas e muitos deles não tinham acesso, nós chegamos inclusive a fazer um processo no qual a escola levou o trabalho impresso para o aluno semanalmente, material didático, exercícios para que eles pudessem acompanhar e quando possível assistir às aulas gravadas nos canais de cada professor, então essa foi a dificuldade por parte do aluno . Além disso, mesmo aqueles alunos que tinham acesso à internet, muitas vezes a família de pai, mãe com três a quatro filhos tinham um computador para que todos usassem, então nem todos podiam estar disponíveis naquele momento em que estava tendo aula síncrona, do ponto de vista do aluno essa foi a dificuldade maior, fora as questões do trato psicológico, questão emocional, ter que estudar em um momento em que tantas notícias ruins chegam, muitos perderam familiares durante a pandemia. Do ponto de **vista do professor, houve um trabalho muito maior porque a gente passou a trabalhar durante 3 períodos, manhã, tarde e noite às vezes até madrugada** por aquela questão burocrática de estar com material disponível para os alunos que estavam assistindo as atividades síncronas como aqueles que também não poderiam, houve um acúmulo de trabalho muito grande nesse período todo no qual a gente se viu forçado a trabalhar muito mais do que havia trabalhado antes, além das questões de demandas individuais ou de pequenos grupos como o caso desses estudantes que não podiam ter acesso à internet, mas nós vencemos o primeiro ano, vencemos o segundo ano 2020/2021, conseguimos retornar 2022 em fevereiro sem nenhum atraso no calendário, algo que foi muito incomum, a gente tem visto que grande parte das Universidades e Institutos ainda estão no calendário de 2021 e nós já estamos em 2022. Mas não foi fácil e isso deu uma segurança muito grande para o estudante, muitos foram aprovados agora no final do ano no vestibular e em outros processos seletivos, resumindo, eu acredito que foi um procedimento exitoso, nós conseguimos cumprir com o nosso trabalho, mas não foi fácil. No meu caso, eu tive uma oportunidade em 2017, nós moramos por um semestre letivo na Itália, eu peguei uma licença de

capacitação e minha esposa que também é professora e acadêmica, estuda doutorado sanduíche, juntos nós fomos para Roma e nosso filho que na época fazia o nono ano também estudou lá, então nessa ocasião eu pedi para permanecer com uma turma de estudantes aqui para a gente fazer uma experiência sem pensar em pandemia ou nada disso e nós fizemos essas aulas remotas, eles iam para o laboratório e de Roma eu dava as aulas para eles usando justamente os mesmos recursos que nós passamos a usar depois *YouTube, Meet, Skype* e as informações eram registradas em nosso sistema virtual, então isso ajudou muito porque quando veio a pandemia nós acabamos fazendo de forma maior justamente o que havia sido feito nesse ano por outros motivos. Na época era uma coisa muito legal, era uma experiência muito boa para os estudantes, não era com esse caráter de pandemia, mas do ponto de vista da rotina e da mecânica é o mesmo.

Eu faço questão de participar de todos os cursos, nós tivemos inclusive durante 2 anos anteriores à pandemia um curso de formação continuada e os professores participam normalmente uma vez a cada semestre, eu fiz questão de participar em duas edições, esse curso era oferecido por uma das nossas colegas que embora não esteja trabalhando em sala de aula é alguém que trabalha no administrativo da escola como pedagoga, então entendia o dia a dia da escola. Como parte do doutorado, ela propôs um curso de formação continuada em áreas ligadas com a prática docente, então há uma divisão de áreas muito grande no Instituto e nós não conseguimos ainda formar coordenações de áreas, nós temos coordenação de curso, mas não temos, por exemplo, reunião de núcleo de humanas, de exatas, isso cria uma certa dificuldade porque como é uma escola que envolve a questão da formação técnica nem todos os colegas tem essa percepção da importância dessas práticas didáticas, nós temos professores que só foram fazer um curso de prática docente depois de ter se tornado algo obrigatório, porque muitos deles nem sequer tinham licenciatura, não é uma crítica aos colegas, mas uma crítica do sistema que permite.

Acaba que esses cursos de formação, para aqueles profissionais que se prontificam a isso, ajudam a suprir essas necessidades, são **cursos de formação continuada** para quem já está dentro dessa área acadêmica, já tem uma formação didática, servem como uma formação continuada, mas acabam tendo uma formação iniciada por esses profissionais que vem de áreas em que a formação didática não tinha sido privilegiada, eu acredito que em geral no IFTM nós professores da área conseguimos lidar e dar conta desse processo ao longo desses dois anos, como eu disse não foi fácil, nós tivemos muitas questões de adaptação, de agenda, de acúmulo de trabalho, de demandas individuais de

cada estudante, mas ao final das contas eu acredito que nós conseguimos suprir, tanto é que nós estamos com nosso calendário em dia sem pendências para 2021.

Para o servidor- o professor, nós temos uma carreira própria, o EBTT (Ensino Básico, Técnico e Tecnológico) que é aquela que corresponde a carreira da rede federal tecnológica que nós chamamos, é uma carreira específica, mas hoje ela está totalmente equiparada a carreira dos professores da UFU e das universidades federais, mas tem algumas nomenclaturas diferentes, o plano de carreira, a ascensão dentro da carreira profissional até chegar ao professor, na UFU chama-se associado, mas a correlação é a mesma, embora mude alguns critérios, o ingresso é o mesmo, é por concurso público a partir de Edital, aqui em Uberlândia nós temos outras escolas além do Instituto que também são pela carreira EBTT, também tem, por exemplo, a Escola Técnica de Enfermagem – ESTES, da UFU, são escolas cuja carreira dos docentes é a carreira EBTT, mas como eu disse tem a correspondência completa com os outros cargos das universidades federais, em geral em relação ao plano de carreira. Para o estudante o ingresso também é por edital, durante a pandemia, no entanto, foi feito por análise de currículo devido à impossibilidade de se realizar provas presenciais, mas em geral eles fazem os testes pelo vestibular tanto para entrar nos cursos técnicos quanto na graduação, sendo que a graduação ainda tenho acesso pelo ENEM.

Por exemplo, no nosso caso nós temos inclusive uma escola municipal que funciona junto ao nosso campus, então nós temos estudantes que entraram no seu primeiro ano na escola municipal em que a sua estrutura física é no mesmo espaço que o nosso, ingressam depois no Instituto e já saem pós-graduados, mas no Instituto mesmo nós temos desde o primeiro ano do ensino médio integral até os cursos de graduação e diversos cursos de pós-graduação, qualquer um dos discentes que está inserido nesse contexto pode atuar nesses cursos, como é uma escola técnica o que deve ser cumprido é o seguinte, nós podemos ofertar cursos tanto de graduação quanto de pós-graduação desde que 50% mais uma vaga seja de cada ensino técnico profissionalizante.

No nosso caso como são cursos que duram 3 anos embora o aluno possa ser reprovado em um ano ou outro, por definição os cursos técnicos profissionalizantes duram 3 anos, são 3 anos de Ensino Médio mais as disciplinas técnicas, o curso concomitante duro um ano e meio porque subentende-se que o aluno ou já tem o curso técnico regular ou esteja fazendo em outra escola, então nesse caso a duração é menor. O que acontece é que nenhum dos nossos estudantes ficou privado o curso inteiro das aulas

presenciais, ou fez o primeiro - os ingressantes de 2019, ou fizeram o segundo e o terceiro de acordo com cada caso. Uma dificuldade que nós tivemos realmente foram as disciplinas que requerem atividades práticas, para essas, o final do ano passado já começou a haver uma flexibilização para voltar ao presencial mesmo no ano passado (2021), então nós ficamos no ensino remoto até o final do ano, mas com a possibilidade daqueles que precisam do conteúdo técnico de qualquer forma, de aulas práticas, os professores organizarem turmas menores agendando espaços no instituto para essas práticas, por exemplo, nós temos curso técnico de informática que é necessário o uso dos equipamentos, nós temos curso técnico de alimentos é importante também que o aluno conheça, então tudo isso foi feito por agendamento já no final do segundo semestre de 2021.

Eu posso dizer que foram *dois desafios*, *o primeiro desafio foi manter os estudantes com a possibilidade de continuar estudando durante a pandemia* conhecendo todos esses aparatos técnicos, *o segundo desafio foi manter a qualidade do ensino porque nós sabemos que o ensino Público Federal gratuito no Brasil tem cumprido uma função muito importante ao longo desses anos todos, isso ficou demonstrado agora na pandemia, quantas pesquisas voltadas para a área da pandemia surgiram nas escolas federais, institutos e universidades?* Então, está mais que comprovado, não resta nenhuma dúvida da importância dessas escolas e da rede federal do Brasil, a dificuldade a princípio foi manter a qualidade do ensino para o aluno sair bem capacitado para realizar todas as tarefas, acredito que a gente conseguiu cumprir e que esse foi o maior desafio tirando a questão ligada ao cansaço, nós tivemos colegas com quadros de ansiedade e estresse que tiveram que buscar um tratamento, então esse desafio também foi muito grande. Do ponto de vista do produto final da nossa tarefa eu creio que o maior desafio foi entregar um ensino com qualidade, do ponto de vista humano a maior dificuldade sem perder a sanidade, conseguir manter o equilíbrio mental, emocional, acho que foram esses os maiores desafios.

Eu acredito que nós demonstramos a nossa importância, um país não vive sem educação de qualidade para todos, conseguimos manter nossos estudantes ocupados com as aulas, poderia ser muito pior, imagine uma pandemia sem escola, sem estudo, sem aulas, se é que pode dizer que é um ponto positivo porque é muito difícil dizer que há ponto positivo em um momento tão delicado como foi vivido de uma pandemia e tantas pessoas perdendo a vida, mas fica esse aprendizado, essa mensagem de que a gente foi

capaz de lidar com isso, não acabou totalmente, nós temos ainda alguns países que estão em situação complicada em relação à questão das contaminações e das mortes, mas no Brasil especificamente o quadro está bem diferente agora do que há um ano, então eu acredito que a gente demonstrou primeiro, que precisamos da educação pública e gratuita, e que nós podemos lidar com situações como essa, acho que é isso.

Nós já estamos no presencial desde o início de fevereiro (2022), algumas atividades estão remotas, algumas reuniões ainda, mas em relação ao cotidiano da escola, aulas, tudo já é presencial.

No ensino remoto a princípio ficou a critério dos professores qual a plataforma utilizar, o instituto já tem uma plataforma que é o Virtual IF, que era usada mesmo antes da pandemia para questões ligadas ao cotidiano do aluno, e aí nós começamos a usar o *Meet*, muitos professores usavam o *YouTube*, deixavam as aulas disponíveis, em um segundo momento no 2º Semestre de 2020 houve uma normativa para que todos usassem o *Google classroom* junto com o *Meet*, *Meet* para aulas síncronas e o *classroom* para atividades assíncronas. *O classroom* passou a ser a sala de aula virtual.

A primeira coisa que eu acho importante é que eu não fiz nada para mudar o meu ambiente de trabalho, que passou a ser a minha casa e o meu escritório, nenhuma maquiagem nem para o quarto nem para sala de onde eu estou trabalhando porque eu acredito que nós entramos na escola e na época havia uma confusão muito grande, é importante falar sobre isso também, ***muitas pessoas falavam que seria EAD***, é importante falar que ***nós não estávamos fazendo EAD que é uma metodologia própria***, específica e nós não estávamos preparados para isso, é bom que não usemos esse conceito, EAD é algo muito específico que nós não fizemos, o que nós fizemos foi algo emergencial, por isso eu fiz questão de não comprar sequer nem uma cadeira bonita e nem colocar paisagem para que eles vissem as minhas aulas da maneira como sempre foi e fiz da melhor maneira porque eu acho que o que eles têm que ter é um bom conteúdo, é preciso fazer da melhor forma, mas os alunos precisam entender que o procedimento era emergencial, eu não quero que isso dure para sempre, pode até ser para uma pós-graduação, mas imagina estudantes que chegam em um curso técnico para ter uma formação técnica, então eu fiz questão de manter esse aspecto, ***nós vamos fazer o melhor, mas jamais pensando que isso é o adequado***, ou correto e que vai continuar assim, então o que você está vendo aqui por trás. Se você acessar os meus vídeos porque grande parte das minhas aulas são gravadas é isso aqui, é privilegiando o conteúdo, o diálogo com os

alunos, eu sempre mantive com eles esse momento porque durante as aulas os alunos ficavam com a câmera fechada e eu respeitava isso porque quando eu exijo que eles liguem a câmera eu estou entrando na casa deles, mas no final da aula eu sempre deixava um espaço para uma conversa informal e nesse momento era interessante que eles ligassem a câmera, então o **professor Marcelo** nesse caso optou por lidar com isso dessa forma, privilegiando o conteúdo, mas também essa questão emocional do estudante criar momentos em que pudesse, mesmo estando preso em casa pelo menos tivesse um momento de relaxamento, é basicamente isso.

Entrevista 04- Prof.º Isidorio

Meu nome é Isidorio, eu sou professor de matemática aqui do Instituto desde 2015, já tive a honra de trabalhar no SESI durante mais ou menos 5 anos, fui muito feliz. Sou branco, sou casado, tenho dois filhos maravilhosos um de 3 anos e um de 6 meses que está dando trabalho diga-se de passagem [risos], não está dormindo, tenho mestrado profissional PROFMAT em Uberaba, e é isso.

Eu nasci em Brasília, meu pai era gerente de banco à época, então eu já morei em várias cidades porque ele era muito transferido, já morei em Cuiabá, Goiânia, João Pessoa e Franca que foi minha última estadia, meu pai faleceu, minha mãe e minha irmã moram lá até hoje, minha irmã é casada, tenho dois sobrinhos e quando eu passei para faculdade eu passei em Uberlândia, eu vim para cá, conheci a minha esposa no primeiro período de faculdade e estamos juntos desde então, sou casado há de dez anos, mas estamos juntos há mais de 17. Minha esposa também é professora de matemática.

Eu sou professor há muito tempo até mesmo antes de me formar, em 2005 eu já comecei a dar aula, eu entrei faculdade 2003, eu comecei como monitor de uma escola aqui de Uberlândia, Colégio Nacional, depois de lá os próprios professores foram gostando do meu trabalho e foram indicando outros lugares, então eu já dei aula no Êxitos, no Gabarito, em Uberaba no Zé Ferreira e quando eu fui aprovado no SESI, porque foi um processo seletivo, para mim era minha segunda casa eu fui muito bem aceito, muito abraçado por todos e eu falei que eu só sairia do SESI se fosse para uma instituição Federal e foi o que aconteceu, quando eu fui aprovado aqui no IFTM como dedicação exclusiva infelizmente eu tive que sair do SESI, na época eu dava aula no segundo e terceiro anos e eu era coordenador do Enem, então foi uma triste separação, mas foi muito boa.

Quando eu fui aprovado eu passei para Ituiutaba porque não tinha aberto vaga aqui no Campus de Uberlândia, fui muito bem aceito quando cheguei lá pelos diretores, foram muito solícitos e me passaram as aulas. No começo é um pouco diferente em termos de realidade, no SESI como nas outras instituições particulares onde eu dava aula você já tinha todo recurso, tinha projetor em sala de aula, tinha lousa digital, tinha ar-condicionado na sala e quando você entra em uma sala do Instituto Federal que são alunos às vezes carentes, onde não tem ar condicionado(Ituiutaba) , onde não tem uma estrutura tão adequada e você sabe que mesmo assim ela é muito melhor do que muitas estruturas públicas que nós temos hoje em dia, estranha um pouco, eu não estranhei tanto porque eu já tinha passado pelas escolas estaduais, então eu já sabia um pouco dessa realidade, eu já sabia como era, mas eu posso falar que a discrepância em termos de conteúdo, de aprendizagem de alunos, quando você pega um aluno de escola particular e um aluno de escola pública, é gritante.

Eu me graduei em 2007 eu iniciei a dar aula no IFTM em 2015, eu fiquei seis meses em Ituiutaba e abriu um processo de remoção, nesse processo eu me inscrevi e fui aprovado para vir para Uberlândia, voltar para casa digamos assim, então eu estou no campus Uberlândia desde 2016.

A recepção foi a melhor possível, acho que todo mundo abraça na verdade, a única dificuldade que eu tive foi com as nomenclaturas, por exemplo, aqui assistência estudantil chama AE, então às vezes as pessoas falam, "leva o aluno no AE" e você se pergunta "o que é AE?", ou então sigla para Coordenação de Assistência Estudantil, até você pegar essas nomenclaturas. Agora a recepção tanto dos professores quanto dos alunos foi a melhor possível, eu não tive troca em termos de professores porque como eu ingressei no IFTM Uberlândia no início de 2016 não teve aquela ruptura entre ter um outro professor ministrando a disciplina e agora eu.

Em 2016, quando eu vim para cá eu ministrei aula no segundo ano do ensino médio, no terceiro ano do ensino médio e no tecnólogo em alimentos, desde então de 2017 a 2021 eu ministro basicamente nos terceiros anos e no ensino superior, neste semestre, por exemplo, eu estou ministrando aula no terceiro ano de Informática, Alimentos e Meio ambiente, ministrando no superior Engenharia de Alimentos que é um curso novo que começou esse semestre, estou ministrando aula na especialização e também estou ministrando aula no concomitante em Agropecuária atualmente eu estou com 16 aulas.

São alunos basicamente que fazem ensino médio na cidade e vem para cá para fazer a parte técnica, nessa parte técnica tem uma disciplina que chama Matemática Aplicada, basicamente são alguns conceitos básicos para dar suporte para os professores da área técnica.

Eu posso falar que a aula que eu ministrava no terceiro ano ou o foco que eu dava há 5, 6 ou 7 anos atrás não é o mesmo foco que eu dou hoje, quando você trabalha em um curso superior, na graduação, você entende muitas vezes as dificuldades daquilo que está acontecendo com os alunos que chegam, na Engenharia, por exemplo, às vezes chega aluno que não consegue fazer uma regra de 3, não consegue fazer uma função, uma lei de formação ou algo nesse sentido, eu não estou falando que a gente baixa a qualidade das aulas, mas muitas vezes a gente foca em conceitos que precisam e muitas vezes a gente acha que eles sabem e na verdade não sabem.

Público heterogêneo [risos], o mais heterogêneo possível.

Na verdade nós temos alunos excelentes, que são alunos que podem ser premiados em olimpíadas, assim como são, em que a gente é muitas vezes destaque, mas nós temos alunos com uma deficiência que muitas vezes não conseguem fazer uma regra de sinal, uma multiplicação, para a gente poder sanar essas dúvidas entra na parte que você comentou que a gente muitas vezes quando está na escola particular trabalha com 45 aulas, aqui às vezes a gente acha 16 muitas aulas muito, eu escuto professores falando isso e eu também penso dessa maneira porque não dá para a gente fazer um projeto de pesquisa ou um projeto de extensão nesse sentido, mas como são 16 aulas dá para a gente ter um atendimento diferenciado para esses alunos, então a gente marca horários particulares e o **AE** que é essa **Assistência Estudantil** consegue fazer essa ponte, essa ligação. Você estava falando de realidades diferentes, nós recebemos alunos com paralisia cerebral, com Síndrome de Down e quando você vai conversar com eles, eles falam nitidamente que foram empurrados no ensino fundamental até chegar aqui, então, chegam aqui com uma sede enorme, e eles querem e aqui tem suporte para isso, tem um corpo docente por trás, tem uma parte técnica por trás onde as pessoas sempre ajudam e sempre direcionam para isso.

Eu estava em sala de aula quando foi decretado a interrupção das aulas, se eu não me engano foi numa terça-feira, me lembro que foi no meio da semana e falaram que a partir do dia seguinte não teria aula porque tinha sido decretada a pandemia e eles iam rever alguns conceitos. Eu acho que o IFTM foi um dos institutos mais rápidos para agir

em relação a isso porque nós começamos o ensino remoto uma semana depois, capengando óbvio, com todas as dificuldades porque foi uma coisa nova não só para os alunos, mas para muitos professores, para maioria dos professores, na verdade, você tentar resgatar plataformas online como o *Google classroom* ou *meet* e você conseguir modificar as aulas, porque não vamos ser hipócritas, a aula não é a mesma em uma maneira presencial e uma maneira online, houve muita dificuldade, a minha primeira aula foi um desastre, foi literalmente um desastre e olha que eu tenho internet de 300 megas em casa e mesmo assim a conexão caía toda hora, eu não conseguia escutar os alunos, eu não coloquei regras como todo mundo com microfone e câmeras fechados inicialmente porque estava dando muita interferência, então foi literalmente um desastre, uma aula que seria 50 minutos eu encerrei em 10 minutos falando que iria repor aquela aula.

Inicialmente foram ofertados alguns minicursos que os próprios professores ministravam, às vezes um professor que tinha mais facilidade com essas plataformas disponibiliza horários para que outros professores entrassem e eles explicassem, mas sendo bem sincero a maioria foi no bruto, aprendeu na marra, tutoriais ou alguma coisa nesse sentido, a nossa coordenação, direção, deu um pouco de suporte, mas a gente só foi estabelecer isso como padrão 6 meses depois que já tinha decretado a pandemia.

Sobre o período de suspensão das aulas na verdade, quando começaram a falar, falaram em 30 a 60 dias, algo nesse sentido, mas não era algo oficial tanto é que a gente montou comissões, o IFTM montou comissões para que soltasse normativas a cada 15 dias e quando viram que isso ia perpetuar durante um tempo maior montaram coordenações voltadas somente para essa área essencialmente, por exemplo, os professores não eram obrigados a ministrar aula de forma síncrona, mas depois já foram obrigados, então foram soltando algumas normativas nesse meio prazo para dar suporte também para os alunos.

Para mim também foi um pouco novo, eu nunca tinha ministrado uma aula pelo *Meet*, já tinha participado de reuniões, mas quando você é o centro das atenções é diferente, assim como o *Google classroom*, eu não tinha conhecimento da ferramenta, então eu tentei estudar para dar o melhor suporte possível para os nossos alunos, pelo menos para os meus alunos, então eu tentei ministrar aulas síncronas desde a primeira semana que falaram que o ensino seria remoto. Inicialmente como eu já havia comentado não deu certo, mas depois foi super tranquilo, super bacana, digamos que eu tive uns 15 dias de adaptação, mas depois fluiu de uma maneira bem legal. A participação dos alunos

no início era muito maior do que depois, eu não sei quais eram os problemas, muitos relataram que era questão de internet às vezes acabavam os dados móveis e não tinha como você penalizar esses alunos por essas necessidades, então a gente sempre passava atividades de maneira assíncrona para que eles pudessem entregar quando eles tivessem uma conexão *wi-fi*.

A frequência era baixa, em uma sala de 30 alunos eu tinha 15 participantes o que para mim é baixo, metade dos alunos é baixo. Às vezes a gente fala “participando”, eu não sei se eles estavam em sala, muitas vezes você encerra a aula e tem dois alunos lá.

Ministra aulas de matemática assim é complicado porque eu particularmente gosto do quadro, eu sempre prefiro quadro, eu acho muito mais fácil de se explicar para o aluno e eu tive que adaptar todas as minhas aulas, fazer o intensivão de *Powerpoint*, eu tinha bastante aula, mas eu nunca gostei de ministrar no *PowerPoint* porque eu acho que não prende tanta atenção dos alunos, mas era o que a gente tinha.

Na verdade, eu acho que a graduação não prepara a gente para isso, voltando um pouco eu já dei aula no estadual e eu não sabia preencher um diário, é a realidade, e olha que eu fiz quatro estágios, mas ninguém nunca me falou como preencher um diário, imagine para uma época que a gente viveu agora, uma pandemia em que você tinha que ter conhecimento dessas plataformas, conhecimento mínimo que fosse em que muitas vezes um professor tem dificuldade de preencher um diário, não é o meu caso, mas alguns não conseguem entrar numa sala de reunião ou algo nesse sentido, então não, não prepara, têm formações continuadas para isso? Tem, mas vai do interesse de cada professor querer ou não participar.

Nesse percurso a instituição ofereceu algumas formações institucionalizadas, ou às vezes era uma ação local do IF Campus Uberlândia, eles abriram espaço para isso, deram 15 dias de palestra sobre algumas plataformas que poderiam ser utilizadas, o *meet*, *Google classroom*, diversas plataformas que nós poderíamos utilizar para melhorar as nossas aulas, melhorar o ambiente da sala de aula.

Eu sempre tento tirar a parte boa das coisas, a pandemia foi péssima, eu não preciso citar em relação a isso, mas eu acho que algumas vivências ficaram e algumas coisas tem que ficar, por exemplo, hoje eu utilizo sala do *classroom* para todas as minhas turmas, listas que antigamente eu imprimia eu disponibilizo tudo lá, então é um canal de comunicação muito mais rápido, muito mais fácil e não tem como o aluno falar que não viu, eu estou falando da minha vivência, o *classroom* ficou. Eu acho que ainda precisa de

muito, por exemplo, as reuniões que a gente teve no começo do ano foram de maneira presencial eu acredito que poderia ter sido de maneira virtual ainda, mas isso é questão de direção e de coordenação, mas acho que algumas coisas vieram para poder ficar, como reunião de maneira online.

Como eu comentei, muitas vezes nós recebemos alunos muito carentes e alunos de zona rural que não tem conexão de internet, então nós não podíamos cobrar desses alunos, aqui ainda bem que a gente teve esse suporte e nós mandávamos listas ou os professores enviavam os métodos de avaliação para o aluno poder desenvolver de forma presencial, então ele fazia as listas depois o motorista do IFTM iam lá, recolhiam essas atividades, trazia para o campus e distribuía para todos os professores, na verdade eles escaneavam quando estavam aqui e mandavam para os professores para que a gente pudesse corrigir. Então, essa foi uma grande dificuldade porque muitas vezes o “*aluno fantasma*”, o aluno que fica na sala e não quer nada vai ser penalizado por ele mesmo, mas esse outro aluno que não tem a possibilidade desse estudo porque muitas vezes não tem condições para isso, não tem condição de ter uma internet, de ter dados móveis, foi o que mais me preocupou porque ele está interessado, ele quer aprender, ele só não tem condições financeiras para isso. Outro empecilho foi em termos de internet, a conexão, não só para mim, mas também para outros alunos, então muitas vezes caía, você estava no meio de uma prova ou no meio de um formulário você tinha que ser um pouco mais maleável em relação a isso, dar um prazo um pouco maior e tentar entender essas dificuldades que os alunos tinham.

Em relação ao aprendizado é complicado falar se os alunos aprenderam ou não, eu posso falar que aprendizado teve, se foi significativo é outra coisa, eu concordo que eles aprenderam 10% que eles poderiam se fosse de uma maneira presencial, eu acho que a gente fez o melhor que poderíamos fazer utilizando essas plataformas, mas falar que não teve aprendizado eu acho muito forte porque a gente se desdobrou, nem que seja um aprendizado para conseguir mexer nas plataformas virtuais, porque é um aprendizado, então, no conceito da Matemática ficou muita coisa para trás, não vou ser hipócrita, mas aprendizado teve.

De maneira institucional, não teve nenhum repasse para gente nesse sentido, mas o professor Isidorio sim, eu administro aula no terceiro ano, mas antes disso eu fiz um processo revisional e fiquei quase um mês falando sobre conceitos básicos que seriam necessários para eu dar sequência de uma maneira legal para os alunos do terceiro ano,

não tem como revisar tudo até mesmo porque eu vou ficar somente na parte revisional e essa não é a ideia, então no meu caso eu revisei as partes que seriam mais interessantes e aquelas partes que me dariam maior suporte nas atividades para o 3º ano.

Entrevista 05 - Prof. T. Galdino

É um prazer poder contribuir para uma pesquisa tão importante que vai trazer esses relatos e essas vivências de tudo que a gente passou nesses quase dois anos, foi um grande aprendizado e eu acho que poder contribuir... eu fico muito feliz. Bom, eu sou o T. Galdino, tenho 35 anos nasci em 15 de maio de 1986, quase fazendo 36 anos, me considero preto, é uma ideia recente depois de muito entender as minhas origens, hoje eu me identifico como uma pessoa preta, eu sou biólogo, sou natural de uma cidade próxima à Uberlândia chamada Estrela do Sul, Minas Gerais, é uma cidade pequena, onde cresci que eu amo muito, fica a 100 Km daqui, vim para Uberlândia para estudar com 15 anos eu sou formado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Uberlândia, bacharelado e licenciatura, tenho pós graduação e especialização em Gestão Ambiental e mestrado em Ecologia e Conservação de Recursos Naturais. Trabalhei na área técnica como biólogo por alguns anos e comecei a ministrar aulas em uma faculdade privada em Uberlândia, descobri que eu amava docência e quis ficar só na docência, prestei concurso no IF, passei no IF de MG em 2015, depois fui para o IFTM campus Patos de Minas em 2016 e em 2020 cheguei ao campus Uberlândia.

Eu **cheguei aqui 15 dias antes da pandemia, eu brinco que eu sou um novato com dois anos de Campus**, eu não conhecia ninguém, tem pessoas que eu fui conhecer pessoalmente esse ano no início de fevereiro que pareciam super íntimas, a gente fazia reuniões, mas eu ainda não conhecia, coisas da pandemia.

Tem coisas que ficaram, por exemplo, essa plataforma que nós estamos usando agora facilita demais para mim, acredito que veio para ficar, eu tenho uma reunião daqui a pouco com uma comissão para organizarmos um evento, aqui no IF as reuniões são online, acho que são vantagens que precisam continuar sendo utilizadas por economia de dinheiro, tempo e outras coisas.

Eu cheguei em março, foi muito interessante, eu sempre quis muito trabalhar neste Campus que eu estou, por ser fazenda e por eu ser da área ambiental, eu sempre planejei muita coisa para fazer aqui com os meus alunos(as) e confesso que no dia 12 de março

foi uma decepção ter que reformular completamente a minha mente porque eu não poderia dar aulas práticas do jeito que eu queria. Eu cheguei a conhecer o campus presencialmente durante essas três semanas, foi muito intenso, parecia que eu sabia que ia acontecer alguma coisa, aproveitei bastante esse tempo. Depois disso eu assumi a coordenação do curso de Meio Ambiente em setembro de 2020, a partir de novembro quando tivemos a diminuição do número de casos nós viemos para o campus presencialmente, nós vínhamos uma vez por semana ou a cada 15 dias fazer alguns atendimentos e trabalhos específicos aqui no campus. Eu vim presencialmente em novembro, dezembro e janeiro de 2021, em 2021 teve a segunda onda, um aumento de casos em fevereiro ou março, nós estávamos em férias, mas com a programação de voltarmos presencialmente, ela foi suspensa por esse motivo e como eu fui pai nesse período eu estava em licença paternidade, quando eu voltei ao trabalho em março de 2021 já foi cem por cento remoto novamente, porque teve uma decisão na Instituição no Campus Uberlândia de que se 2021 fosse para voltar presencialmente seria só no segundo semestre, no primeiro semestre não viemos presencialmente praticamente, mas eu voltei a vir ao Campus. No segundo semestre de 2021 nós já estávamos com a segunda dose da vacina, então viemos com mais frequência, uma vez por semana, depois duas ou três vezes, então esse retorno foi bem gradual, eu comecei a voltar mesmo em agosto do ano passado (2021), eu já estava familiarizado, mas sem alunos (as), tinha algumas atividades práticas e esporádicas.

Eu atuo no ensino médio em todos os cursos, sou professor da área de biologia, atuo nos os cursos de Agropecuária técnico integrado ao ensino médio, Informática que agora se chama Internet das Coisas, Meio Ambiente e Alimentos, só esse ano que eu não estou no curso de Alimentos e no curso superior eu dou aula para Engenharia Agrônômica na disciplina de Zoologia e também dou aula na pós-graduação na especialização em ensino de Ciências e Matemática.

Hoje além da coordenação eu estou com 16 aulas por semana, porque a especialização não começou ainda, começa no segundo semestre, mas como eu estou na coordenação eu estou com menos aulas, os meus colegas da área de biologia têm mais aulas que eu em torno de 20 e 22, temos muitos alunos(as) e muitos cursos, da área de biologia nós somos 5 professores(as), todos com a carga horária quase cheia. Em relação às aulas práticas, eu fiz práticas demonstrativas dentro das possibilidades dos(as) alunos(as), por exemplo, uma prática de fermentação que é simples, eu pedia para eles pegarem o material fazer em casa e gravar vídeos, o que eu fiz muito foi usar as redes

sociais a meu favor, porque eu sei que essa moçada está nas redes sociais o tempo todo, então eu ministrei em todas as turmas que eu trabalhei várias propostas avaliativas em que eles usavam o *Instagram* criando perfis, vou dar o exemplo da disciplina de Zoologia, eu dividi a turma em 6 grupos e eles precisavam criar um *Instagram* sobre as aves e durante todo o semestre eles tinham que publicar semanalmente informações novas sobre as aves com artigos científicos, para o curso de Agronomia a relação das aves com a agronomia, tentamos fazer dessa forma, mas o laboratório não foi possível fazer, esse ponto ficou defasado e os(as) alunos(as) tem ciência disso, tanto que estamos propondo esse ano semana de Meio Ambiente, semana de Agropecuária, atividades práticas que ficaram pendentes para esses(as) alunos(as) que não fizeram práticas presenciais.

Eu não usei simuladores de laboratórios, eu não sei se os colegas usaram, eu comentava com alguns colegas da área de biologia, por exemplo, a professora da área de botânica levava vídeos, fazia práticas demonstrativas mostrando para os(as) alunos(as), eu fazia também, a professora de microbiologia pedia experimentos que eles(as) poderiam fazer em casa e filmavam para ela monitorar, como a disciplina que eu ministrava era com animais, me preocupava pedir para eles manipularem bichos e coisas desse tipo sem a minha supervisão presencial, como docente eu me preocupava, além de ter a questão de bem-estar animal tem a questão do risco mesmo. Desde o início falamos para eles(as) que assim que eles(as) retornassem faríamos esses momentos de práticas presenciais na forma de minicursos ou cursos de extensão, mas eles(as) não ficariam sem essas práticas, foi o combinado e nós temos cumprido, vários(as) professores(as) já estão fazendo essas atividades práticas e no IFTM campus Uberlândia tem uma estrutura física muito boa. Nós sabíamos que uma hora nós voltaríamos, desde o início como professor de biologia eu sabia que nós só voltaríamos como a porcentagem considerável da população vacinada, eu saí dia 18 de Março de 2020 com essa certeza, eu sabia que não eram duas semanas, mas não falava nada porque eu não queria ser o emissário do apocalipse, mas como professor da área eu tinha certeza, cheguei em casa e falei para minha esposa, que só voltaríamos com segurança e com vacina, não tem jeito de pensar de outra forma, eu sabia que uma hora voltaríamos. Nas minhas turmas eu fiz esse acordo, comecei a trabalhar na agronomia no primeiro semestre de 2021, nessas turmas eu vou fazer as práticas, no ensino médio como eu trabalho com a biologia eu vou fazer esse trabalho com os terceiros anos, as outras turmas tem mais tempo para aproveitarem e desenvolverem as práticas ao longo dos anos, mas os terceiros que ficaram privados também realizarão essas práticas.

Eu me emociono um pouco em lembrar, por que eu escolhi a profissão de docente? Porque eu gosto de gente, eu gosto de pessoas, eu gosto desse contato, por exemplo, eu adoro o intervalo das aulas para ver os(as) alunos(as), conversar com eles(as), trocar ideias, isso me rejuvenesce todos os dias. Então primeiro que nós não pensamos, só fomos fazendo, no IFTM campus Uberlândia nós não paramos, no dia 18 começou a pandemia e dia 19 já teria aula remota, não sei como, mas eu mandei e-mail para os(as) alunos(as), falei que era tudo novo, mas nós não paramos, para mim esse momento não foi fácil, por gostar desse contato com os jovens e principalmente porque eu gosto de Ensino Médio, daquela energia da galera e ***dar aula para “fotinhas” era uma coisa muito difícil.*** Eu usava vídeos, dançava, usava a música, e eles(as) achavam a aula legal, mas eles(as) não sabiam que eu estava animando a mim mesmo e não a eles(as), eu estava gerando novos momentos de descontração, momentos que foram legais para eles(as), mas muito mais para mim, ***esse foi o primeiro desafio, você não ter esse contato visual.***

O ***segundo desafio***, eu ***faço questão de saber o nome de todos os meus alunos***, eu já cheguei a ter 500 alunos e saber o nome de todo mundo, para mim é importante porque eu acho que se aquele(a) aluno(a) está dedicando grande parte do dia dele(a) comigo o mínimo que eu tenho que saber dele é o nome e ***nas fotinhas eu não sabia porque eu associo o nome à imagem***, como eu não via imagem eu via fotos aleatórias. Eu encontrei alunos(as) durante a pandemia no supermercado e eu não lembrava quem era, hoje que eu tenho dois meses de aula se eu encontrar qualquer um(a) dos(as) meus(minhas) alunos(as) eu sei de que turma ele(a) é, mas na pandemia eu não sabia e isso me incomodava como professor. Então, essas relações pessoais para mim foram desafiadoras, em relação a conteúdo fizemos o nosso melhor no ensino remoto, mas eu sei que é muito diferente, eu sei que ***o estudante aprende com gesticulação, com seu olhar, com a sua afetividade e coisas do tipo que são importantes no processo de ensino-aprendizagem***, perdemos tudo isso durante o ensino remoto.

Outro desafio que para mim foi um aprendizado, ***trazer para dentro da minha casa a minha sala de aula***, quando eu falo dentro da minha casa, eu falo de um apartamento de 100 metros quadrados com duas crianças, uma de 3 anos e um recém-nascido que nasceu durante a pandemia, mas que depois durante as minhas aulas foi crescendo e quis participar das aulas também. Eu fui padrinho de formatura de uma turma o ano passado (2021) que eu conheci durante a pandemia e virei padrinho deles, na aula

da saudade meu filho também foi convidado para ir, porque ele participou de todas as aulas e eu já começava a aula falando aos alunos(as) que eu estava na casa dele, no espaço dele e que ele iria aparecer na aula, então até eu entender que aquele espaço não era a minha sala de aula, mas a minha casa foi um processo **[emocionado]**.

Tinha um momento que eu dizia “filho agora é sua vez”, ele tinha música, trazia o violão dele e os(as) meninos(as) adoravam, teve um dia que eu dei aula e por uma questão logística da minha casa eu dei aula no quarto dele, os(as) alunos(as) falavam “nossa que parede legal, mostra os brinquedos dele”, era uma coisa que ninguém imaginava que ia acontecer, uma loucura.

Quando terminou o período do Ensino Remoto e nós voltamos para o presencial, a primeira coisa que eu fiz na minha casa foi desmontar o *home office*, ele não existe mais, eu não quero nem olhar para ele **[risos]**. Era muito desafiador dar aula em um quadro pequeno, por exemplo, eu gosto de giz e quadro, eu estudo metodologias novas, mas eu gosto de quadro e giz, hoje pincel, eu tinha um quadro pequeno no meu *home office*, a câmera às vezes não ajustava direito, essas eram as questões técnicas que percebemos durante as aulas, mas até chegar nessa adequação havia um prejuízo nas transmissões das aulas.

Por exemplo, eu não conhecia a realidade de cada um(a) dos meus alunos, quando eu fui para a coordenação eu comecei a conhecer muitas realidades e eu percebia que faltava conexão ou muitos perderam parentes próximos, pessoas queridas ou a fonte financeira, eram vários fatores que estavam ali e nós tínhamos que continuar, não tem como não pensar nisso, por exemplo, alunos(as) que não conseguiram participar da aula e mandavam mensagem porque tinham que trabalhar. Ao final de 2020 alguns(as) alunos(as) me perguntaram se voltaríamos no próximo ano (2021), eu sempre fui muito sincero e por eu ser da área eles(as) confiavam muito nas minhas opiniões, de 15 a 20% das minhas aulas eram para discutir sobre covid-19 e vacina, eu falei para eles(as) que a situação estava melhorando, que eu queria muito voltar, mas não poderia afirmar porque não tínhamos vacina e sem vacina não tem segurança, os(as) alunos(as) vão de ônibus para o campus fazenda e o risco é muito grande, eu falava para eles(as) que a minha vontade era de voltar amanhã, mas não poderíamos ser inconsequentes e insensatos.

Os alunos falavam que estariam no terceiro ano que é o ano dos trotes, das festas, eu pensava “meu Deus”, na melhor das hipóteses eu pensava que voltaríamos no segundo semestre, mas no primeiro semestre já imaginava que nós não voltaríamos, então *foi*

muito desafiador pensar em tudo isso e ao mesmo tempo no *meu trabalho em casa*, eu *era professor, dono de casa, pai* e no meio da aula "papai cocô", e eu dizia "gente meu filho precisa fazer cocô", a minha esposa ficava com o bebezinho fazendo dormir e eu pedia para os alunos esperarem... enfim, para um professor como eu, exigente com didática e com conteúdo foi um desafio danado, eu tive que entender que estava dando o melhor de mim, mas esse melhor era 15 ou 20%.

Nós enquanto instituição, conseguimos dar acesso para todos (as) na forma de bolsas, de computadores, de empréstimos, como instituição e como pessoa física também, se você sabe a situação de um(a) aluno(a) e você pode ajudar, você ajuda como pessoa física, eu fiz isso algumas vezes dando celular para aluno(a), celular que estava em casa guardado, mas a instituição também disponibilizou bolsas e todos(as) foram atendidos(as) nos editais de inclusão digital, então isso é um ponto, mas mesmo assim a adesão em alguns momentos foi pequena por desestímulo mesmo. Por exemplo, eu comecei 2021 fazendo muitas aulas ao vivo e eu percebi que a adesão estava diminuindo, eu conversei com as turmas, em uma turma de 35 alunos(as) eu tinha aula com 15 a 20 alunos (as) no máximo, muitos relataram que precisavam ajudar em casa "professor, o horário da sua aula é o horário que eu dou almoço para o meu irmão", "professor eu precisei trabalhar meio período para ajudar em casa, então na hora da sua aula às 7:30 da manhã eu já estou a caminho do meu trabalho", não sabemos até que ponto é verdade ou não, eu sei que alguns podem ter se aproveitado disso, mas não me cabia julgar naquele momento. A partir do segundo semestre eu tomei uma decisão, eu faria aulas assíncronas com todo suporte da instituição, embasado nas normativas, precisávamos dar pelo menos 20% da carga horária de aulas ao vivo para tirar dúvidas e as demais eu dava aula assíncrona, porque quando eu gravo uma aula o(a) aluno(a) pode acessar a qualquer momento, ele(a) consegue se organizar nesse sentido, a partir desse momento eu percebi que foi mais eficiente, que eles(as) participavam mais, respondiam mais às questões e já avisava para eles um mês antes que a aula ao vivo seria tal dia e tal hora, eu fazia assim e achei que começou a ser mais eficiente, porque os(as) alunos(as) também foram ficando desestimulados/cansados em assistir aulas olhando para a tela do computador.

Hoje estou no campus, aqui tem residência para alunos(as) que vem de outras localidades, na verdade durante a pandemia foi suspenso, agora está fechado finalizando obras, porque o edital para a residência estudantil abre agora em abril (2022) para os(as)

alunos(as) ocuparem em maio, então tem a residência inclusive tem vários alunos(as) esperando, eu não sei o número de vagas, chegou a ter 400, mas agora tem menos vagas.

De ***aprendizado, valorizar a vida*** eu estou vivo, eu passei por isso, estou vacinado com três doses, muitos dos nossos não conseguiram isso e não consigo deixar de citar por um descaso governamental, por várias escolhas erradas da gestão do nosso país, a gente poderia ter vacinado há muito tempo e eu não ter perdido pessoas que eu perdi, porque não se vacinaram, ***a primeira lição é isso, estou vivo***, consegui passar por esse período, minha família, pessoas próximas, meus pais, eu tenho dois irmãos médicos que trabalharam na linha de frente da pandemia e que não pegaram covid-19, então é a primeira lição para mim, valorizar a vida e deixar de valorizar coisas que são absolutamente pequenas, coisas que às vezes eu dava muita ênfase antes e hoje eu dou menos. Hoje eu percebo que a gente pode ser sacudido a qualquer momento por uma situação que eu espero que não aconteça novamente, mas pelo que eu estudo a chance de acontecer novamente existe por vários motivos, impactos ambientais, mutações, não quero entrar nesse mérito, isso me fez pensar muito, o primeiro aprendizado valorizar a vida ***e o segundo eu não era uma pessoa muito flexível em relação ao trabalho***, por exemplo, se aquilo tinha que ser feito agora, tem que ser feito agora, eu sou o que chamam de Caxias, e eu tive que ser mais flexível porque eu estava dentro da minha casa. Em algumas reuniões eu não prestei atenção da forma que precisava, porque meu filho estava chorando e eu estava com ele no colo, em outras aulas eu tive que colocar fone de ouvido, fechar a câmera e passear com meu filho porque ele precisava dormir e assim eu fiz, coloquei o meu bebê no carrinho fui passear com ele pela rua dando aula de máscara, então eu aprendi a ser mais flexível, eu nunca faria isso em outro momento, para mim o trabalho é mais importante e naquele momento meu filho precisava de mim, eu não entendi que naquele momento eu era professor, eu era o pai dele, eu sou o pai dele, então, aprendi a ser mais flexível nesses pontos, e isso é um aprendizado que eu quero levar para a vida, ser menos preto no branco, acho que isso é importante.

Outro aprendizado são as questões tecnológicas, eu vou ser bem sincero, eu não era muito interessado, de vez em quando uma inovação aqui e outra ali eu gostava de usar, mas a pandemia nos obrigou a fazer isso do dia para noite, eu não sabia o que era *Google Meet*, e não tinha nem interesse em saber. Eu lembro que em 2019, eu tenho um amigo que aplicava prova pelo *Google forms*, a minha era no papel, foi algo que a gente foi aprendendo com a pandemia, mas algumas coisas para mim vieram para ficar e outras

eu acho que não precisam continuar, *acho que nada substitui o papel do professor dentro da sala de aula, seja como mediador, como orientador* e os nossos alunos falaram isso, teve aluno que falou "*professor, eu aprendi mais nessa primeira semana de aula do que nos dois anos de ensino remoto*", isso é muito forte de ouvir, o que você fez de diferente nessa primeira semana que em dois anos não foi feito? É a presença, olho no olho, foi isso que faltou de fato nesses dois anos, então os recursos tecnológicos foram outro aprendizado, foram vários, mas eu vou citar esses três por enquanto.

Eu estava lembrando de uma coisa interessante que eu deixo como *um aprendizado* é que teve *uma troca muito grande entre os professores*, troca de informações, alguns já tinham noção dessas tecnologias, outros não tinham noção nenhuma e alguns estavam no meio do caminho. Nós tivemos inúmeros cursos de formação aqui no IFTM, onde o professor do campus de Uberlândia Centro, o Wilton nos ajudou muito, ele dominava muito é professor da área, ministrou cursos nos ensinando sobre o *Google meet*, eu fiquei dias das 8 horas às 17 horas, ele mostrando ícone por ícone, ele criou um canal no *YouTube* e a gente acessava, eu descobri uma plataforma de questionário chamada "Kahoot", tivemos uma troca muito grande. Uma coisa interessante na equipe de biologia aqui do campus é que nós passamos a ter momentos que no presencial não tínhamos, o campus é muito grande, então se eu estou na minha sala, o colega está a 2 km de distância, outro está em outro setor, então não nos encontrávamos no presencial, no remoto passamos a nos encontrar mais em alguns momentos. Passamos a nos conhecer mais, falar sobre a formação um do outro, fazíamos coisas juntos e falando da equipe de biologia eu percebo que quando voltamos, *ficamos mais próximos* uns dos outros e os(as) professores(as) que estavam antes da pandemia relataram isso também, então eu acredito que isso foi uma vantagem que o remoto nos proporcionou, *apesar de estarmos distantes tivemos essa troca, essa proximidade* e eu cheguei encontrando alguns colegas aqui que para mim já eram íntimos e eu nunca tinha visto, já tínhamos trocado ideia, só não tínhamos tomado cerveja juntos, então teve essa troca eu achei muito bacana. Eu gosto de conversar, de contar histórias.

Eu quero e eu preciso retornar os meus estudos, acabamos por pegar cargos de gestão quando chegamos na Instituição como eu estou agora e isso acaba te impedindo, a minha esposa é pedagoga formada na UFU e ela trabalha como coordenadora pedagógica de uma escola particular em Uberlândia, eu estava falando que estava sentindo falta de estudar a minha prática docente, parece que a minha aula está ficando automática porque

eu já dou aula dessa disciplina há tanto tempo que eu entro na sala de aula e aquilo está normal, porque entramos numa zona de conforto por essa e outras razões eu estou com saudade de voltar a estudar.

Quando soube do que se tratava a pesquisa eu aceitei, como se tratava dessas reflexões sobre a pandemia e o ensino remoto, eu pensei que precisava participar, *porque uma forma de contribuir também é contando a nossa história.*

Entrevista 06 - Pseudônimo: Profa. Rios (Toda a entrevista)

Eu sou formada em Letras- Português e Inglês, eu dei aula de inglês muitos anos em escolas de cursos livres de inglês na Cultura Inglesa, dou aula há 20 anos e estou no IF há 8 anos, eu entrei para ser professora de inglês e português no ensino médio, no ensino técnico subsequente e no ensino superior de tecnologia de alimentos. Desde 2020 eu também estou na coordenação do curso técnico integrado em alimentos e já tive a experiência de trabalhar como coordenadora do centro de idiomas que é nossa escola de línguas aqui do campus. Eu sou formada em Letras português em inglês e em Relações Internacionais, meu mestrado é em política externa brasileira, não tem nada a ver com a minha área de atuação aqui no IF.

Meu esposo é professor no IF campus de Ituiutaba, tenho a Maria de três anos e meio e o João que chegará em agosto de 22, a família está aumentando.

Eu tenho duas visões sobre o ensino remoto emergencial, uma enquanto professora e outra como coordenadora de curso que gerencia a relação entre alunos(as) e professores(as). Como professora, em geral eu não usava muitas técnicas utilizadas para o ensino remoto nas minhas aulas, antes da pandemia era 100% presencial, eu não tinha nenhum ambiente virtual de aprendizagem online, mas por exemplo o meu esposo que dá aula na parte de informática mesmo antes no presencial ele já usava Ava nas aulas e para mim era um universo muito diferente e muito específico de profissionais da área da informática. Com a pandemia eu precisei aprender usar Ava, gravar aulas, usar *Google Meet*, teve essa dificuldade, mas eu tinha alguém para me auxiliar dentro de casa, então para mim foi muito bom aprender coisas que eu não sabia, eu não sabia gravar vídeos e colocar no YouTube, não sabia nenhuma técnica e nenhuma estratégia para engajar estudantes de forma virtual, para mim foi muito bom aprender e foi muito bom perceber que isso não é algo específico de cursos de informática, essas ferramentas trazem

benefícios independente da área que você atua, independente do curso. Desse modo, para mim foi muito bom porque abriu meus horizontes e hoje eu tenho ideias muito mais elaboradas do que antes, a gente vivia dizendo que o ensino precisava progredir e precisava melhorar, mas hoje eu vejo que as estratégias que tentávamos melhorar eram muito pequenas, a minha visão como professora e de alguém que tinha apoio profissional dentro de casa para ajudar com equipamentos e metodologias. Enquanto coordenadora, eu percebi muitos relatos negativos tanto dos estudantes quanto dos outros professores(as), nem todos os(as) professores(as) abraçaram a ideia da mesma forma, eu acredito que por falta de experiência, falta de conhecimento e medo de aprender algo novo e principalmente com professores(as) que estão para aposentar, professores mais resistentes em tentar técnicas novas. Aplicamos um questionário com os(as) professores(as) perguntando o que eles achavam que eles tirariam de proveito depois da pandemia, tivemos muitos professores(as) que responderam que não tiraram nada e eu acho isso muito ruim porque a pandemia foi pesada em todos os sentidos, para muitas pessoas em graus diferentes, mas foi pesado para todo mundo, quem saiu de tudo isso sem aprender nada eu acho que perdeu uma oportunidade de crescimento, de ampliar horizontes. Muitos(as) professores(as) não tinham equipamentos o que eu acho ruim, porque todo mundo teve que abrir mão de alguma coisa, reclamamos muito de alunos(as) que não fizeram esforço para conseguir um computador, mas por esse lado muitos professores(as) também não fizeram questão de comprar um microfone novo, um fone novo, então houve isso, essas resistências da parte dos(as) professores(as), a dificuldade, e por parte dos estudantes tiveram várias dificuldades, mas a maior foi falta de acesso. Tivemos várias famílias que tinham um computador para toda a família e dois ou três filhos(as), eles(as) tinham que revezar o uso do computador para as aulas ou então só tinham um celular do pai ou da mãe que trabalhavam durante o dia e só depois do horário comercial esse celular era disponibilizado, ou rede de internet sem plano, ou plano de dados limitados que não dava para o(a) aluno(a) assistir vídeo, porque a maior parte das aulas foi síncrona, para esses alunos(as) e essas situações tivemos que fazer toda uma adaptação. Nas minhas aulas, por exemplo, o(a) aluno(a) assistia à aula síncrona que eu fazia pelo *Google meet*, gravávamos e aquela gravação ficava disponibilizada para aqueles(as) que não podiam assistir no horário de aula, ele(a) poderia fazer aula de forma assíncrona e se ele assistisse depois ele(a) teria que entregar alguma atividade que comprovasse que realmente assistiu para garantir a presença, porque infelizmente além

deles não terem acesso em tempo real muitas vezes outra questão foi, muitas famílias ficaram sem renda ou com uma renda reduzida e muitos estudantes tiveram que começar a trabalhar no horário de aula, desse modo tivemos que **fazer toda uma adaptação, no sentido de ajudar ninguém a ficar de fora do processo**. Suponhamos que um(a) aluno(a) realmente não tivesse como se adaptar, não tinha computador, internet ou celular, os(as) docentes tinham que elaborar um material escrito, no meu caso eu assistia às minhas aulas, transcrevia, mandava para os(as) coordenadores(as) de cada curso que encaminhava para o pessoal da mecanografia que juntava todo esse material, imprimia, o motorista levava na casa do(a) aluno(a) e depois de um período ia lá para recolher esse material, então fizemos muitas adaptações para não deixar ninguém de fora. Outro tipo de adaptação que realizamos, **às vezes os estudantes ficavam sem acesso por um determinado tempo, mas depois voltavam a ter acesso, então permitimos atraso em entrega de atividades e avaliações**, isso foi tudo no sentido de ajudar, mas teve a parte negativa, hoje os(as) alunos(as) acostumaram com esse tipo de sistema e parece que eles esqueceram como é fazer prova na data certa, eles(as) perderam um pouco da percepção de prazos, eles(as) acham que tudo tem que ser muito flexibilizado, por um lado tentamos ajudar ao flexibilizamos mas, por outro criamos uma cultura que está sendo muito difícil de combater.

Aqui no IFTM campus Uberlândia, paramos uma semana, não chegou a ser uma semana, acho que ficamos uns três dias sem aula para pensar o que faríamos, e quando começou o ensino remoto não sabíamos se a pandemia duraria 20 ou 40 dias, algumas escolas optaram por parar e esperar a pandemia passar, nós não, **começamos de um jeito que cada um seguiu seu ritmo**, alguns professores(as) que conseguiram começar gravando aula, outros(as) professores(as) que começaram pelo *Google Meet* dando aula síncrona, gravava e disponibiliza, o nosso Ava oficial foi o *Google Classroom*, ou ainda professores(as) que tiveram muitas dificuldades, **como estava remoto precisávamos criar mecanismos para comprovar o que estávamos fazendo, cada professor(a), então isso gerou uma sobrecarga de trabalho**, no começo tínhamos muitas planilhas, depois elas reduziram, mas era uma planilha assim “o que você fez, quem foi, quem não foi”, imagina o(a) professor(a) que tem muitas turmas e cada turma tem em média 30 a 35 estudantes, o(a) aluno(a) não foi ou então o(a) aluno(a) não foi mas depois fez, preencher planilhas mantendo o ritmo de todos(as) alunos(as) e traçando a vida e o desempenho de todos e(as) era muito difícil. No começo essa planilha era semanal, você

tinha que planejar falar o que foi feito, onde foi feito, qual plataforma, quem foi e quem não foi, eram muitas planilhas para preenchermos e isso gerava uma confusão, além disso, estávamos em casa, sem escola para os(as) filhos(as), ou seja, trabalhando com filho(a) nos chamando pelo lado, tendo que dar aula com o(a) filho(a) do lado na nossa casa, por exemplo, no lugar onde eu estava eu não tinha um escritório específico para dar aulas, era eu e meu esposo trabalhando no mesmo lugar, então o dia que os dois tínhamos aulas ao mesmo tempo era uma loucura, um tinha que ir para a sala, não tínhamos um ambiente propício, mais filho, então conciliar essa parte profissional com a parte doméstica, sem rede de apoio, sem empregada, sem babá, sem escola, foi muito difícil.

Nós nos **sentimos ameaçados o tempo inteiro, porque na mídia se falava que os professores não estavam trabalhando, por estarmos trabalhando de casa.** Sentíamos atacados, com medo de ter o salário retirado, porque nós ouvíamos que um era médico e teve que voltar presencial, porque professor também não podia voltar? Na verdade, estava trabalhando, mas de forma remota, então tinha que trabalhar, mas nos sentimos ameaçados o tempo inteiro, de estar constantemente gravando o que estava fazendo, como **Ata de todos os momentos, preenchendo planilhas e planilhas para não ter o nosso trabalho invisível**, queríamos realmente comprovar nosso trabalho, para que não tirassem o nosso salário, nós não estávamos fugindo do serviço.

Foi muito complicado porque em época de ensino 100% presencial, tínhamos uma taxa de reprovação muito pequena, e durante o ensino remoto, mesmo dando muitas oportunidades, **criamos uma recuperação da recuperação, o aluno que não tivesse feito nada durante o ano poderia fazer uma prova final**, se ele atingisse a média, ele ganharia a frequência. Criamos muitas alternativas e, mesmo assim, tivemos uma taxa de reprovação e de evasão muito alta, em uma turma que é comum ter um(a) reprovado (a), tivemos oito reprovados e quando perguntávamos para os(as) alunos(as) por que isso aconteceu, mesmo com tantas oportunidades, a maioria relata a mesma coisa, **problemas psicológicos, não tinham cabeça para se organizar, perderam pessoas, a família estava com uma renda comprometida, outros problemas para cuidar e por último vinha o ensino**, além disso, tinha a dificuldade de organização e disciplina. Alguns tinham toda uma estrutura, computador, internet, família organizada, renda, eles acordavam cedo, tomavam café, colocavam uniforme, ligavam a câmera e assistiam a aula, para esses alunos(as) foi muito proveitoso, ao pensar que nosso campus é a 30 km da cidade, geralmente eles(as) precisam sair de casa 5 horas da manhã para chegar aqui,

para alguns alunos(as) foi muito mais tranquilo, foi bom porque eles acordavam cedo, fingiam que estavam realmente indo para escola, faziam tudo que precisava e ficavam livres, mas para aqueles(as) alunos(as) que não tinham facilidade de organizar horário, disciplina, manter uma rotina, foi muito complicado. Para os adolescentes eu percebi que foi isso, para o pessoal do Superior de Alimentos, a dificuldade de gerenciar a vida doméstica, sem rede de apoio, filhos sem ninguém para cuidar, fazer as atividades, assistir as aulas, problemas psicológicos, falta de estrutura, de computador, acesso e também problemas de disciplina e organização de rotina, foi muito difícil para eles(as).

Eu sou coordenadora do curso de Alimentos, Técnico integrado em alimentos, é uma exigência não da nossa escola, mas do Conselho do curso ter o estágio e eles(as) não podiam fazer estágio presencial, então nós tivemos que pensar estratégias, dentro de várias adaptações, desenvolver projetos de pesquisa ou ensino ou extensão, se você desenvolve algum desses projetos que tenha no mínimo 120 horas que é o que o estágio estabelece, permite que você defenda seu estágio baseado no projeto, tentamos fazer algo parecido com o ideal para o nosso aluno, 100% (cem por cento) não conseguimos, o(a) aluno(a) não foi para uma empresa, não teve contato com outras pessoas, mas desenvolveu alguns projetos, cumprimos, mas nada foi 100% (cem por cento) semelhante ao que seria no presencial, alguns alunos(as) aproveitaram as aulas de forma 100% (cem por cento), alguns relatam que tiveram mais tempo, estavam mais descansados, mas nem todos (as). Por exemplo, para disciplinas práticas o(a) professor(a) gravava para mostrar, mas não teve aquela experiência do laboratório, de compartilhar atividades em grupo, então nós tentamos e acredito que atingimos o nosso objetivo com alguns alunos(as), já foi válido, mas não atingimos com todos os(as) alunos(as) e nem todos os resultados que teríamos tido no presencial, foi o que chamamos de controle de danos, **dentro do pior cenário possível conseguimos resultados positivos.**

Uma das coisas que mais parei para pensar e **desenvolver, é a avaliação e em período remoto foi um tema muito sensível** porque estávamos acostumados a aplicar avaliações, estruturadas em memorizar dados ou achar dados que são facilmente encontrados na internet. Era algo que se a pessoa está trabalhando do computador ela facilmente abre uma aba e pesquisa no Google, quando fomos aplicar avaliação remota isso ficou muito escancarado, então **repensar a avaliação** porque já que tudo é muito fácil de ser encontrado, aqueles(as) professores(as) que tiveram esse tipo de raciocínio tiveram que pensar, se ele encontra algum dado na internet como ele resolveria alguma

situação prática relacionada a esse dado? Então, pensar avaliações de forma mais prática e de forma mais integrada com outras disciplinas no sentido de resolução de problemas, algo prático para o(a) aluno(a) conseguir se sentir desafiado e raciocinar, não apenas abrir uma aba na internet e achar uma informação, eu acho que, mesmo no presencial, podemos pensar em avaliações que o(a) aluno(a) elabore uma proposta para resolver problemas, então **avaliação foi algo que, para mim, mudou totalmente meu raciocínio do que deve ser avaliado e como a avaliação deve acontecer**, e também os(as) nossos(as) alunos(as) são pessoas que tem uma mão e a outra grudada no celular, essa é a realidade deles(as) e a realidade do(a) profissional que eles(as) serão, muito provavelmente eles(as) serão profissionais com acesso ao celular o tempo todo, vemos hoje jornalistas com celular na mão, então pensar outras estratégias didáticas sem ser aquela básica de quadro, giz e aluno sentado, estratégias didáticas que incluam tecnologias em sala de aula. Para mim, *esses foram os maiores ganhos: aumentar a nossa diversidade, pensar outras estratégias didáticas e repensar a avaliação.*

A nossa formação continuada era muito abstrata, eu acho que ela não tocava em pontos práticos, os **momentos em que eu mais cresci e que mais aprendi, além de pôr a mão na massa, foram os momentos em que nós professores nos reunimos para trocar experiências**, penso que colocar a mão na massa e de fato sentir o problema, e depois que o problema aparece todo mundo se reunir para discutir, foi uma técnica muito boa, mas a formação continuada que nós tínhamos era muito teórica, tudo muito abstrato e não tocava em pontos realmente práticos do dia a dia.

Foi um período importante para desenvolvermos tudo que reclamávamos e que a educação não evoluiria, foi nesse momento que tivemos oportunidade de evoluir, foi muito bom e eu tenho esperança de que, nesse ensino remoto, muitos professores(as) já tenham adotado posturas diferentes e que o resultado fique realmente. Tem professores(as) que ficaram traumatizadas, não querem saber de nada relacionado a isso, querem voltar para o tradicional, é uma nostalgia negativa, mas eu espero que no geral possamos melhorar e ajudar os(as) alunos(as), porque eles também ficaram com um *gap*, com uma falha, recebemos alunos(as) que vieram de outras escolas que ficaram praticamente dois anos sem aula, nós temos recebido alunos(as) que não sabem olhar hora no relógio, que não sabem multiplicar, com dúvidas realmente primárias, então espero que possamos superar esses desafios o mais rápido possível, eu não sei se conseguimos em 1 ou 2 anos, e que os **professores continuem com essa mentalidade de inovação.**



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DE ANALÓGICO A DIGITAL: um estudo sobre o ensino remoto no Instituto Federal de Uberlândia, MG, Brasil

Pesquisador: Astrogildo Fernandes da Silva Júnior

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 39524420.5.0000.5152

Instituição Proponente: Faculdade de Educação - UFU

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.410.348

Apresentação do Projeto:

Trata-se de análise de respostas que os pesquisadores apresentaram às pendências apontadas no parecer consubstanciado número 4.380.423, de 04 de Novembro de 2020.

Segundo o projeto:

APRESENTAÇÃO – "Abordaremos sobre a necessidade, as possibilidades e os desafios do uso das tecnologias aplicadas à Educação Básica (Ensino Médio) no Ensino Remoto durante a Pandemia do novo COVID19, a necessidade do isolamento social e a obrigatoriedade da suspensão das aulas presenciais. Considerando que a escola estava alicerçada no modelo analógico, com a sub utilização das novas tecnologias e suas funcionalidades, se viu obrigada a tornar-se digital"

CRITÉRIO DE INCLUSÃO – "Serão participantes da pesquisa os docentes que estiveram em atividade no ensino remoto durante a pandemia do Covid19, do Instituto Federal de Uberlândia no Ensino Médio que desejarem participar da pesquisa"

CRITÉRIO DE EXCLUSÃO – "A cooperação dos participantes na pesquisa é de caráter pessoal e voluntário, portanto, serão excluídos da mesma os docentes e estudantes que não manifestarem o desejo em fazer parte da investigação da pesquisa em educação. Sem nenhum prejuízo ou ônus

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br

Continuação do Parecer: 4.410.348

em relação à declaração expressa em não fazer parte da pesquisa"

Objetivo da Pesquisa:

Segundo o projeto:

OBJETIVO PRIMÁRIO – "Compreender o processo de ensino e aprendizagem efetivado no contexto da Pandemia do Covid-19, mediado pelas tecnologias digitais no Instituto Federal de Uberlândia, MG, Brasil, a partir das vozes dos professores, professoras e estudantes."

OBJETIVO SECUNDÁRIO – "• Identificar e apresentar o cenário da investigação, ou seja, o Instituto Federal de Uberlândia, seus sujeitos e as plataformas digitais utilizadas no contexto da pandemia durante o ensino remoto; • Registrar as vozes dos professores e professoras, da escola investigada, que atuaram na modalidade do ensino remoto, buscando refletir sobre sua formação, seus saberes e fazeres; • Refletir, a partir das vozes dos/as estudantes que vivenciaram essa experiência, como se deu a construção do processo de ensino e aprendizagem possibilitado pelos usos das Tecnologias Digitais durante o ensino remoto."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo os pesquisadores:

RISCOS – "A possibilidade de riscos que os participantes podem sofrer é a de serem identificados. Para que isso não ocorra serão criados pseudônimos para citar os depoimentos dos participantes. Em relação dos estudantes que participarão do Grupo Focal, só poderão participar com a autorização dos pais ou responsáveis. Haverá o compromisso dos pesquisadores com o sigilo absoluto de suas identidades, conforme declarado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)."

BENEFÍCIOS – "Os participantes da pesquisa se beneficiarão pessoalmente e profissionalmente ao colaborarem com a construção e reflexão de uma experiência ímpar para a educação. Reflexões sobre como se deu a construção dos processos, os desafios e a aprendizagem no Ensino Remoto na Educação Básica durante a pandemia do COVID-19. Será uma oportunidade dos participantes terem sua versão dos fatos, transcritos em uma pesquisa em educação, tendo em suas narrativas a possibilidade de contar e Re/lembrar essa história, relatar suas vivências, experiências, e

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br

Continuação do Parecer: 4.410.348

colaborarem na construção de uma pesquisa que poderá contribuir nas práticas educacionais pós-pandemia. Para os estudantes será uma possibilidade de registrar suas vozes, afinal também são protagonistas desse processo."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

METODOLOGIA

(A) Pesquisa qualitativa, método de estudo de caso

(B) Tamanho da amostra

(C) Recrutamento e abordagem dos participantes

(D) Local e instrumento de coleta de dados

"Serão aplicados questionários para professores e professoras do Instituto Federal de Uberlândia. Para aplicação do questionário, utilizaremos [...] a ferramenta Google Forms [...] Na tela inicial do questionário on-line apresentaremos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, explicitando a proposta da pesquisa. Na próxima tela serão apresentadas as questões, [...]"

"[...] Enviaremos também um questionário para os estudantes da escola, com o intuito de registrar suas considerações sobre o ensino remoto [...]"

"[...] Para adensar os dados empíricos faremos entrevistas on-line com os professores e professoras que se disponibilizarem participar da pesquisa e grupo focal on-line com os estudantes [...]"

"[...] as entrevistas orais que serão gravadas se realizada presencialmente e/ou se realizadas de modo virtual pela plataforma do google meet [...]"

(F) Análise dos dados – "[...] Godoy, Arilda Smity (1995 p.20-29) orienta que o estudo de caso tem como técnicas fundamentais de pesquisa a observação e a entrevista. Produz relatórios que apresentam um estilo mais informal, narrativo, ilustrado com citações, exemplos e descrições

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br

Continuação do Parecer: 4.410.348

fornecidos"

CRONOGRAMA – "Envio e captação das respostas de formulário de pesquisa" de 01 a 30/11/2020 e "Convite e entrevistas aos professores especialistas" de 01/02 a 01/03/2021. (PENDÊNCIA 5)

ORÇAMENTO – Financiamento próprio - R\$ 807,00

=====

PENDÊNCIAS

=====

1 - Considerando as seções "6- Critérios de Seleção de Participantes na Pesquisa" e "7- Critérios de Exclusão de Participantes na Pesquisa" apresentadas no Projeto Detalhado, o CEP/UFU solicita a inserção das informações no FORMULÁRIO PLATAFORMA BRASIL.

RESPOSTA PENDÊNCIA 1

"CRITÉRIO DE INCLUSÃO – 6 - Critérios de Seleção de Participantes na Pesquisa" Serão participantes da pesquisa os docentes e alunos que estiveram em atividade no ensino remoto durante a pandemia do Covid19, do Instituto Federal de Uberlândia no Ensino Médio que desejarem participar da pesquisa"

"CRITÉRIO DE EXCLUSÃO – 7- Critérios de Exclusão de Participantes na Pesquisa A cooperação dos participantes na pesquisa é de caráter pessoal e voluntário, portanto, serão excluídos da mesma os docentes e estudantes que não manifestarem o desejo em fazer parte da investigação da pesquisa em educação. Sem nenhum prejuízo ou ônus em relação à declaração expressa em não fazer parte da pesquisa"

ANÁLISE DO CEP - PENDÊNCIA 1 ATENDIDA

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br

Continuação do Parecer: 4.410.348

-
2 - Para o FORMULÁRIO PLATAFORMA BRASIL e para o PROJETO DETALHADO, quanto ao tamanho da amostra:

Considerando as informações apresentadas no Formulário Plataforma Brasil,

(A) seção "Tamanho da Amostra no Brasil = 20",

(B) seção "Informe o número de indivíduos abordados pessoalmente, recrutados, ou que sofrerão algum tipo de intervenção neste centro de pesquisa = 10", e

(C) quadro "Grupos em que serão divididos os participantes da pesquisa neste centro" com ID Grupo = Grupo de Alunos, No de Indivíduos = 10, Intervenções a serem realizadas = Grupo Focal,

O CEP/UFU solicita (2.1) a inserção do número de professores participantes, assim como o número de alunos participantes e (2.2) a padronização das informações nos documentos informados.

RESPOSTA PENDÊNCIA 2

"Serão aplicados questionários para 10 (dez) professores/as e 10 (dez) alunos/as do Instituto Federal de Uberlândia."

ANÁLISE DO CEP - PENDÊNCIA 2 ATENDIDA

3 - Para o FORMULÁRIO PLATAFORMA BRASIL e para o PROJETO DETALHADO, seção Metodologia:

O CEP/UFU solicita a inserção (3.1) da técnica de recrutamento dos participantes (professores e alunos), e (3.2) da abordagem adotada (professores, alunos e responsáveis legais) nos documentos informados; e alerta que o TCLE para os Responsáveis Legais para Menores 18 anos deve ser entregue diretamente aos responsáveis legais, não podendo ser encaminhado pelo aluno.

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br

Continuação do Parecer: 4.410.348

RESPOSTA PENDÊNCIA 3

"Para aplicação dos questionários, solicitaremos que a instituição co-participante encaminhe um convite a comunidade escolar (docentes, discentes e pais) por e-mail, para se manifestarem em resposta ao e-mail o interesse em participar da pesquisa, após enviaremos o link da pesquisa aos que manifestarem interesse em participar."

"Na tela inicial do questionário on-line apresentaremos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido explicitando a proposta da pesquisa, que deverá ser impresso, assinado e encaminhado aos e-mails dos pesquisadores, na próxima tela serão apresentadas as questões (conforme Modelo de Coleta de Dados Questionário/ Modelo de Coleta de Dados Questionário de Discentes anexado na Plataforma Brasil), que abordarão questões relacionadas à formação inicial, formação continuada, experiência na docência, questões relacionadas ao ensino remoto, dificuldades, aprendizado. Os TCLE, o TCLE responsável por menor de 18 anos e o Termo de Assentimento do Menor serão encaminhados diretamente aos responsáveis pelos discentes, deverão ser impressos, assinados a punho, escaneados e encaminhados aos e-mails dos pesquisadores;"

ANÁLISE DO CEP - PENDÊNCIA 3 ATENDIDA

4 - Para o FORMULÁRIO PLATAFORMA BRASIL e para o PROJETO DETALHADO, seção Metodologia:

Considerando o trecho "[...] as entrevistas orais que serão gravadas se realizada presencialmente e/ou se realizadas de modo virtual pela plataforma do google meet [...]" apresentado no Projeto Detalhado,

O CEP/UFU solicita (4.1) a inserção das informações no FORMULÁRIO PLATAFORMA BRASIL, seção Metodologia; assim como (4.2) a inserção do local físico para a realização das entrevistas presenciais para os professores e para os alunos.

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br

Continuação do Parecer: 4.410.348

RESPOSTA PENDÊNCIA 4

"na sequência as entrevistas orais realizado com docentes e grupo focal realizado com os discentes que serão gravadas se realizada presencialmente no campus do IFTM Uberlândia e/ou se realizadas de modo virtual pela plataforma do "google meet."

ANÁLISE DO CEP - PENDÊNCIA 4 ATENDIDA

5 - Para o FORMULÁRIO PLATAFORMA BRASIL e para o PROJETO DETALHADO, seção Cronograma:

O CEP/UFU solicita que o cronograma dos documentos informados seja refeito, "[...] com compromisso explícito do pesquisador de que a pesquisa somente será iniciada a partir da aprovação pelo Sistema CEP-CONEP [...] (Norma Operacional no 001/2013, do Conselho Nacional de Saúde)"

RESPOSTA PENDÊNCIA 5

"Adequação do cronograma no Formulário Plataforma Brasil e Projeto Detalhado, alterando os prazos para envio do questionário de pesquisa aos participantes (docentes e discentes), alteração dos prazos para realização das entrevistas com os docentes, inserção dos prazos para realização do grupo focal alunos e a inserção da informação complementar que a pesquisa só iniciará após aprovação do CEP-CONEP "

ANÁLISE DO CEP - PENDÊNCIA 5 ATENDIDA

6 - Para o FORMULÁRIO PLATAFORMA BRASIL e para o PROJETO DETALHADO, seção Orçamento:

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br

Continuação do Parecer: 4.410.348

Considerando o trecho "Caso o tempo previsto seja maior que 90 minutos, oportunizaremos o lanche de modo gratuito aos participantes" apresentado no TCLE, o CEP/UFU solicita a previsão do lanche no orçamento da pesquisa.

RESPOSTA PENDÊNCIA 6

"Previsão de lanche para os participantes, um suco de caixinha, uma barra de cereal e uma fruta (banana)"

ANÁLISE DO CEP - PENDÊNCIA 6 ATENDIDA

7 - Para os Termos de APRESENTAÇÃO OBRIGATÓRIA:

Considerando que a análise do currículo da equipe executora e a análise dos modelos dos instrumentos que serão utilizados para a coleta de dados fazem parte da análise do protocolo,

O CEP/UFU solicita (7.1) o envio de um arquivo em WORD com o link do Currículo Lattes de todos os pesquisadores ou cópia do currículo simplificado para os pesquisadores que não possuem currículo na Plataforma Lattes; e (7.2) o envio do modelo dos questionários que serão aplicados aos professores e aos alunos participantes.

RESPOSTA PENDÊNCIA 7 - "A equipe executora é composta pelo pesquisador principal e a assistente de pesquisa, o sistema da Plataforma Brasil não salva na seção Equipe Executa esses dois nomes/currículos, desse modo seguindo a orientação de envio em documento em word, seguem abaixo os endereços dos currículos na Plataforma do Lattes; Anexo os formulários de questionários para alunos/as e docentes na Plataforma Brasil."

ANÁLISE DO CEP - PENDÊNCIA 7 ATENDIDA

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br

Continuação do Parecer: 4.410.348

-

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

(D1) Folha de Rosto – Faculdade de Educação UFU

(D2) Termo de Compromisso da Equipe Executora - assinatura de Paula Adriana Vieira da Cunha e rubrica do pesquisador responsável Astrogildo Fernandes da Silva Júnior

(D3) Link Lattes da Equipe Executora

(D4) Declaração Coparticipante – Diretora Substituta – IFTM Uberlândia

(D5) Projeto de Pesquisa

(D6) TCLE do Responsável Legal por menor de 18 anos – 2 páginas

(D7) Termo de Assentimento – 2 páginas

(D8) TCLE – 2 páginas

(D9) Roteiros de entrevista para professores e alunos

(D10) Questionários para professores e alunos

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências apontadas no parecer consubstanciado número 4.380.423, de 4 de novembro de 2020, foram atendidas.

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12, Resolução 510/16 e suas complementares, o CEP manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto. O protocolo não apresenta problemas de ética nas condutas de pesquisa com seres humanos, nos limites da redação e da metodologia apresentadas.

Data para entrega de Relatório Final ao CEP/UFU: Fevereiro de 2022.

* Tolerância máxima de 01 mês para atraso na entrega do relatório final.

Considerações Finais a critério do CEP:

OBS.: O CEP/UFU LEMBRA QUE QUALQUER MUDANÇA NO PROTOCOLO DEVE SER INFORMADA IMEDIATAMENTE AO CEP PARA FINS DE ANÁLISE E APROVAÇÃO DA MESMA.

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br

Continuação do Parecer: 4.410.348

O CEP/UFU lembra que:

- a- segundo as Resoluções CNS 466/12 e 510/16, o pesquisador deverá manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;
- b- poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e documentação pertinente ao projeto.
- c- a aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFU dá-se em decorrência do atendimento as Resoluções CNS 466/12, 510/16 e suas complementares, não implicando na qualidade científica do mesmo.

Orientações ao pesquisador :

- O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 466/12 e 510/16) e deve receber uma via original do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado.
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS 466/12), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS 466/12). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, destacando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprobatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res.251/97, item III.2.e).

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br

Continuação do Parecer: 4.410.348

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1638116.pdf	16/11/2020 08:43:44		Aceito
Outros	MODELODEINSTRUMENTOSDECOLETADEDADOSQUESTIONARIODISCEN TES.doc	15/11/2020 21:01:14	Astrogildo Fernandes da Silva Júnior	Aceito
Outros	MODELODEINSTRUMENTOSDECOLETADEDADOSQUESTIONARIODOCENTES.doc	15/11/2020 21:00:37	Astrogildo Fernandes da Silva Júnior	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	RespostaoParecerConsubiadoCEP.docx	15/11/2020 20:57:24	Astrogildo Fernandes da Silva Júnior	Aceito
Outros	PROJETOPAULAADRIANACOMITEDE ETICA2.docx	15/11/2020 20:54:44	Astrogildo Fernandes da Silva Júnior	Aceito
Outros	MODELODEINSTRUMENTOSDECOLETADEDADOSSENTREVISTADISCENTE S.doc	15/10/2020 22:11:42	Astrogildo Fernandes da Silva Júnior	Aceito
Outros	MODELODEINSTRUMENTOSDECOLETADEDADOSSENTREVISTA.doc	15/10/2020 21:46:44	Astrogildo Fernandes da Silva Júnior	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	15/10/2020 20:40:52	Astrogildo Fernandes da Silva Júnior	Aceito
Declaração de Pesquisadores	documentoufupaula0001.pdf	14/10/2020 07:40:45	Astrogildo Fernandes da Silva Júnior	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracaoinstituicaoocoparticipante.pdf	14/10/2020 07:33:33	Astrogildo Fernandes da Silva Júnior	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOPAULAADRIANACOMITEDE ETICA.docx	11/10/2020 17:41:08	Astrogildo Fernandes da Silva Júnior	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Modelo_TCLE_responsavel_pormenore18anos2020julho0.doc	11/10/2020 17:36:53	Astrogildo Fernandes da Silva Júnior	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ModeloTCLE2020julho.doc	11/10/2020 17:35:45	Astrogildo Fernandes da Silva Júnior	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Modelo_Termo_ASSENTIMENTO_MENOR_12_a_18_anos_2020_julho_0.doc	11/10/2020 17:05:38	Astrogildo Fernandes da Silva Júnior	Aceito

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica

Bairro: Santa Mônica

CEP: 38.408-144

UF: MG

Município: UBERLÂNDIA

Telefone: (34)3239-4131

Fax: (34)3239-4131

E-mail: cep@propp.ufu.br

Continuação do Parecer: 4.410.348

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

UBERLANDIA, 19 de Novembro de 2020

Assinado por:
Karine Rezende de Oliveira
(Coordenador(a))

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica

Bairro: Santa Mônica

CEP: 38.408-144

UF: MG

Município: UBERLANDIA

Telefone: (34)3239-4131

Fax: (34)3239-4131

E-mail: cep@propp.ufu.br